



O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Universidade da Beira Interior

Ciências Sociais e Humanas

**O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico**

**Relatório de Estágio no Penina Hotel & Golf Resort**

**Mariana Tavares Valério Castanho**

Relatório para obtenção do grau de Mestre em

**Relações Internacionais**

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Alcino Pinto Couto

Covilhã, outubro de 2017

## Resumo

Com o avanço tecnológico, as economias mundiais tornaram-se frágeis e dependentes entre si. Assim, a crise de 2008, que surgiu nos Estados Unidos da América, veio abalar o equilíbrio e as economias à escala global. Contudo, as consequências deste abalo não se resumiram a fatores económicos mas também afetaram a estabilidade política e social dentro dos países.

Consequência da globalização, uma das indústrias em que muitos países se apoiam é o setor turístico, como forma de obter receitas, divisas e de atrair investimento. Mas o turismo revela-se muito frágil em situações de instabilidade política e social e atualmente tem-se demonstrado como um dos alvos principais de ataques terroristas.

Entre os países que sentiram dificuldades pós 2008, tanto a nível económico, político e social, que impactaram o turismo do país, encontram-se o Egito e a Turquia. Com a compreensão do impacto da crise nos vários níveis da sociedade egípcia e turca é possível que se tenha gerado um efeito de substituição para o turismo.

Portugal, nomeadamente, o Algarve foi um dos destinos turísticos, à escala global, que cresceram no pós-2008. Ainda que não se consiga comprovar, sem qualquer tipo de dúvida, que o crescimento do setor turístico tenha sido devido ao surgimento de um efeito de substituição no Egito e Turquia, não deixa de ser uma possibilidade, já que estes são países “concorrentes”, promovendo turismo de praia na zona mediterrânica.

Pretende-se com o presente trabalho lançar alguma luz sobre este fenómeno, procurando evidenciar a correlação entre as crises no Egito e na Turquia, e o crescimento do turismo em Portugal, designadamente no Algarve.

## Palavras-chave

Algarve; Egito; Turquia; Turismo; Crise de 2008; Económica; Social; Política

## Abstract

With the advance of technology the world economies became fragile and interdependent. Therefore, the 2008 crisis, which began in the United State of America, has shaken the equilibrium and the economies on a global scale. However, the consequences of the shock were not limited to economic factors but also affected the political and social stability within the countries.

Has a consequence of the globalization, one of the industries in which many countries rely on is the touristic sector as a way to obtain revenues, foreign exchange and attract investment. But tourism has proved to be very fragile in situations of political and social instability and has now proven itself as a prime target for terrorist attacks.

Among the countries that experienced difficulties since 2008, in economic, political and social aspects, which have impacted the country's tourism, are Egypt and Turkey. With the understanding of the impact of the crisis on the various levels of the Egyptian and Turkish society it is possible that they have generated a substitution effect for tourism.

In Portugal, in particular, the Algarve was one of the touristic destinations, on a global scale, which grew in the post 2008. Although it cannot be verified, without any shadow of a doubt, that the growth of the tourism sector was due to a substitution effect in Egypt and Turkey, is still a possibility as these are "competing" countries, promoting beach tourism in the Mediterranean area.

The objective of the current document is to shed some light over this phenomenon, seeking to highlight the correlation between the Egyptian and Turkish's crisis, and the growth of tourism in Portugal, namely in Algarve.

## Keywords

Algarve; Egypt; Turkey; Tourism; 2008 Crisis; Economic; Social; Political

# Índice

Resumo .....	ii
Palavras-chave .....	ii
Abstract.....	iii
Keywords .....	iii
Acrónimos .....	viii
1. Introdução .....	10
2. Enquadramento teórico.....	12
2.1. Revisão da literatura.....	13
3. Metodologia.....	17
4. Enquadramento temático .....	19
4.1. Egito .....	21
4.1.1. Aspetos Económicos.....	21
4.1.2. Conflitos Políticos .....	25
4.1.3. Social e o impacto no turismo.....	31
4.2. Turquia .....	38
4.2.1. Aspetos Económicos.....	38
4.2.2. Conflitos Políticos .....	45
4.2.3. Social e o impacto no turismo.....	50
4.3. Portugal .....	55
4.3.1. Aspetos Económicos e Sociais .....	55
4.3.2. Algarve .....	61
4.3.2.1. O Turismo no Algarve .....	61
4.3.2.2. O Penina Hotel & Golf Resort.....	63
5. Estágio.....	74
5.1. O Penina Hotel & Golf Resort .....	74
5.2. Atividades desenvolvidas .....	74

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

6.	Conclusão .....	76
7.	Bibliografia.....	78
8.	Anexos .....	85

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Evolução das reservas de divisas egípcias (Cook, 2014) .....	22
Gráfico 2 - Crescimento do PIB turco de 1998 a 2012 (Karagöl, 2013, p. 117) .....	39
Gráfico 3 - Evolução da chegada de turistas à Turquia de 2006 a 2016 (Hacaoglu et al., 2016) .....	53
Gráfico 4 - Crescimento do PIB de Portugal de 2010 a 2012 (Pettinger, 2012) .....	58
Gráfico 5 - Evolução do desemprego em Portugal de 2002 a 2012 (Pettinger, 2012).....	60
Gráfico 6 - Nacionalidade dos Inqueridos.....	64
Gráfico 7 - Resposta à 1ª pergunta, população masculina.....	64
Gráfico 8 - Resposta à 1ª pergunta, população feminina .....	65
Gráfico 9 - Resposta à 2ª pergunta, população masculina.....	65
Gráfico 10 - Resposta à 2ª pergunta, população feminina.....	66
Gráfico 11 - Resposta à 3ª pergunta, população masculina .....	66
Gráfico 12 - Resposta à 3ª pergunta, população feminina.....	67
Gráfico 13 - Resposta à 4ª pergunta, população masculina .....	68
Gráfico 14 - Resposta à 4ª pergunta, população feminina.....	68
Gráfico 15- Resposta à 5ª pergunta, população masculina .....	69
Gráfico 16 - Resposta à 5ª pergunta, população feminina.....	69
Gráfico 17 - Resposta à pergunta 5.1, população masculina.....	70
Gráfico 18 - Resposta à pergunta 5.1, população feminina .....	71
Gráfico 19 - Resposta à 6ª pergunta, população masculina .....	71
Gráfico 20 - Resposta à 6ª pergunta, população feminina.....	72
Gráfico 21 - Evolução do número de turistas no Egito (The World Bank, n.d.) .....	86
Gráfico 22 - Evolução do número de turistas na Turquia (The World Bank, n.d.).....	87
Gráfico 23 - Evolução do número de turistas em Portugal (The World Bank, n.d.) .....	87
Gráfico 24- Taxa de crescimento do PIB e emprego português de 2007 a 2013 (Pedroso, 2014, p. 10).....	88

## Índice de Tabelas

Tabela 1 - Evolução do número de turistas no Penina Hotel & Golf Resort, por ano .....	20
Tabela 2 - Resultado das eleições de 2002 e 2007 (Keskin et al., n.d., p. 197) .....	45
Tabela 3 - Informação económica do Egito de 2011 a 2015 (Focus Economics, 2017) .....	85
Tabela 4- estímulos fiscais no Egito de 2002 a 2013 (Badru, n.d., p. 15) .....	86

## Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Áreas em que decorreu o estágio .....	74
--	----

## Acrónimos

ABTA - Associação Britânica das Agências de Viagens

AKP - Adalet ve Kalkınma Partisi (Partido da Justiça e do Desenvolvimento)

ATAPI - Agência Turca de Apoio e Promoção do Investimento

BES - Banco Espírito Santo

BPN - Banco Português de Negócios

BPP - Banco Privado Português

CEM - Crise Económica Mundial

CHP - Cumhuriyet Halk Partisi (Partido Republicano do Povo)

CMVT - Conselho Mundial de Viagens e Turismo

DP - Demokrat Parti (Partido Democrático)

EAU - Emirados Árabes Unidos

EIIL - Estado Islâmico do Iraque e do Levante

ONS - Escritório para a Estatística Nacional

FMI - Fundo Monetário Internacional

IDE - Investimento Direto Estrangeiro

IM - Irmandade Muçulmana

INE - Instituto Nacional de Estatística

IPDT - Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo

MÜSIAD - Müstakil Isadamlari Dernegi (Associação de Industriais e Empresários Independentes)

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OMT - Organização Mundial de Turismo

ONGs - Organizações Não Governamentais

PAE - Programa de Ajustamento Estrutural

PDN - Partido Democrático Nacional

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

PIB - Produto Interno Bruto

PKK - Partiya Karkerên Kurdistanê (Partido dos Trabalhadores do Curdistão)

PLJ - Partido da Liberdade e Justiça

PMI - Purchasing Managers' Index

PMEs - Pequenas e Médias Empresas

RTA - Região de Turismo do Algarve

TUSKON - Türkiye İşadamları ve Sanayiciler Konfederasyonu (Confederação Turca de Industriais e Empresários)

# 1. Introdução

Com o desenvolvimento da indústria, muitas economias tornaram-se dependentes do turismo, como forma de obter receitas, divisas e atrair investimento. Contudo, recentemente os destinos mais atrativos para turistas, juntamente com os turistas em si, têm ganho especial atenção como alvo de ataques terroristas. Para além da queda da chegada de turistas, o terrorismo, pode ainda levar a uma queda do investimento, aumento de custos com reconstrução, aumento de dispositivos de segurança e recaptação dos turistas (Drakos and Kutan, 2003, p. 621; Neumayer and Plümper, 2016, p. 196).

No entanto o terrorismo não é a única possível causa da queda do setor turístico, a verificação de instabilidade política poderá, igualmente, levar ao evitamento do país.

Segundo (Drakos and Kutan, 2003, pp. 625-626) “Qualquer aumento em incidentes terroristas em um determinado país, causando um risco relativamente superior, traz um efeito de substituição desse país para locais com risco inferior.”. Nessa perspetiva, o presente relatório procura analisar o possível efeito de substituição do Egito e da Turquia, como destino turístico, por Portugal, com especial foco no *spillover* na área do Algarve. No caso egípcio devido à instabilidade política verificada pós Primavera Árabe e no caso turco devido ao aumento de atos terroristas, em parte pelo PKK.

Contudo, no caso de um possível efeito de substituição que beneficie o Algarve, este pode ainda ser um efeito de substituição de curto prazo, que aguarda apenas a resolução dos problemas no primeiro país, ou de longo prazo em que o impacto foi tão grande que os turistas não tencionam regressar no futuro próximo.

O estágio curricular no Penina Hotel & Golf Resort nas áreas de Food & Beverage, Guest Relations, Reservas e Front-Office teve na base da escolha do tema para o presente relatório. Durante o período de estágio foi possível constatar que no pós 2008, esta entidade registou um crescimento significativo no seu negócio. Assim tornou-se relevante compreender a origem destes novos turistas e se um crescimento que se vai prolongar ou se é algo momentâneo, tanto para a região algarvia em geral, como para o Penina Hotel & Golf Resort.

A razão por trás da escolha do Egito e Turquia deve-se à “concorrência” entre estes pelo mesmo mercado: na área mediterrânica com uma forte componente de turismo de praia. Ainda que não se possa excluir a importância de existência de “dificuldades” nestes dois países analisados.

De forma a realizar uma análise e contextualização da situação económica, política, social e do turismo destes três países recorreu-se, na sua maioria, a artigos e documentos de fonte secundária.

Para compreender a preferência e o que importante para os turistas na altura de escolher um destino de férias, de uma forma mais direta, foi aplicado um questionário (ver anexo 1) a clientes do Penina Hotel & Golf Resort, durante os meses de janeiro a março de 2017.

O presente relatório divide-se da seguinte forma:

- Capítulo 1 - Introdução: apresentação do tema e da sua relevância para a região algarvia e para o local de estágio, a importância do tema, as fontes utilizadas e a organização do presente relatório;
- Capítulo 2 - Enquadramento teórico: exposição dos fundamentos teóricos base para a compreensão do trabalho e abordagem seguida juntamente com uma descrição do estado de arte utilizado e desenvolvido nesta área;
- Capítulo 3 - Metodologia: capítulo dedicado a uma descrição mais detalhada dos métodos utilizados para o desenvolvimento do restante trabalho, incluindo a composição do questionário utilizado;
- Capítulo 4 - Enquadramento Temático: com uma introdução referente aos três países e posteriormente dividido em três. Começando pelo Egito, avançando para a Turquia e acabando em Portugal. À exceção deste último, cada país divide-se em aspetos económicos, políticos, sociais e turismo. No caso português a divisão foi feita entre aspetos económicos e sociais, o turismo algarvio e em seguida os resultados do questionário;
- Capítulo 5 - Estágio: apresentação da empresa e descrição das atividades desempenhadas durante a duração do estágio curricular;
- Capítulo 6 - Conclusão: exposição das conclusões retiradas combinada com recomendações para futuro desenvolvimento e investigação, e limitações da pesquisa e trabalho desenvolvido.

## 2. Enquadramento teórico

O turismo, como todas as atividades económicas está dependente do clima internacional, aliás, devido à sua natureza, o turismo torna-se ainda mais sensível às alterações no panorama internacional.

Considerando que as teorias tradicionais das relações internacionais são incapazes de considerar todas as variáveis envolvidas e que impactam o setor turístico, para o desenvolvimento do presente relatório segue-se a abordagem da Política Económica Internacional.

Por Política Económica Internacional entenda-se uma tentativa de compreender as questões internacionais e globais através da interação de instrumentos analíticos e perspectivas teóricas das Relações Internacionais e Economias Internacionais. Por trás da importância de considerar tanto a área política como económica encontra-se o impacto que estas têm entre si afetando assim as medidas da outra área. Apesar do destaque das ciências políticas e económicas as ciências sociais também são consideradas (Veseth, n.d., p. 1).

Este conceito ganhou destaque na década de 70 quando, através de várias crises incluindo o embargo petrolífero árabe, pós fim ao período de prosperidade e crescimento do pós-guerra na Europa e Estados Unidos da América (Cohen, 2008).

Apesar da relevância e da importância do setor turístico para a economia mundial, continua a não existir um consenso relativamente à sua definição. Assim, para o presente relatório, o conceito a considerar é apresentado pela Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas que define turismo como: “Turismo consiste nas atividades de pessoas a viajar para e a permanecer em lugares fora dos seus ambientes habituais por um período consecutivo não superior a um ano por lazer, negócios e outros fins“ (Ugurlu, 2010).

Relativamente ao conceito de turista selecionou-se a definição de (“tourist Meaning in the Cambridge English Dictionary,” n.d.) que o apresenta como “alguém que visita um local por prazer e interesse, geralmente durante as férias”.

Considerando que o tema do presente relatório se foca no efeito de substituição é essencial esclarecer o que se entende por este conceito. Segundo (“What is substitution effect?,” n.d.) o efeito de substituição pode ser definido como “efeito causado pelo aumento no preço que induz o consumidor (cujo rendimento continua igual) para comprar mais de produto com um preço relativamente menor e menos do de preço superior. O efeito de substituição é sempre negativo para o vendedor: os consumidores sempre passam de gastar em produtos de elevado preço para os de preço mais reduzido numa tentativa de manter o nível de vida diante o aumento de preços.”.

Apesar da definição ser focada em bens e no seu valor, o efeito de substituição pode igualmente ser aplicado ao turismo apostando numa abordagem de troca de uma área turística por outra, por variadíssimos motivos, entre os quais motivos securitários e políticos. Sendo ainda importante destacar que o efeito de substituição pode tanto apresentar efeitos apenas a curto prazo como também existem casos em que as consequências são sentidas a longo prazo.

Considerando que se vai ter em atenção o efeito das crises, tanto pelo Egito, como pela Turquia, sentido no setor turístico dos respetivos países, entenda-se por crise “evento crítico ou ponto de decisão que, se não for tratada de forma apropriada e oportuna (ou se não for tratada de todo), pode se transformar num desastre ou catástrofe” (“What is crisis?” n.d.).

Como ponto de partida, a nível temporal, para o presente relatório, considera-se a Crise Económica Mundial, que teve início no final do ano de 2007, começo do ano de 2008, com a falência do *Lehman Brothers*, nos Estados Unidos da América.

## 2.1. Revisão da literatura

Apesar de todo o contributo e trabalho desenvolvido pelos estudiosos o impacto de crises no turismo egípcio, turco e português numa perspetiva de efeito de substituição é ainda uma área pouco explorada.

Contudo a bibliográfica existente confirmar que existe uma relação entre o aumento de terrorismo e a redução nas receitas e visitantes do setor turístico (Drakos and Kutan, 2003, p. 623; Neumayer and Plümper, 2016, p. 196).

Para o desenvolvimento deste relatório o foco centra-se no possível efeito de substituição do Egito e Turquia como destino turístico por Portugal, em especial o Algarve, tanto por motivos securitários, mas também por motivos económicos, políticos e sociais.

O conceito de Política Económica Internacional, apesar de se ter desenvolvido ao longo dos anos, tem-se revelado relativamente uniforme (Falkner, 2011; Veseth and Balaam, n.d.), contudo para o trabalho em questão a definição considerada é (Veseth, n.d.).

Em termos de conceito de turismo, apesar de existirem variadíssimas definições (“Good one to know!,” n.d.; Middleton, 2015), para o relatório em questão é utilizada a versão da Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas (Ugurlu, 2010). Relativamente à definição de turista, igualmente sem um conceito fixo (Middleton, 2015; “tourist,” n.d.), recorreu-se à versão apresentada em (“tourist Meaning in the Cambridge English Dictionary,” n.d.).

Apesar de ser um conceito com uma definição mais uniforme, continuam a ser apresentadas versões, umas mais simples e simplificadas, outras mais complexas e mais desenvolvidas do efeito de substituição (*The Substitution Effect in Macroeconomics*, n.d., “What is Substitution Effect?,” n.d.). Para o presente relatório a definição a ser considerada é apresentada por (“What is substitution effect?,” n.d.) ainda que o conceito seja apenas o ponto de partida para uma “adaptação” para o turismo.

Para o conceito de crise, um conceito relativamente definido, (“crisis Meaning in the Cambridge English Dictionary,” n.d., “Definition of CRISIS,” n.d.), optou-se pela definição apresentada pelo Business Dictionary (“What is crisis?,” n.d.).

Em termos económicos as fontes podem ser divididas entre as fontes relativas ao Egito, à Turquia e a Portugal. E dentro das seções de cada país divide-se ainda em documentos maioritariamente de carácter económico, político, social e turístico.

Os autores e documentos que se debruçam sobre a evolução da economia egípcia, de modo geral concordam que a CEM não teve graves consequências para o Egito (Badru, n.d.; Ibrahim, 2011) já que no período antecedendo a crise, o Egito tinha aplicado reformas no seu sistema económico. Contudo após a revolta da Primavera Árabe a situação económica do Egito deteriorou-se, entrando num ciclo vicioso. (Abdou and Zaazou, 2013; Adly, 2015; Cook, 2014; “Egypt’s Economic Crisis,” 2012; Focus Economics, 2017; Kingsley, 2013; Sillars, 2013) Debruçaram-se sobre os efeitos económicos sentidos após estes marcos históricos.

Considerando o clima de instabilidade política sentido no Egito principalmente após a Primavera Árabe, tanto os autores e as fontes consultadas defendem que após 2011 o Egito entrou num período especialmente conturbado marcado pela luta pelo poder entre partidos e as forças armadas. As fontes podem ser divididas consoante a perspetiva mais económica (Abdou and Zaazou, 2013; Nagarajan, 2013) ou mais social (Bush, 2013; “Egypt profile - Timeline,” 2017, “Egypt Uprising of 2011 | Britannica.com,” 2016; Manfreda, 2014).

Relativamente às relações com o mundo exterior e os restantes países, de forma geral, o Egito não enfrentou grandes dificuldades. Sendo que (Al Jazeera, 2015; “Egypt profile - Timeline,” 2017; Hacaoglu et al., 2016; Pombo, 2016; Weheba, 2013) defendem que estas se centraram em terrorismo e segurança dos turistas.

Como já foi apontado, de forma geral, os estudiosos debruçados nesta área defendem que, por trás de toda a agitação antes e pós 2011, existiam vários fatores sociais, nomeadamente o desemprego, o custo crescente dos bens de consumo em especial comida, e a pobreza experienciada pela população. Porém também há uma concordância sobre o crescente impacto dos ataques terroristas na população, tanto a nível direto como através do turismo (Bush, 2013; Henderson, 2013; Kingsley, 2013; Korotayev and Zinkina, 2011; Lowrey, 2011; “Timeline: Egypt’s revolution - Al Jazeera English,” 2011; Walsh, 2016).

Finalmente, no caso do turismo egípcio que até à CEM, segundo as fontes, era um setor expansão, após a Primavera Árabe e o aumento do terrorismo este setor sentiu uma grande queda (Blomfield and Henderson, 2011; Fahim, 2014; Gayle, 2016; Kingsley, 2014a; Kortam and Masriya, 2015; Popova, 2011).

Tal como foi feito para o caso egípcio, também na Turquia as fontes foram divididas entre fontes maioritariamente económicas, políticas, sociais e turísticas.

Independentemente das variações/interpretações dos autores, as fontes concordam que, em geral, a economia turca atravessou um período positivo, até o início dos anos 2010s, devido aos esforços de modernização. Porém as fontes também concordam que com a CEM alguns setores da economia turca começaram a sentir dificuldades, nomeadamente a nível de taxas de juros e desvalorização da moeda (Acemoglu and Robinson, 2013a; Arango, 2014; Cafariello, 2013; Karagöl, 2013; Macovei, 2009; Öztürk, 2011).

Apesar das diferentes abordagens, algumas mais numa perspetiva mais económica (Acemoglu and Robinson, 2013a; Cafariello, 2013; Karagöl, 2013; Macovei, 2009; Öztürk, 2011), outras numa perspetiva mais social (“A novelist and a journalist come to terms with the new Turkey,” 2016; Arango, 2014; “Goodbye, ‘Republic,’” 2016, “Turkey locks up dissidents,” 2016) existe um entendimento entre os autores relativamente à evolução e mais recente radicalização do governo turco.

Em termos de relações com o mundo exterior pode-se realizar uma divisão entre relações com países e órgãos oficiais (Hacaoglu et al., 2016; Kayaoğlu, 2015; Lowen, 2016; Vyatkin, 2016) e relações com minorias e terrorismo (Hacaoglu et al., 2016; Kayaoğlu, 2015; Lowen, 2016; “Turkey locks up dissidents,” 2016; Vyatkin, 2016).

É termo assente para a generalidade dos estudiosos debruçados na área social da Turquia que, com o avançar do governo do presidente Erdoğan, têm-se registado um aumento de insatisfação e repressão, fragmentação da sociedade, terrorismo e agitação social (“A novelist and a journalist come to terms with the new Turkey,” 2016; Arango, 2014; “Goodbye, ‘Republic,’” 2016; Karagöl, 2013; Kozok et al., 2016; “Turkey locks up dissidents,” 2016).

No caso turco, tal como no caso egípcio, existe uma forte base de autores e estudiosos já debruçados sobre a evolução do turismo, um setor importante para a economia do país. Apesar da análise profunda ao impacto do terrorismo no turismo e a evolução deste setor (Ashdown, 2016; Coldwell, 2016; Coşan, 2016; Davies, 2016; Feridun, 2011; Gayle, 2016; Kozok et al., 2016; Lowen, 2016; Mullen, 2016; Vyatkin, 2016), o foco é quase exclusivamente nas consequências na sociedade turca, não se preocupando assim com o efeito de substituição, ainda que em alguns casos sejam referidos países que terão registado um crescimento do setor.

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Devido à diferente abordagem seguida na seção destinada a Portugal, também a revisão da literatura tem uma estrutura diferente.

De forma geral os autores concordam que Portugal sentiu dificuldades com a crise de 2008. Contudo algumas fontes defendem que as dificuldades económicas portuguesas começaram ainda antes da crise (Amaral, 2009; “Entenda melhor a crise econômica de Portugal,” 2011; Gandra, n.d.; Pedroso, 2014).

Apesar de a maioria dos autores focarem o seu trabalho numa perspetiva mais económica, (Amaral, 2009; Evans-Pritchard, 2014; Lynn, 2015; Pettinger, 2012), alguns autores optaram por dar destaque às questões sociais (Faget, 2015; Gandra, n.d.).

Porém (Pedroso, 2014) apresenta tanto as questões económicas como também destaca as consequências sociais provenientes das medidas de austeridade utilizadas para combater a crise.

Independentemente da existência de dados relativamente à evolução do turismo em Portugal, durante o período a ser estudado, a literatura dedicada ao turismo algarvio é algo limitada.

Contudo a literatura existente concorda que no período em questão o turismo português, e especialmente algarvio, tem registado um forte crescimento. A maioria das fontes focou-se no crescimento numa perspetiva mais económica (De Beer, 2016; Fernandes, 2011; “Tourism activity is increasing,” 2017), sendo que (“Algarve tourism enjoys best year in recent times,” 2014; Bratley, 2016) foram das fontes que mais destaque deram ao Algarve. Já (Gayle, 2016) foca-se numa perspetiva de substituição/beneficiado das crises sentidas no Egito, Turquia e Tunísia.

Porém (“Turismo resiste à crise, mas é preciso melhorar a atratividade,” 2015), ainda que não se foque no Algarve, destaca a necessidade de continuar a apostar no desenvolvimento do setor e atração de turistas, ponto a destacar numa situação de efeito de substituição.

### 3. Metodologia

Com este trabalho tenta-se dar resposta à pergunta: As crises económicas, sociais e políticas, a partir de 2008, que afetaram o Egito e Turquia permitiram uma expansão do turismo algarvio?

Para esta pergunta desenvolveu-se as seguintes três hipóteses:

- As crises nestes países não revelaram grande impacto na procura do Algarve como destino turístico, não gerando qualquer tipo de efeito de substituição;
- Apesar da sua própria crise económica, o Algarve mostrou-se como um dos beneficiadores do efeito de substituição, a nível do setor turístico, das crises sentidas no Egito e Turquia;
- As crises nestes países despoletaram um sentimento de insegurança que afeta o setor turístico independentemente do país. Ou seja, não é possível desenvolver um efeito de substituição.

Por trás destas hipóteses encontra-se o possível impacto da crise económica, mas também da instabilidade política e agitação social na mente dos possíveis turistas aquando da escolha do destino turístico.

Devido aos temas analisados os dados seguem, na sua maioria, uma análise quantitativa ainda que se tenha mantido uma certa margem para uma análise mais qualitativa.

Para o desenvolvimento do presente trabalho recorreu-se principalmente a fontes documentais secundárias tanto de origem institucionais, nacionais, como internacionais.

Apresentam-se ainda dados de fonte primária nomeadamente o questionário apresentado a hóspedes do Penina Hotel & Golf Resort (ver anexo 1) e dados facultados por esta entidade referentes à evolução dos seus números de clientes.

Recorreu-se ao uso de dados estatísticos tanto disponíveis em sítios como pordata, mas também a dados facultados pelo Hotel Penina & Golf Resort, relativamente à evolução estatística anual de número de clientes, desde o ano de 2008 até ao ano 2015, por se tratar dos dados mais recentes disponíveis.

O questionário foi apresentado de forma aleatória a hóspedes do Penina Hotel & Golf Resort durante os meses de janeiro a março de 2017. A amostra (n) é constituída por 44 questionários.

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

O questionário foi construído com recurso, na sua maioria, a perguntas fechadas, 6, ainda que possua uma área de resposta aberta para comentários e uma pergunta que se pode considerar semifechada.

A escolha recaiu sobre um questionário devido à possibilidade dos inquiridos manterem a anonimidade e de responderem quando lhes é conveniente; permite uma análise mais eficiente; e devido à standardização reduz o enviesamento provocado pelos intervenientes. Contudo a interpretação entre os inquiridos pode variar gerando respostas “incorretas”; os mesmos poderão não prestar muita atenção ao questionário, dando uma resposta apressada; o questionário poderá não ser respondido da forma como tinha sido planeado; e informação importante poderá ser perdida devido à impossibilidade de responder abertamente.

## 4. Enquadramento temático

O século XXI tem-se revelado marcado por várias crises, normalmente multifacetadas, tendo origem em questões económicas, ou problemas de natureza social, política ou militar, aspetos esses que rapidamente se entrecruzam, sendo muitas vezes de difícil separação e controlo. Devido à sua importância e impacto, é essencial dar uma particular importância à Crise Económica Mundial com começo em princípios de 2008, tendo-se então optado por considerar este como o ano de início para o intervalo analisado, sendo datada de 7 de março de 2017 a fonte mais recente analisada.

Embora a Turquia tenha sido afetada por uma crise económica ainda no decorrer do ano de 2001, e esse problema de algum modo possa ter condicionado a evolução do país ao longo de todo o presente século, considerou-se mais lógico iniciar o intervalo temporal com a crise de 2008, como forma de encontrar um período temporal com consequências/fatores de relevo comparáveis para os três países analisados.

Por se mostrar como o destino por excelência de turismo em Portugal considera-se lógico a inclusão do Algarve num estudo do impacto das crises no setor turístico; relativamente aos outros países incluídos no estudo, optou-se pela análise de países:

- Fortemente dependentes do setor turístico;
- Tenham revelado crises a nível tanto social como político e económico;
- O fato de serem países “concorrentes” em termos turísticos;
- O turismo de praia apresenta destaque, apesar de não ter de ser o principal ou o único tipo de turismo sentido no país.

Assim o Egito e Turquia evidenciaram-se como as escolhas mais coerentes.

Segundo as estatísticas fornecidas por (The World Bank, n.d., n.d., n.d.)(ver anexos - gráfico 21) para o período de 2008 a 2014, no caso egípcio, apesar de iniciar o período com um aumento no número de visitantes, com a chegada da década de 2010 o Egito registou uma forte quebra no seu número de turistas, passando de 14.051.000 visitantes em 2010 para 9.628.00 em 2014, valor que nem alcança o registado no ano de 2008, 12.296.000. Os fatores que levaram a esta realidade serão analisados na seção 3.1. Sendo que no ponto 3.1.3. também se analisam as consequências destes fatores e a evolução do turismo egípcio.

Já a Turquia, segundo os dados disponibilizados pela mesma fonte (The World Bank, n.d.) (ver anexos - gráfico 22) foi um caso de claro crescimento do setor turístico registando 29.792.000 turistas em 2008 e sendo que em 2014 alcançou 39.811.00 turistas. No entanto pode-se prever que desde a última entrada presente neste estudo, que o número de turistas a

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

optar pela Turquia tenha diminuído ou pelo menos abrandado no crescimento pelos motivos desenvolvidos na seção 3.2.. A análise da evolução e reação do turismo turco tomará destaque na seção 3.2.3..

No caso português, de acordo com (The World Bank, n.d.)(ver anexos - gráfico 23) o intervalo considerado apresenta uma descida do número de turistas na passagem de 2008 para 2009, sendo que para 2008 se registaram 6.962.000 turistas e em 2009 6.439.000 turistas. No entanto, é importante salientar que a partir do ano de 2009 o número de turistas recebidos tem verificado um aumento gradual e consistente ao longo dos anos até ao ano de 2014 (último ano apresentado na fonte) que registou 9.092.000, que poderá ser consequência do efeito de substituição proveniente das crises sentidas pelo Egito e Turquia.

Relativamente ao Penina Hotel & Golf Resort, em 2008 registou-se um total de 66.621 turistas, contudo apesar de se verificar um crescimento no número de turistas na passagem para o ano de 2009, nos anos posteriores verificou-se uma queda significativa no número de turistas, sendo que no ponto mais baixo (2013) verificou-se uma queda de 2,21% relativamente a 2008. Após este período mais conturbado, o Penina Hotel & Golf Resort passou por um período de forte crescimento até ao último com ano dados disponíveis (2015) com 75.383 turistas.

Após a recolha e avaliação dos dados conclui-se que, no caso de Portugal, não se justifica a inclusão dos parâmetros crise política e social porque, embora a crise económica global de 2008 se tenha feito sentir, e continuem ainda a ser evidentes os seus efeitos, o país gozou sempre de estabilidade política, durante o período em análise. Já no aspeto social a questão, foi mais sentida, mas optou-se por incluir essa análise num único ponto, em conjunto com os aspetos económicos porque, no caso concreto de Portugal, os problemas económicos e sociais são como que as duas faces de uma mesma moeda, encontrando-se perfeitamente interligados. Sendo assim, os aspetos económicos e sociais serão analisados na seção 3.3.1. e na seção 3.3.2. o Algarve tomará foco sendo dividido em turismo algarvio, na seção 3.3.2.1. e mais especificamente o Penina Hotel & Golf Resort no ponto 3.3.2.2..

Ano	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Nº turistas	66.621	70.286	66.188	68.791	65.469	65.149	70.486	75.383
Crescimento comparando com 2008		5,50%	-0,65%	3,26%	-1,73%	-2,21%	5,80%	13,15%
Crescimento comparado com o ano anterior		5,50%	-5,83%	3,93%	-4,83%	-0,49%	8,19%	6,95%

Tabela 1 - Evolução do número de turistas no Penina Hotel & Golf Resort, por ano

## 4.1. Egito

### 4.1.1. Aspetos Económicos

Apesar do grande potencial da economia egípcia, potencial que a poderia elevar ao top 10 das economias mundiais numa geração (“Egypt’s Economic Crisis,” 2012), esta tem enfrentado várias dificuldades, em especial desde a renúncia do presidente Hosni Mubarak a 11 de fevereiro de 2011 no seguimento da Primavera Árabe.

Ainda que as dificuldades a nível económico só se tenham intensificado após fevereiro de 2011, a CEM fez sentir com dureza o seu impacto na economia do Egito, sendo evidentes os seguintes fatores:

- Abrandamento do crescimento do PIB de 7,2% em 2008 para 4,7% em 2009 e 4,2% em 2015 (ver anexos - tabela 3), continuando ainda a ser um dos países que melhor superaram a recessão (Korotayev and Zinkina, 2011, p. 140; Lowrey, 2011);
- Diminuição do investimento tanto a nível interno como IDE, fomentado pela queda/venda das ações logo nos primórdios da crise (Badru, n.d., p. 8);
- Retorno de emigrantes, que conseqüentemente leva a uma diminuição das remessas recebidas;
- Maior pressão na balança de pagamentos;
- Colapso do mercado de capital;
- Abrandamento do crescimento dos setores económicos, especialmente o setor turístico, manufaturação e do canal do Suez;
- No período entre 2008/2009 o déficit orçamental cresceu para mais de 8% do PIB, em especial devido ao abrandamento do crescimento dos setores de exportação (setores apresentados no ponto anterior) (Ibrahim, 2011, pp. 2-3); mas também devido à tentativa do governo de amenizar algumas conseqüências nefastas da CEM através de investimento (ver anexos - tabela 4), sendo que em 2009 os gastos atingiram os 28% do PIB enquanto que as receitas recuaram para 19.3% (Badru, n.d., pp. 7-8).

Com o início da revolta de 2011 a economia egípcia sofreu um forte abalo. (“Egypt’s Economic Crisis,” 2012) afirma mesmo que se chegou a recear que em março de 2012 a reserva de divisas se esgotasse, após uma queda de quase 26 biliões de dólares relativamente aos valores registados antes de janeiro de 2011, altura em que se registava uma reserva a rondar os 35 biliões de dólares (Abdou and Zaazou, 2013, p. 98; Adly, 2015; Cook, 2014). De acordo com (Cook, 2014), na altura as reservas de divisas egípcias rondavam os 16 ou 17 biliões de dólares, valor que se encontrava perigosamente próximo da reserva mínima de

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

divisas de 15 biliões de dólares, que salvaguarda a capacidade de cobrir, por 3 meses, os custos relacionados com comida e combustível. Segundo (Kingsley, 2013) após a Primavera Árabe o Egito sentiu um abrandamento do seu crescimento a rondar os 3%, para além da desvalorização da moeda nacional, libra egípcia, que só no período compreendido entre dezembro de 2012 e maio de 2013 registou uma depreciação de 12% relativamente ao dólar.

No entanto é importante salientar que o período mais crítico registado a nível de divisas egípcias foi em abril de 2013, mês em que se registaram 13 424 biliões de dólares, valor inferior ao montante (15 biliões) necessário para garantir os bens mínimos durante o período de 3 meses (ver gráfico 1).



Gráfico 1 - Evolução das reservas de divisas egípcias (Cook, 2014)

Segundo Galal Amin (professor de economia na Universidade Americana no Cairo) e Samir Radwan (ministro das finanças do Egito após a Primavera Árabe) a crise económica sentida no Egito durante o ano de 2013 foi a mais dura da história recente do país, sendo apenas suplantada pela crise do ano de 1930 (Kingsley, 2013).

Para além das consequências previsíveis de uma escassez de divisas, esta pode ser impulsionadora do escalamento da inflação para além do aumento da instabilidade social (“Egypt’s Economic Crisis,” 2012).

De acordo com o que é previsível numa situação de agitação social e revolta, a economia do Egito foi afetada negativamente pela Primavera Árabe registando: um aumento de défice; redução do investimento - nomeadamente IDE; crescimento da dívida; e um défice orçamental que se esperava que se aproximasse dos 10%, em 2010/11, uma subida a rondar os 2% relativamente a 2009/10 (Abdou and Zaazou, 2013, p. 92; Sillars, 2013). Já em 2011 (Ibrahim, 2011, p. 2) defendia que o défice era um dos principais problemas económicos no Egito; sendo que em 2014 atingiu os 14% do PIB, a dívida governamental subiu para 89,2% do PIB e a dívida global do país ultrapassou os 100% do PIB, principalmente devido aos défices acumulados em particular nos últimos anos do século XX e início do século XXI (Cook, 2014).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

O défice global egípcio, para o ano de 2011, contava com um défice de conta corrente de 2,8 biliões de dólares americanos, que mesmo elevado representa uma redução de 35,9% relativamente ao ano anterior, e com uma conta capital que contou com uma saída de capital de 4,8 biliões de dólares (Abdou and Zaazou, 2013, p. 100).

A inflação, um dos principais problemas da economia egípcia segundo (Ibrahim, 2011, p. 2), atingiu, após o golpe militar de julho de 2013, o valor de 12,97%, apesar de ter reduzido, em 2014 ainda se mantinha a 11,4% (Cook, 2014).

O turismo, uma das principais fontes de receita e divisas do governo egípcio (que de acordo várias estimativas, representa entre 5 a 6% do PIB nacional (Mayerowitz, 2011)), registou, após a revolução de 25 de janeiro de 2011, um período de instabilidade em que se verificou uma grande flutuação do número de turistas, o que levou a uma queda nas receitas de 60%, o que equivale a uma perda de cerca de 2 biliões de dólares (Abdou and Zaazou, 2013, p. 98). Mais, segundo o Ministro do Turismo Hisham Zaazou, 2013 foi o pior ano para o turismo desde que há registo (Cook, 2014; Kingsley, 2013).

O abate de um avião russo de passageiros a 31 de outubro de 2015 veio agravar a crise do setor turístico egípcio, com a tomada de posição de certos países (nos quais se incluem a Rússia e Reino Unido) que proibiram os voos para certas partes do Egito (Reino Unido) ou ainda bloqueio dos voos para todo o país (Rússia). O ministro Hisham Zaazou afirmou que como consequência desta nova crise previa que as receitas do turismo iam cair para 6,2 biliões de dólares, queda de 15% comparativamente ao ano de 2014 (Kortam and Masriya, 2015). Apesar da atribuição de um apoio de 5 milhões de dólares para o setor turístico, Zaazou defendeu em 11 de novembro de 2015 que, mensalmente, o Egito perderia 281 milhões de dólares (2,2 biliões de libras egípcias) enquanto as ligações russas e do Reino Unido não fossem retomadas (Kortam and Masriya, 2015).

Para além do turismo, também o IDE sofreu uma forte quebra, descendo de 6,8 para 2 biliões de dólares no ano fiscal de 2010/11 (Abdou and Zaazou, 2013, p. 99), sendo que o setor mais preocupante é o setor energético já que desde os anos de 1990 acumula mais de 2/3 de todo o IDE (Adly, 2015; Cook, 2014; Kingsley, 2013). Para piorar a situação, a queda dos preços do petróleo fragilizou ainda mais uma economia de um país já por si em dificuldade, já que a exportação deste produto é um dos pilares da economia egípcia representando 40% das exportações (Adly, 2015).

Apesar de o Egito ter contado com o apoio económico por parte de outros países em especial dos países do golfo, nomeadamente Arábia Saudita, Qatar, EAU e Kuwait, a economia nacional permanecia numa situação frágil receando-se uma insuficiência de fluxo de caixa, segundo a qual o Egito seria incapaz de cumprir as suas obrigações nomeadamente a nível do

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

pagamento de dívidas (Adly, 2015; Cook, 2014; “Egypt Economy 2016, CIA World Factbook,” 2017; Kingsley, 2013).

Estes apoios provenientes dos países do golfo, sob a forma de empréstimos, embora importantes para fazer face aos problemas de liquidez apontados, acabaram por não ser benéficos para a economia egípcia por dois motivos:

- Os empréstimos apenas resolveram/minimizaram os problemas a curto prazo unicamente adiando a resolução das suas fragilidades e responsabilidades para o futuro, nomeadamente o pagamento dos próprios empréstimos;
- Os problemas de natureza económica do Egito foram assim ocultados através dos apoios económicos (Cook, 2014).

Após a demissão do presidente Morsi em 3 de Julho de 2013 o foco virou-se para os problemas políticos e sociais, contudo a situação económica do país continuava numa posição frágil (Martin, 2013) o que fez o Egito entrar numa situação crítica, já que com a escassez de divisas o país tinha uma grande dificuldade em recuperar economicamente, e por não conseguir recuperar o país acabou por entrar num período de ainda maior recessão caindo num ciclo repetitivo (Adly, 2015).

Porém, de acordo com o apresentado por (Focus Economics, 2017) é possível que o período de maior dificuldade económica esteja a terminar devido a vários fatores entre os quais se inclui: o retorno do IDE; valorização da moeda nacional (libra egípcia); melhoramento do PMI (ver anexos - tabela 3); e as reservas do Banco Central que atingiram o valor mais alto desde junho de 2011. Contudo estas melhorias só foram alcançadas após uma reestruturação brusca da economia de forma a assegurar financiamento por parte do FMI.

Em Fevereiro de 2017, pelo terceiro mês consecutivo, o PMI egípcio denotou uma melhoria. O PMI é um fator relevante tanto para políticos, investidores como empresários devido à sua capacidade de intercalar vários indicadores, sendo estes:

1. Novas encomendas;
2. Nível de produção;
3. Entregas por parte dos fornecedores;
4. Níveis de emprego;
5. Níveis de inventário no presente (Rodrigues, 2011, p. 1).

Se este índice apresentar um valor superior a 50 então pode-se entender que, relativamente ao mês anterior, a atividade analisada encontra-se num clima de expansão; por

outro lado se o valor verificado for inferior a 50 então pode-se afirmar que a atividade em questão se encontra em contração (Rodrigues, 2011, p. 1).

#### 4.1.2. Conflitos Políticos

As revoltas que levaram à deposição de Mubarak a 11 de fevereiro de 2011, e a passagem do poder para o exército (“Egypt profile - Timeline,” 2017, “Egypt Uprising of 2011 | Britannica.com,” 2016; Henderson, 2013), tiveram na sua origem vários anos de dificuldades, tanto a nível industrial como rural. Mas as principais razões foram as dificuldades políticas prolongadas por mais de 10 anos de ditadura, que levaram ao surgimento de uma nova ação e organização política desencadeando conflitos e ações de ativismo (Bush, 2013). Numa tentativa de amenizar a instabilidade política, e com o aproximar do fim do governo, verificou-se um aumento de gastos do governo (Abdou and Zaazou, 2013, p. 92).

A revolução de 2011 que conduziu à deposição de Mubarak foi alicerçada num conjunto de fatores, de entre os quais se podem destacar os seguintes:

- As últimas eleições parlamentares contaram com a exclusão dos grupos islamitas, que levou a uma perda de confiança no regime, por parte da população;
- As eleições não eram realizadas de forma livre e justa (“Egypt profile - Timeline,” 2017, “Egypt Uprising of 2011 | Britannica.com,” 2016);
- O controlo do partido El Watani sobre as liberdades civis e direitos políticos;
- O elevado nível de corrupção;
- Governo durante 30 anos sob a aplicação da lei de emergência;
- Deterioração das condições socioeconómicas;
- Aumento da violência por parte da polícia e a sua presença perturbante;
- Aumento dos preços dos bens essenciais juntamente com os serviços (Abdou and Zaazou, 2013, pp. 93-94);
- Elevado número de detenções por motivos políticos (“Egypt profile - Timeline,” 2017).

Numa tentativa de resolver os problemas macroeconómicos da economia do país, Mubarak lançou um Programa de Ajustamento Estrutural (PAE), o qual, paradoxalmente, gerou um aumento da corrupção, aumento da desigualdade na sociedade, pobreza, desemprego e concentração do poder económico e político (Nagarajan, 2013, p. 22). Contudo

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

apesar de todas estas consequências nefastas, internacionalmente o Egito é louvado pelos seus esforços e empenho na privatização e economia nacional vendo mesmo a sua posição nos rankings mundiais evoluir positivamente (Nagarajan, 2013, pp. 36-37).

Foi só após a revolução iniciada em 25 de janeiro de 2011 que o Egito deixou de se incluir na categoria dos “sistemas mistos”, isto é, abandonou o sistema composto tanto por características do sistema parlamentar como do sistema presidencial, o que consequentemente gerou um período de dificuldades relativamente ao desenvolvimento de diretrizes para reformas políticas e económicas (Abdou and Zaazou, 2013, p. 94).

Após a deposição de Mubarak o Egito verificou um declínio nos seus indicadores institucionais, o que sou realçou a necessidade do país de realizar reformas de regime antes de poder avançar para o processo de mudança para uma democracia, que incluísse os cidadãos no processo de decisão (Abdou and Zaazou, 2013, p. 97). Para agravar, com a saída de Mubarak do governo o país entrou num período de instabilidade, abrindo-se uma evidente divisão entre grupos seculares e grupos religiosos (islâmicos). Entretanto verificou-se que as decisões e questões políticas eram tratadas por membros do exército aplicando em inúmeras situações medidas repressivas para controlar a população (“Egypt Uprising of 2011 | Britannica.com,” 2016, “Egypt’s Economic Crisis,” 2012; Manfreda, 2014).

Segundo (Manfreda, 2014) o Egito é um dos casos de países que, independentemente de ter passado por vários governos autoritários, tem um historial de diversidade de partidos políticos incluindo de esquerda, liberais e islâmicos que procuravam alcançar o poder; a queda de Mubarak veio dar ênfase a esta constatação, pois na sua sequência verificou-se o surgimento de mais partidos.

Apesar de ter vencido as eleições presidenciais de 2012 com 52%, sendo que Ahmed Shafiq, fortemente relacionado com o governo de Mubarak, obteve 48% dos votos; e de representar a esperança de união do povo egípcio, Morsi, candidato da IM, acabou por ser alvo de revoltas que levaram à sua demissão em julho de 2013 (Bush, 2013; “Crisis in Egypt | International Travel News,” 2013, “Egypt profile - Timeline,” 2017; Henderson, 2013; Manfreda, 2014). Com o terminar do governo de Morsi o espaço político do Egito transformou-se no palco de uma “luta” pelo poder que envolvia vários partidos políticos, o exército e poder judicial (Manfreda, 2014).

Aliás com a incerteza política verificada neste país registou-se um crescente número de greves de trabalhadores, deterioração das relações e confiança entre os partidos islâmicos e seculares, para além do aumento da tensão entre as comunidades cristãs e muçulmanas (Manfreda, 2014).

Com a ascensão de Morsi o povo egípcio esperava que as reivindicações que levaram à revolta de janeiro de 2011 (“pão, liberdade e justiça social”) fossem cumpridas, isto é:

redistribuição da riqueza; redução da opulência da residência de Mubarak; e o retorno dos bens públicos abusivamente gastos pelo PDN. Porém, apesar do PDN ter sido desmembrado, o governo de Morsi não as teve como prioridade (Bush, 2013).

Com a aproximação do final do governo de Morsi a população reagiu à islamização da constituição, a centralização do poder nas mãos do próprio presidente, juntamente com as constantes dificuldades económicas, elevado desemprego, escassez de bens essenciais e divisas (“Egypt profile - Timeline,” 2017; Martin, 2013).

Em agosto de 2012, o primeiro-ministro Hisham Qandil nomeia um gabinete constituído exclusivamente por tecnocratas, islamitas, e membros do governo anterior mas mantendo afastados os liberais e seculares (“Egypt profile - Timeline,” 2017).

Embora a IM exilada e ostracizada politicamente durante a ditadura possuísse uma reputação de se preocupar e cuidar das populações mais pobres o que é facto é que os desfavorecidos foram esquecidos quando alcançaram o poder, durante o governo de Morsi. As populações responderam com a assinatura da petição Tamarrod, que entre os seus princípios expressava a falta de confiança no presidente Morsi pedindo assim novas eleições presidenciais, que levaria à demissão do presidente em julho de 2013 (Bush, 2013).

Entre as medidas mais impopulares tomadas pelo Presidente Morsi destacam-se:

1. Os decretos constitucionais de novembro de 2012, entre os quais incluem o despedimento do procurador-geral e o impedimento de quaisquer decisões presidenciais de serem revistas pelo tribunal (“Egypt profile - Timeline,” 2017; Henderson, 2013);
2. A velocidade a que a nova constituição estava a ser redigida e a composição da assembleia constitucional, isto é, a sua composição limitada, não era do agrado da população;
3. Recusa do desmantelamento da polícia; *mukhabarat* (serviços de segurança e inteligência); segurança interna; forças de segurança; recurso à tortura e brutalidade policial (comum durante o governo de Mubarak) (Bush, 2013).

Com a chegada do presidente Morsi ao poder as relações entre o Egito e Israel passaram a ser realizadas exclusivamente através do exército egípcio e os serviços de inteligência. Com o afastamento da Irmandade Muçulmana das relações com Israel foi possível assegurar uma relação bilateral positiva apoiada no interesse do exército egípcio de manter o cumprimento do tratado de paz com este país (Marcus, 2013).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Em agosto de 2012 Morsi retira ao exército o poder de envolvimento na legislação e no desenvolvimento da nova constituição, para além de despedir o chefe de gabinete Sami Annan e o ministro da defesa Tantawi (“Egypt profile - Timeline,” 2017).

Já em junho de 2013 para líderes regionais de 13 dos 27 governos do Egito, o presidente Morsi nomeou os aliados islâmicos, entre os quais se incluía membros do ex-grupo islâmico armado ligado ao massacre de turistas, de 1997, em Luxor. O governador de Luxor foi obrigado a demitir-se após protestos (“Egypt profile - Timeline,” 2017).

Em parte a razão de tanto descontentamento com a nova constituição era que o PLJ, fortemente associado à IM, continuava a ser o partido dominante na assembleia (após ter conquistado cerca de 46% dos lugares no parlamento), o que, conseqüentemente levaria a uma grande influência aquando da redação da nova constituição egípcia (Abdou and Zaazou, 2013, pp. 94-95). A constituição em questão foi aprovada em dezembro de 2012 (ainda que na altura da votação algumas cláusulas ainda estavam a ser discutidas) com uma forte componente religiosa o que levaria ao seu cancelamento. Aliás este reforço da vertente islamita no texto constitucional provocou forte descontentamento da população, sendo uma das principais razões para a deposição do presidente Morsi (“Egypt profile - Timeline,” 2017; Henderson, 2013; Pollard, 2012).

Uma das vantagens do poder legislativo é o seu poder sobre a inquisição, tanto a nível da sua ativação como aplicação; mais, segundo a constituição de 1971 do Egito, possui o poder para remover a confiança no governo e do ramo executivo (Abdou and Zaazou, 2013, pp. 95-96).

Com o final do governo de Morsi foi criado um governo interino, pelo exército, que continuaria os esforços para a redação da nova constituição (que bane partidos com base religiosa (“Egypt profile - Timeline,” 2017)) juntamente com a preparação para novas eleições que foram agendadas para o início do ano de 2014 (Henderson, 2013). Contudo o clima continuava imprevisível já que não existia constituição, nem parlamento, nem bases para o governo, nem consenso entre as partes (Manfreda, 2014). Na verdade já no início de 2012 o parlamento era constituído, quase na metade, por membros do partido da IM (PLJ); cerca de 25% por Salafis, marcados por uma ligação com Mubarak; sendo o restante partilhado por liberais, seculares e políticos independentes. Porém em Junho do mesmo ano o parlamento é desmantelado (“Egypt profile - Timeline,” 2017, “Egypt Uprising of 2011 | Britannica.com,” 2016; Henderson, 2013).

Já os poderes executivo e legislativo ficaram divididos entre o exército e um governo administrativo interino, que no entanto tinha sido selecionado pelos generais; registando-se ainda uma forte influência de vários grupos associados ao regime de Mubarak. Considerando

todos os fatores apresentados é compreensível o receio de que os esforços e objetivos da revolução de 2011 fossem esquecidos (Manfreda, 2014).

Aliás a Irmandade Muçulmana, apoiante de Morsi, classificou a deposição do presidente como um golpe recusando-se a reconhecer o governo posterior. Os partidos seculares constituem a base de apoio ao exército, apesar de pedirem uma passagem do poder para os civis, o que não os impede de se encontrarem divididos e sem estratégia (Manfreda, 2014). Em 2013 a Irmandade Muçulmana é declarada um grupo terrorista pelo governo após um atentado com bomba em Mansoura que matou 12 pessoas (“Egypt profile - Timeline,” 2017).

Ainda durante o período do governo interino criado pelo exército, Al-Sisi começa a destacar-se e a alcançar apoiantes e poder, no entanto apesar de se focar na estabilidade iniciou também uma forte repressão contra islâmicos, indo mesmo contra as liberdades civis. Embora pudesse parecer improvável, a verdade é que independentemente do exposto anteriormente, em Maio de 2014, Al-Sisi venceu as eleições presidenciais (“Egypt profile - Timeline,” 2017). Contudo no início de 2016 a economia entrou novamente em dificuldades registando uma nova escassez de divisas (Walsh, 2016). Apesar de procurar melhorar as condições para a população mais pobre do país através da valorização da moeda (consciente de que foram os mais pobres que levaram à deposição do presidente Mubarak), as classes mais ricas, que se encontravam entre os principais apoiantes de al-Sisi, começaram a sentir-se pressionadas, vindo a afastar-se do presidente. Este afastamento, num momento em que as classes mais baixas continuaram a sentir a escassez de bens essenciais, originou que nenhuma das classes se encontrava necessariamente satisfeita (Walsh, 2016).

Até esta altura o Egito recebia, com alguma regularidade, apoio financeiro dos países do Golfo. No caso da Arábia Saudita o montante recebido nos primeiros dois anos do governo de Al-Sisi rondava os 30 biliões de dólares, contudo a partir do verão de 2015 o fluxo quase que parou (Walsh, 2016).

Entre as críticas apontadas a Al-Sisi encontram-se:

- Deterioração da crise financeira nomeadamente a nível da escassez de divisas;
- Violação dos direitos por parte das suas forças de segurança (entre os quais se pode incluir a proibição de protestos públicos);
- Vários dos críticos de Al-Sisi foram presos (e impedidos de sair do país, entre os quais se incluem Hossam Bahgat e Gamal Eid) juntamente com vários outros indivíduos ligados às artes e ao jornalismo por motivos de religião e moralidade pública (Walsh, 2016).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Em junho de 2014 a comunidade internacional reprovou a detenção e aprisionamento de três jornalistas da al-Jazeera acusados de espalhar notícias falsas e apoiar a Irmandade Muçulmana que se encontrava banida (“Egypt profile - Timeline,” 2017).

Na verdade o governo de Morsi foi marcado por um crescente autoritarismo, o aumento da brutalidade policial e das forças de segurança, para além da imposição de limitações nas atividades das ONGs, e criminalização dos protestos dos trabalhadores, medidas que se aproximam ao verificado durante o governo de Mubarak. Contando ainda com a deterioração das relações com os países vizinhos, Morsi instigou mesmo uma guerra santa contra a Síria (Bush, 2013). Para ainda piorar mais as relações com os outros países, em agosto de 2015, um cidadão croata, Tomislav Salopek, foi assassinado por membros do ramo egípcio do EILL, aliás, desde a demissão do presidente Morsi em 2013, que o Egito procura eliminar o ramo do grupo EILL, que mudou de estratégia para o rapto e assassinato de estrangeiros (Al Jazeera, 2015). Após a decapitação de Salopek desenvolveu-se uma opinião de que os objetivos motivadores desta ação foram o desenvolvimento do sentimento de insegurança junto dos turistas e funcionários estrangeiros de empresas ocidentais (Al Jazeera, 2015).

Durante o governo de Al-Sisi continuaram a verificar-se situações de agitação, revoltas e ataques à população egípcia, em alguns casos por grupos terroristas (“Egypt profile - Timeline,” 2017).

Em julho de 2015, o grupo EILL voltou a fragilizar as relações do Egito com os restantes países através do bombardeamento do consulado italiano no Cairo, para além de assassinar um cidadão americano no ano de 2014 (Al Jazeera, 2015). Uma das dificuldades na neutralização e controlo do EILL é que possui bases tanto no deserto ocidental como na península do Sinai (Al Jazeera, 2015).

Em setembro de 2015, durante uma operação de busca de elementos terroristas por parte de forças policiais e militares, turistas mexicanos foram confundidos por terroristas e mortos em Al Wahat. As carrinhas que transportavam os turistas encontravam-se em terreno proibido para turismo (o deserto ocidental, apesar de ser popular com os turistas, é um dos locais de esconderijo de grupos armados). Todo este incidente assumiu contornos pouco claros, ao ponto de o número de fatalidades não ser coerente (existem relatos a variar de 2 a 12 mortos), o que levou o governo mexicano a exigir uma investigação detalhada ao sucedido, tendo o presidente mexicano Enrique Peña Nieto condenado o incidente (Al Jazeera, 2015).

Apesar de já estar a enfrentar dificuldades desde 2011, em 2013 a Alemanha e a Suécia desencorajaram qualquer tipo de viagens para o Egito, levando algumas das transportadoras áreas nacionais a cancelar todos os voos para o país durante um mês, enquanto que o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reino Unido desaconselhou todas as

viagens não essenciais (Weheba, 2013, p. 5). No início do ano de 2016 o setor turístico sentiu uma queda de 40%, relativamente ao ano anterior, após o ataque ao avião russo de passageiros em outubro de 2015, em que a Rússia, Reino Unido e Alemanha impuseram restrições e proibições de voo para o Egito (o que fragilizou ainda mais as relações com estes países) (“Egypt profile - Timeline,” 2017; Hacaoglu et al., 2016). Desde o início do governo de Al-Sisi, devido as regras que impedem o repatriamento do lucro, companhias aéreas estrangeiras ameaçaram reduzir o número de voos para o Egito, aliás durante um período a British Airways negou-se a vender bilhetes na moeda egípcia (Walsh, 2016). No decorrer dos primeiros meses de 2016 o setor turístico egípcio foi novamente abalado com os ataques a turistas em Giza e em Hurghada, ambos relacionados com grupos terroristas, e a queda do avião egípcio oriundo de Paris e a regressar a Cairo (“Egypt profile - Timeline,” 2017).

#### 4.1.3. Social e o impacto no turismo

Considerando que o Egito foi (e é) palco de agitação social é de esperar que o período em estudo não tenha sido o mais estável ou favorável para a população, conseqüentemente impactando na capacidade do país de atrair e reter turistas.

Aquando do início da crise a sociedade egípcia era caracterizada por:

- Dificuldades tanto a nível rural como industrial;
- Elevado desemprego que, segundo a figura 6 em (Korotayev and Zinkina, 2011, p. 144), em 2010 rondava os 9,8% e era constituído principalmente por indivíduos com idade compreendida entre 20 e 24 anos (Korotayev and Zinkina, 2011, p. 144;167; Singh, 2013) com cerca de 85 a 90% dos desempregados com idade inferior a 30 anos e desemprego jovem a rondar os 25%, num país em que 60% da população tem 30 ou menos (“Egypt’s Economic Crisis,” 2012);
- Preço da comida elevado devido à inflação;
- Salário mínimo reduzido;
- Clima político repressivo, que entre outras medidas se caracteriza pela violência por parte das forças de segurança e polícia, o que levou à morte de Khalid Said (Bush, 2013; Ibrahim, 2011, p. 18; Lowrey, 2011; Popova, 2011);
- Corrupção (“Timeline: Egypt’s revolution - Al Jazeera English,” 2011);
- A revolução era vista como uma oportunidade para redirecionar as políticas que tinham sido criadas há já algum tempo, potenciado ainda o relançamento das relações internacionais do país (“Egypt Uprising of 2011 | Britannica.com,” 2016).

No decorrer da revolta de 2011, e numa tentativa de controlar a situação e como a revolta era passada para o resto do mundo, as autoridades cortaram o acesso à internet para além de também limitar a comunicação entre os cidadãos. Contudo, alguns hackers e organizações - de todo o mundo - foram capazes de batalhar tecnologicamente com o governo pelo acesso às redes de comunicação (“Egypt Uprising of 2011 | Britannica.com,” 2016; Russell, 2011, pp. 1239-40)); levando os profissionais da área jornalística a considerar, o que era apresentado pelos órgãos oficiais, como algo falso e que procurava suavizar a situação (Russell, 2011, p. 1238). De igual forma, com o objetivo de controlar a mensagem esta começou a ser transmitida, até certo ponto, através de indivíduos ligados às redes sociais (Russell, 2011, p. 1239).

Contudo mesmo após as inúmeras manifestações populares, greves e marchas (“Egypt Uprising of 2011 | Britannica.com,” 2016; Henderson, 2013; Ibrahim, 2011, p. 18), e a revolta de 2011 e com a ascensão ao poder de Morsi (símbolo da esperança da resolução dos problemas egípcios) a situação social continuou instável levando a mais agitação social, protestos e greves que resultou na deposição do novo presidente em julho de 2013, o que no entanto também não resolveu os problemas (Bush, 2013; “Crisis in Egypt | International Travel News,” 2013, “Egypt profile - Timeline,” 2017) como é relatado por (Kingsley, 2013) após 2011 muitos dos problemas sociais continuavam a ser sentidos.

No período compreendido entre a saída de Mubarak e o período de governo de Morsi o Egito continuou a ser palco de múltiplas manifestações por variadíssimos motivos, entre os quais se incluíam motivos políticos (incluindo a exigência do cancelamento do referendo em troca de uma nova constituição, cuja manifestação aconteceu a 4 de dezembro de 2012), ataques a grupos religiosos (nomeadamente a cristãos que ocorreram a 9 de outubro de 2011 e a 7 de abril de 2013) e o desejo da criação de empregos e recuperação económica (“Egypt’s Economic Crisis,” 2012; Henderson, 2013). Apesar de não ter sido realizada uma manifestação, é também importante salientar que neste período a comunidade xiita foi igualmente palco de violência e ataques, como é o caso do dia 23 de junho de 2013 (Henderson, 2013).

Uma das razões de descontentamento da população era o desemprego, que no caso do Egito foi exacerbado durante o período da crise económica, devido ao retorno dos emigrantes (já que segundo o estudo do Centro para Estudos Económicos do Egito previa que, até ao final do ano de 2009, 500.000 egípcios perderiam o trabalho nos países do golfo (Ibrahim, 2011, p. 12); abrandamento do crescimento dos principais setores de emprego da população (nomeadamente turismo, manufatura e canal do Suez); juntamente com a fraca/inadequada qualificação da mão de obra, o que levou a uma previsão de que o desemprego, em 2011 atingisse os 10% (Ibrahim, 2011, pp. 1-2), ainda que o período de maior dificuldades só estivesse a começar.

Independentemente dos investimentos do governo, e como seria de esperar num clima de crescente desemprego, as disparidades entre grupos sociais acentuaram-se fazendo com que, de acordo com a informação disponibilizada pelo Banco Mundial, cerca de 40%, durante o período de 2009/10, da população vivia sob o limiar da pobreza, isto é com menos de 2 dólares por dia (Ibrahim, 2011, p. 18; Korotayev and Zinkina, 2011, p. 147; Lowrey, 2011); e acentua a vulnerabilidade daqueles que se encontram no limiar da pobreza (Ibrahim, 2011, pp. 2-3). (Pollard, 2012) apresenta a zona de Luxor, uma região luxuriosa, como uma das áreas onde a população vive num maior grau de pobreza.

Com as dificuldades em termos de fornecimento de bens alimentares e com a crise no setor turístico, muitos egípcios entraram num período extremamente difícil (Pollard, 2012).

Em março de 2016, (Walsh, 2016) reporta que, segundo dados das Nações Unidas, 26% da população viveria abaixo do limiar da pobreza. Este dado poderia indiciar alguma recuperação face ao valor anterior, o que parece contraditório, uma vez que a economia egípcia, e em particular o setor do turismo continuava mergulhada numa profunda crise.

Algo curioso relativamente à evolução do número de pessoas sob o limiar da pobreza é que durante o período de prosperidade egípcia que durou 25 anos, a percentagem de população sob o limiar crescia, enquanto que durante a CEM a mesma percentagem sentiu uma diminuição considerável (Korotayev and Zinkina, 2011, p. 152; Lowrey, 2011). Trata-se assim de um fenómeno paradoxal, pois revela tendências contrárias. Isto porque com a crise financeira as “bolhas” de preços, que crescem num clima de prosperidade, rebentaram, provocando assim uma queda dos preços o que, no fim, acaba por ser benéfico para os indivíduos mais necessitados, contudo novas “bolhas” foram criadas com a recuperação das economias mundiais (Korotayev and Zinkina, 2011, p. 153).

Aliás segundo Galal Amin (professor de Economia na Universidade Americana no Cairo) e Samir Radwan (ministro das finanças no período após a revolução de 2011), (Kingsley, 2013), em termos de consequências para a população mais vulnerável do Egito, o período da CEM só foi ultrapassado pelas dificuldades sentidas durante os anos de 1930.

Com a crise alimentar que surgiu no início da crise económica (o que instigou protestos que levaram ao surgimento do Movimento Jovem 6 de abril, essencial para a Revolução de 2011 (Korotayev and Zinkina, 2011, p. 156)). Registou-se um escalamento dos preços dos bens alimentares, em particular dos cereais, especialmente devido à enorme dependência do Egito da importação de cereais, a rondar 60% (Ibrahim, 2011, p. 14; Kingsley, 2013). Conjuntamente com a diminuição de quantidade de pão produzida, o aumento dos preços, levou a um aumento da insatisfação social (Korotayev and Zinkina, 2011, p. 157)

As dificuldades da população acentuaram-se ao ponto que foram necessários mais apoios à população, levando o governo a ter de providenciar maior ajuda a cerca de 40% da

população (Ibrahim, 2011, pp. 3-4). A partir do ano de 2011 a população mais pobre voltou a sentir mais dificuldades (é relevante ter em atenção que as famílias egípcias chegam a despende 50% do rendimento em comida) em especial com a subida vertiginosa dos preços, que atingiram os valores registados durante a crise alimentar de 2008, no caso da carne de vaca em mais de 60% (Ibrahim, 2011, p. 18; Kingsley, 2013; Korotayev and Zinkina, 2011, p. 157; Singh, 2013). Aliás segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura os valores de 2008 foram ultrapassados (Lowrey, 2011). No final de 2013 o governo teve de providenciar apoio extra à população que depende do setor turístico, em Luxor, devido às dificuldades enfrentadas (Kingsley, 2014a).

Segundo a perspetiva de Amin e Radwan após a queda do governo de Mubarak as dificuldades acentuaram-se pois até esse ponto a população mais pobre tinha alguns apoios garantidos, nomeadamente subsídios estatais (tanto para pão - para toda a população; e cartões de alimentação para outros produtos alimentares - para cerca de 80% da população; (Korotayev and Zinkina, 2011, pp. 157-158; Lowrey, 2011) como gás doméstico e fertilizantes para os agricultores), remessas dos emigrantes, um desemprego relativamente baixo e apoio do estrangeiro (Kingsley, 2013). Com a deterioração da qualidade de vida da população, o aumento de medicamentos (Singh, 2013) e com a instabilidade verificada só no ano de 2012, segundo Radwan, houve um aumento de 350% no número de assaltos (Kingsley, 2013).

Para além da questão alimentar, com a saída do governo de Mubarak, o país ficou fortemente dividido. Em especial em termos de grupos islâmicos e grupos seculares, continuando ainda a registar-se inúmeros protestos e greves, uma forte criminalidade, violência e desconfiança entre partidos islamitas e seculares e entre cristãos e muçulmanos, e ataques às forças da lei (Manfreda, 2014; Pombo, 2016). Toda esta instabilidade, em termos de consequências para o setor turístico, surgiu no pior período, pois começou durante na época alta para o turismo (Mayerowitz, 2011).

Em 2016 já se contava com revoltas (independentemente da proibição de protestos, contra a violência utilizada por forças de segurança), reclamações relativamente à proibição de críticos do governo de saírem do país, receios do fim da liberdade de expressão com encarceramentos por motivos religiosos e de moralidade e críticas à “oferta” das duas ilhas do Mar Vermelho à Arábia Saudita (“Egypt profile - Timeline,” 2017; Walsh, 2016).

Um exemplo de violência, porém não o único, foi o caso do ataque realizado a 11 de dezembro de 2016, no Cairo, reivindicado pelo Estado Islâmico, na catedral cristã copta que resultou na morte de 25 pessoas pertencentes à comunidade que representa 10% da população egípcia (“Egypt profile - Timeline,” 2017, “Pelo menos 22 mortos numa explosão em catedral copta no Cairo,” 2016; Pombo, 2016). Mais recentemente, em fevereiro de 2017, vários cristãos copta tiveram de fugir do norte do Sinai após ataques, supostamente por militantes islamitas (“Egypt profile - Timeline,” 2017).

Apesar de todos os esforços para fazer crescer o seu turismo (que até ao início da CEM atravessava um período próspero com uma média de crescimento anual a rondar os 12,3%), em 2009, o Egito possuía pouco impacto a nível do mercado turístico mundial, 1,4%, o que correspondia à posição número 64 de 133 a nível global (Badr et al., 2009, pp. 728-29).

Até ao final do ano de 2007, início de 2008 o setor turístico egípcio encontrava-se em crescimento contando ainda com previsões de aumento de turistas em 9% e de receitas de 57 bilhões de libras egípcias (Popova, 2011). Porém com o desenrolar da crise económica muito próximo do período alto para o turismo egípcio, este setor foi fortemente afetado sendo que as consequências começaram a sentir-se principalmente a partir de dezembro de 2008 (Ibrahim, 2011, p. 5). O que consequentemente levou ao agravamento do desemprego pois com o abrandamento do setor turístico, que segundo fontes oficiais representa cerca de 12,5% do emprego egípcio, vários funcionários (de entre as 62 profissões ligadas ao setor turístico) foram despedidos atingindo no final de 2012 os 13%, enquanto que em 2010 rondava os 9,8% (Adly, 2015; Ibrahim, 2011, p. 5; Kingsley, 2014a; Saleh, 2009; Singh, 2013).

Logo após a revolução começou a registar-se uma vaga crescente de despedimentos, com algumas empresas a despedir até 50% dos colaboradores, depois de as praias do Mar Vermelho ficarem desertas e as pirâmides de Giza fechadas (Blomfield and Henderson, 2011). Fazendo que muitos abandonem a formação e experiência na área turística para procurar um emprego numa outra área que seja mais estável (“Egypt’s tourism industry hit by crisis - Al Jazeera English,” 2013; Fahim, 2014). Em 2014, 165 hotéis fecharam temporariamente devido à reduzida procura, em alguns locais a rondar os 0%, o que provocou um forte abalo na economia considerando que o turismo gera 11,3% do PIB, segundo fontes oficiais (Kingsley, 2014a).

Para o período de 2008/09 os três principais pontos de origem dos turistas no Egito eram Rússia com 1,5 milhões de turistas; Alemanha com 1,08; e Reino Unido com 1,05 milhões. Os 10 principais países de origem representam 64% das receitas totais do turismo egípcio (Hilmi et al., 2012, p. 426) demonstrando a fragilidade deste setor. Segundo o ministro Hisham Zaazou, o Egito é especialmente dependente dos turistas russos e do Reino Unido, particularmente em Sharm el-Sheikh onde representam 66% do total, para além de que os russos representam 52% dos turistas em Hurghada (Kortam and Masriya, 2015).

Contudo, após a revolução de 2011 o turismo entrou ainda num período mais difícil. A deposição do presidente e instabilidade gerada criou um clima de preocupação nos potenciais turistas (Fahim, 2014; Tadros, 2014) criando um período de dificuldades para aqueles dependentes do setor turístico. Algumas agências de viagens e turismo, receando o pior, desaconselharam quaisquer viagens para o Egito (e evacuando os seus cidadãos como o caso turco, ou aconselhando o retorno ao país de origem, como o caso americano (Blomfield and Henderson, 2011; Duell, 2015; “Timeline: Egypt’s revolution - Al Jazeera English,” 2011)) o

que mais uma vez veio agravar as condições das populações mais frágeis. As perdas, relativamente a receitas, previstas a rondar, neste setor, os 30 milhões de libras egípcias (Kingsley, 2013; Popova, 2011; Singh, 2013).

Mais recentemente (2013) o Ministério do Turismo egípcio anunciou uma perda de receitas, desde janeiro de 2011, a rondar os 2,5 biliões de dólares, em comparação com valores-padrão pré-revolução (Singh, 2013). Já o ministro das antiguidades defende que desde o momento em que a Primavera Árabe começou no Egito, as receitas dos monumentos caíram a pique, uma descida de 95%, enquanto que as receitas do setor turístico, no global, caíram 54%, dificultando a capacidade do governo de pagar aos trabalhadores estatais (Kingsley, 2014b).

Com a agitação política, os ataques por grupos terroristas e a recente crise migratória, as economias dependentes do turismo do norte de África têm sentido grandes dificuldades, sendo que o Egito não é exceção (Gayle, 2016). No seu auge, em 2010, o Egito contava com a chegada de mais de 14,5 milhões de turistas, porém com a agitação e a deterioração do clima económico e político-social, as chegadas do ano de 2013 caíram para 9,5 milhões mas as previsões são ainda mais negras para o futuro (Kingsley, 2014b; Petroff, 2016; Tadros, 2014). Só nos primeiros 9 dias após a revolução de 2011, segundo Omar Suleiman, vice-presidente após a revolta, quase 1 milhão de turistas abandonaram o país gerando perdas superiores a 650 milhões de libras egípcias (Blomfield and Henderson, 2011).

Em 2013, o Fórum Económico Mundial classificou o Egito como um dos países mais perigosos para turistas, enfraquecendo ainda mais a capacidade deste país de captar turistas (Lynch, 2013; Singh, 2013). Com esta classificação, e o clima sentido neste país, não é de estranhar que os turistas tenham optado por locais considerados mais seguros, ou seja, esta classificação por parte do Fórum Económico Mundial pode ter sido um dos fatores de relevo no desenvolvimento de efeito de substituição.

Porém, apesar destas dificuldades, o Egito continua a ser um país muito atrativo, no que toca ao setor turístico, devido à sua proximidade geográfica ao continente europeu e a quantidade de hot-spots turísticos e resorts (Popova, 2011), o que também se confirma com o crescimento de turistas do Reino Unido e Rússia, no ano de 2014 (Tadros, 2014). Contudo, os turistas americanos e europeus tornaram-se imunes às tentativas de promover o turismo egípcio (por vezes inadequadas aos mercados-alvo), tentando agora atrair turistas de diferentes origens, nomeadamente árabes, letões, búlgaros, chineses, polacos, da América Latina e os nacionais (Fahim, 2014; Feteha, 2016; Kortam and Masriya, 2015; Nicholson, 2013).

Segundo Hisham Zaazou, ministro do turismo, apesar do número de turistas árabes, dos países do golfo, Jordânia e Líbano, ter aumentado no ano de 2014, Luxor, Cairo e Aswan,

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

principalmente continuavam com dificuldades. Sendo esta crise ainda pior do que a experienciada em 1997 após o massacre de turistas no templo de Hatshepsut (Kingsley, 2014b). No ano de 2011, um autocarro de turistas sul-coreanos foi alvo de um ataque à bomba no Sinai, resultando em quatro mortos (Fahim, 2014).

No ano de 2016 as previsões para o setor turístico voltaram a piorar. Com o abatimento do avião de passageiros russo, que matou 224 pessoas, a 31 de outubro de 2015, Sharm el-Sheikh entrou num período de fortes dificuldades. Para dificultar mais as coisas, em 2016, para além dos turistas russos, os britânicos e alemães e algumas transportadoras aéreas também começaram a evitar este destino turístico levando a uma queda de 40% (Adly, 2015; Duell, 2015; “Egypt profile - Timeline,” 2017; Hacaoglu et al., 2016; Sears, 2016; Walsh, 2016).

Sem dúvida um dos principais fatores que impactariam o efeito de substituição seria o terrorismo e o clima de terror criado por este, especialmente quando os alvos são os turistas e indivíduos estrangeiros.

Em 2014 o sul do Sinai era considerado das áreas mais seguras enquanto que se desaconselhava excursões ao deserto e o norte do Sinai, local onde se combatiam grupos extremistas (Tadros, 2014). No início do ano de 2016, o Estado Islâmico, realizou ataques nos locais turísticos de Giza e Hurghada; e novamente em maio, o avião egípcio que tinha partido de Paris despenha-se a caminho do Cairo (“Egypt profile - Timeline,” 2017; Gayle, 2016; Petroff, 2016).

Só no caso do Reino Unido, desde o início da Primavera Árabe no Egito e o aumento dos ataques por parte do Estado Islâmico, registou-se uma queda em 50% no número de turistas (Gayle, 2016).

Embora, desde 2014, o Mar Vermelho tenha sido um dos locais mais promovidos turisticamente (Tadros, 2014) e independentemente da importância de revitalizar o turismo e das tentativas egípcias para minimizar a situação, o Reino Unido e a Rússia continuavam a considerar a situação demasiado instável, desaconselhando assim quaisquer viagens a Sharm el-Sheikh. Tal “boicote” levou a que os negócios locais tivessem que enfrentar um período extremamente difícil, com uma queda no número de turistas superior a 85% e uma perda nas receitas a rondar 120 mil libras egípcias, por mês (Duell, 2015; Feteha, 2016; Gayle, 2016; Sears, 2016). Segundo o ministro do turismo egípcio, desde a queda do avião russo o Egito já tinha perdido 1,3 biliões de dólares em receitas, sendo que só em janeiro tinha-se registado uma descida de 44% no número de turistas a nível nacional (Walsh, 2016). Assim o turismo caiu para uma situação ainda pior que no final do ano de 2013, período em que as confrontações entre as forças de segurança e os islamitas eram quase diárias (Feteha, 2016).

Dificultando ainda mais a situação, é a evidente desconfiança sentida pelo ocidente em relação ao presidente Al-Sisi (que anteriormente pertencia ao exército) quanto à sua capacidade de garantir a segurança no Egito (Adly, 2015; Sears, 2016). Para além de que, como consequência das regras que impediam a repatriação das receitas, as agências de transporte aéreo ameaçaram cancelar quaisquer voos para o Egito (Walsh, 2016).

Em suma, no caso de um país se encontrar politicamente instável, este acaba por enfrentar um reduzido fluxo de caixa; uma quebra de IDE; flutuação da procura; descida da qualidade das infraestruturas; deterioração da imagem e reputação; aumento das preocupações relativas à segurança e crescimento, por parte de possíveis turistas e visitantes, do receio relativamente à instabilidade sentida (Weheba, 2013, p. 4;6). Ou seja, num clima de instabilidade política, o país acaba por entrar num ciclo algo vicioso pois o clima de insegurança quebra a confiança sentida pelas restantes comunidades, mantendo longe quaisquer apoios, bem como investimento e turistas, e sem estes o clima deteriora-se levando a maior insatisfação.

Como é evidente, com as dificuldades enfrentadas pelo Egito, nomeadamente a deterioração do clima político e o aumento de ataques terroristas, representaram uma oportunidade para o turismo europeu, em especial Portugal, que registou um aumento de quase um terço na venda de pacotes de férias (Gayle, 2016). Considerando a queda do turismo egípcio e o crescimento do turismo europeu, designadamente o português, é possível que Portugal tenha beneficiado do efeito de substituição com origem no Egito, ainda que esta não seria a única fonte. Porém, considerando que o Egito está atualmente, num período mais estável, ainda que se mantenham os problemas a nível de segurança, é ainda pouco perceptível se o efeito de substituição, no caso egípcio, se vai prolongar, ou se se trata apenas de um episódio de curto prazo.

## 4.2. Turquia

### 4.2.1. Aspetos Económicos

Para além dos considerados fatores macroeconómicos “tradicionais”, como é o caso da política de taxas de juros, confiança, gastos governamentais e o desempenho nas exportações, também as instituições económicas e a política se revelaram essenciais na definição da evolução da economia turca durante o início do século XXI. A Turquia transformou-se no elo de ligação entre a instabilidade a nível económico do Ocidente com a instabilidade política verificada no Oriente (Acemoglu and Robinson, 2013a; Arango, 2014; Cafariello, 2013).

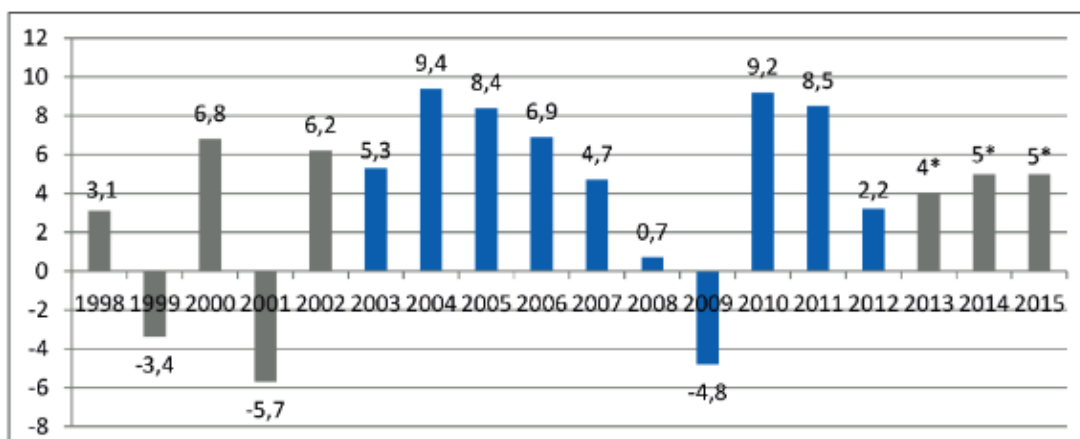
Por detrás da modernização da economia e aumento do poder do Estado sobre a economia e sociedade, o projeto de construção do Estado, encontra-se o CHP, o partido

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

político mais antigo da Turquia. Contudo, não se verificaram esforços para a construção de instituições políticas e económicas inclusivas (Acemoglu and Robinson, 2013a).

O CHP apoiou igualmente os esforços de industrialização e melhoramentos das instituições económicas turcas, porém a Estado continuou a desempenhar um papel de relevo na economia com um papel superior ao dos negócios privados. Em termos empresariais, as ligações revelavam-se a chave para a obtenção de subsídios e proteção, ou seja, as “influências” mostravam-se tão importantes quanto a capacidade de inovação empresarial (Acemoglu and Robinson, 2013a; Arango, 2014).

As reformas macroeconómicas, aplicadas no início do século XXI, permitiram obter controlo sobre as finanças públicas, o défice governamental e a extremamente elevada inflação, registando-se um crescimento médio anual superior a 5%, no período compreendido entre 2002 e 2008. De igual modo, os anos de 2010 e 2011 revelaram-se extremamente positivos, rivalizando o crescimento da China que no ano de 2011 era o país que crescia mais rapidamente (ver gráfico 2). Durante o período da CEM foram tomadas medidas para “escudar” as empresas turcas das consequências nefastas da crise, através da redução das taxas de juros e incentivando o aumento da procura doméstica (Acemoglu and Robinson, 2013a; Akyüz, 2009; Arango, 2014; Cafariello, 2013; Karagöl, 2013, p. 117; Öztürk, 2011, p. 3).



Source: Turkish Statistical Institute (TUIK)(2012), (\*) Medium-Term Programme 2013-2015.

Gráfico 2 - Crescimento do PIB turco de 1998 a 2012 (Karagöl, 2013, p. 117)

O elevado crescimento da Turquia e a melhoria dos indicadores orçamentais levaram a uma maior compatibilidade e integração do país no espaço global, o que, por sua vez teve um impacto positivo na competitividade. Por outro lado, as alterações realizadas pela União Europeia revolucionaram a economia, o mercado financeiro, permitindo assim mais eficiência da área financeira e aligeirando as responsabilidades estatais (Karagöl, 2013, pp. 123-124). Com estas melhorias a Turquia tornou-se ainda mais atrativa em termos de IDE, registando um aumento de investimento vindo do exterior a partir de 2002 devido também às melhorias da

estrutura económica e bancária, que incentivaram o aumento de credibilidade. Porém, com o avançar dos anos e com o aumento da violência, os investidores começaram a afastar-se (Karagöl, 2013, p. 124; Kayaoğlu, 2015).

Por detrás da capacidade turca de atrair investimento encontrava-se a expansão de um ambiente favorável ao investimento assente na estabilidade política e social, oportunidades crescentes de mercado com elevado crescimento (Öztürk, 2011, p. 4).

Só no ano de 2007 a Turquia recebeu 22,047 milhões de dólares, contudo em 2008, com a CEM, o IDE sentiu uma queda brusca. Mas já em 2009 recuperou devido à infraestrutura financeira (Karagöl, 2013, p. 124).

A Turquia, após a crise de 2001, revelava uma evolução económica positiva, marcada por um elevado crescimento. Mesmo após a chegada da Crise Económica Mundial em 2008, o crescimento do PIB continuava impressionante, em 2010 registou 9.2%. Durante este período o AKP, apesar de não ser o primeiro governo a procurar fazê-lo, tomou medidas para diminuir o impacto do Estado sobre a economia e sociedade procurando igualmente resolver o problema da elevada inflação, que em abril de 2011 atingiu os 4% (Acemoglu and Robinson, 2013a; Akyüz, 2009; Cafariello, 2013; Karagöl, 2013, p. 118; Öztürk, 2011, p. 4).

Este crescimento assentava numa tentativa de desenvolvimento da indústria através da redução do papel do Estado no setor bancário, de transporte e comunicações, permitindo a passagem de indústrias tradicionais, como a têxtil, para indústrias mais tecnológicas e rentáveis como eletrónica, automóvel e mecânica. Contudo, como reflexo da crise internacional, a produção caiu quase 50% nos primeiros 6 meses de 2009. Apesar do investimento, as exportações turcas caíram cerca de 30% na primeira metade de 2009 (Cafariello, 2013; Karagöl, 2013, p. 118; Keskin et al., n.d., p. 188; Macovei, 2009, pp. 23-24).

Efetuaram-se privatizações, reformas ao sistema bancário, numa tentativa de tornar a economia mais eficiente e de reduzir os custos. Neste processo, inúmeros funcionários foram despedidos aumentando o desemprego (Chen et al., 2014, p. 21; Karagöl, 2013, pp. 119-120; Macovei, 2009, p. 20; Temiz and Gokmen, 2009, p. 11).

Em termos de política fiscal, o governo optou por simplificar as legislações tributárias, aboliu a amnistia fiscal para além do desenvolvimento de um programa de “paz fiscal” que aumentou a base de contribuintes. Estas medidas foram desenvolvidas de forma a financiar o novo programa económico turco (Karagöl, 2013, pp. 119-120).

Durante o governo do AKP, e com o surgimento de novas oportunidades económicas, registou-se um aumento de organizações de apoio/representação das PME's ganharam relevo, entre estas encontram-se MÜSIAD e TUSKON (Acemoglu and Robinson, 2013a).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Em 2006 o PIB turco caiu, em resposta à deterioração do clima financeiro, com o aumento do sentimento de insegurança junto dos investidores relativamente ao receio do aumento da inflação, que não se verificou. Assim a lira desvalorizou-se em 22%, relativamente ao dólar, no final de maio. Ao alcançar o ano de 2013 o valor da lira rondava o 1,90 por dólar (Chen et al., 2014, pp. 22-23; Kayaoğlu, 2015; Macovei, 2009, p. 20)

Foi apontado que devido à força da procura doméstica o défice da conta corrente escalou para mais de 6% do PIB, em 2006. Por este motivo, entre a OCDE e o FMI surgiram preocupações relativamente à capacidade de suster os desequilíbrios externos (Macovei, 2009, p. 20).

Quando em julho de 2007 os mercados se agitaram e surgiu um receio de investir em países em desenvolvimento, a lira turca e os mercados financeiros sentiram a pressão. O índice da bolsa de valores de Istambul caiu em 55% desde julho de 2007 até março de 2009, apesar de recuperar, em certa medida de março a junho de 2009, continuou 30% abaixo dos valores registados em julho de 2007. Não obstante a instabilidade de valor da lira, esta só sofreu uma forte desvalorização em outubro/novembro de 2008, que coincide com a queda da *Lehman Brothers* (Macovei, 2009, p. 21).

Só no período compreendido entre outubro de 2008 a março de 2009, a moeda turca viu-se desvalorizada em 25%, relativamente ao euro (Macovei, 2009, pp. 21-22).

Segundo os relatórios disponibilizados pelo Instituto Turco de Estatística, comparando com abril de 2008, em abril de 2009 registou uma queda de 24,6% no número de negócios na Turquia (Temiz and Gokmen, 2009, p. 12).

Independentemente da evolução positiva da economia turca, esta continuou a sentir os efeitos dos défices orçamentais. Para além de que o crescimento verificado nos primeiros anos de 2000 abrandaria, sendo que já em 2012 se registou um abrandamento do mesmo, dificultando a saída da “armadilha do rendimento médio” tornando mais difícil alcançar o nível das economias da União Europeia. (Acemoglu and Robinson, 2013a; Arango, 2014; Karagöl, 2013, p. 118).

Aquando do início da CEM, o setor bancário turco continuava sólido devido a vários fatores. Entre eles, grande parte dos seus fundos eram provenientes de depósitos, mantendo-se assim independente de fundos internacionais. A exposição à crise *subprime* americana era praticamente inexistente, e os riscos cambiais estavam protegidos (Macovei, 2009, p. 27).

As consequências da crise de 2008 na economia turca fizeram-se sentir, principalmente na diminuição da procura interna e nas mudanças nas relações comerciais com os restantes países, o que levou a uma quebra no crescimento do PIB a rondar os 4,8%, no ano de 2009. Para tentar reverter a estagnação e recuperar a economia, a Turquia focou-se em

entrar em novos mercados, como Rússia, Balcãs e América Latina, procurando assim contrabalançar a União Europeia, mercado que até aqui significava mais de 50% das trocas comerciais (Karagöl, 2013, pp. 116-117;124-125; Macovei, 2009, p. 1;20). A CEM fez com que a inflação atingisse os 10,1%, em 2008; os choques de preços relativamente a bens como ouro, petróleo e alimentos não processados, levaram à continuação do crescimento da inflação (Karagöl, 2013, p. 119; Temiz and Gokmen, 2009, p. 11).

Os países do Norte de África e Médio Oriente tornaram-se especialmente importantes como mercados alternativos. As vendas para os mercados asiáticos cresceram em mais de 10% em relação ao ano anterior, alcançando os 39,1% em 2012. As exportações turcas atingiram o seu topo em 2012, com 151,8 biliões de dólares (Karagöl, 2013, p. 125).

Nos primeiros quatro meses do ano de 2008 o PIB real turco cresceu em 7,2%, contudo em 2009 sentiu uma queda vertiginosa de 14,3%, comparativamente ao ano anterior, valor que nunca se verificou durante a crise turca de 2001. No mesmo período o investimento privado sentiu uma queda a pique de 35,8%, já o consumo privado caiu por mais de 10% (Macovei, 2009, p. 23). Ao chegar ao final de 2008 o défice de conta corrente atingiu os 5,6% do PIB, atingindo os 6,8% em 2010; enquanto que a dívida externa bruta aproximava-se dos 51% do PIB (Macovei, 2009, p. 28; Öztürk, 2011, p. 4).

No primeiro semestre de 2009, a quantidade recebida de IDE caiu, registando uma descida de cerca de 60% comparativamente com o mesmo período do ano anterior (Macovei, 2009, p. 28).

Em 2010 o défice orçamental desceu para 3,5% do PIB enquanto que o stock de dívida pública alcançou os 43,5% do PIB (Öztürk, 2011, p. 4).

Como consequência da CEM e da reação das restantes economias, o crescimento do PIB turco desceu para 3% em 2012. É importante realçar que este resultado é, apesar de tudo, extremamente positivo quando comparado com algumas economias, mas não deixa de representar uma queda significativa para a Turquia. No mesmo período o desemprego alcançou os 9,2%, a dívida pública subiu para 36,1% do PIB, o défice orçamental atingiu os 2% e a inflação atingiu os 8,9%, inflação que desde 2005 se mantinha relativamente estável (Cafariello, 2013; Chen et al., 2014, pp. 20-21; Kayaoğlu, 2015; Macovei, 2009, p. 1;20). Numa tentativa de combater o crescimento da inflação, tentar atrair novamente o IDE e valorizar a lira turca, o Banco Central aumentou a taxa de juro para 7,25%, contudo o aumento da taxa de juros abrandou o crescimento económico, mas apesar desse efeito contrário, conta-se ainda com previsões de mais aumentos da taxa de juros (Cafariello, 2013).

Em parte, o défice turco pode ser justificado pelo recurso a fundos de agências internacionais, nomeadamente FMI, instituição que durante mais de 3 décadas disponibilizou largas somas ao governo turco; porém em maio de 2013, o empréstimo do FMI foi dado como

pago. Após o pagamento ao FMI, a Turquia juntou-se aos países que disponibilizam verbas para fortalecer o fundo do FMI (Chen et al., 2014, p. 28; Karagöl, 2013, pp. 125-126). Logo a partir de 2012 a percentagem do PIB destinada ao pagamento de taxas de juros caiu para 3,4%, comparativamente a 14,8% em 2002 (Karagöl, 2013, p. 123).

Em 2011, os gastos em termos de apoio social quase que triplicaram relativamente a 2002, representando agora 1,42% do PIB, devido à criação de novos programas de apoio à população (Karagöl, 2013, p. 123).

Apesar de todas as dificuldades sentidas pela economia turca durante a crise económica de 2008, a Turquia encontra-se entre o grupo de países que reagiram relativamente melhor ao novo clima de dificuldades. Em parte deve-se às políticas seguidas, disciplina fiscal e iniciativas tomadas, contando ainda com uma elevada confiança dos consumidores (Chen et al., 2014, pp. 26-27; Karagöl, 2013, p. 117; Macovei, 2009, p. 20).

Independentemente das dificuldades enfrentadas a partir do ano de 2012, no mesmo ano o PIB turco ascendia a 1,1 triliões de dólares, ocupando o 8º lugar, entre os países europeus, relativamente ao seu nível de PIB, embora seja extremamente dependente de importações a nível energético, uma das principais causas do elevado défice da conta corrente (Cafariello, 2013; Karagöl, 2013, p. 128).

Durante o ano de 2012, as agências internacionais de rating, *Moody's* e *Fitch*, subiram o rating de crédito para investimento turco para BBB-, enquanto que no período inicial da crise se mantinha em BB-; esta ascensão apresenta a Turquia como um país bom para investir (Karagöl, 2013, p. 124; Macovei, 2009, p. 23).

No início do ano de 2014, a decisão do Banco Central turco de aumentar a taxa de juros, numa tentativa de minimizar a inflação conjugada com uma desvalorização da moeda com o intuito de dinamizar as exportações e restringir as importações, provocou que o valor da lira se despenhasse para níveis históricos. A situação económica da Turquia ressentiu-se da diminuição da compra de títulos pela Reserva Federal dos Estados Unidos e do IDE. Apesar de após a crise de 2008 a Turquia se ter transformado num país atrativo para o investimento, este não foi canalizado para as indústrias adequadas para desenvolver o país, a isto havia que juntar o receio do aumento das taxas de juros globais (Arango, 2014; Cafariello, 2013).

Com o aproximar do final do ano de 2013 e início do ano de 2014 a Turquia enfrentava um período conturbado com acusações de corrupção, instabilidade económica, o aumento da taxa de juros e desemprego elevado, a rondar os 9%, independentemente de progressos nesta área (Arango, 2014).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

De acordo com o apresentado por (Hacaoğlu et al., 2016) o valor da lira voltou a sentir uma descida atingindo os 2,9470 por dólar, juntamente com um aumento da taxa de juro da dívida pública a 10 anos para 9,96%.

De acordo com um relatório internacional, a posição da Turquia entre os G-20, as 20 maiores economias do mundo, poderia estar em perigo, devido à decisão do AKP em apresentar o “milagre económico turco” com recurso ao dólar, o que, fez a lira sofrer (Kayaoğlu, 2015).

A Turquia, de certa forma, acabou por cair na armadilha da “estagflação”, isto é, estagnação da economia e aumento da inflação, pois uma tentativa governamental de estimular a economia, impulsiona a inflação; enquanto que medidas para conter a inflação, tendencialmente, impedem o desenvolvimento da atividade económica (Kayaoğlu, 2015).

Como Sebnem Kalemli-Ozcan, Professora de Economia na Universidade de Maryland, defende em (Kayaoğlu, 2015), considerando que o crescimento turco se encontrava dependente de empréstimos de origem estrangeira, no caso de problemas políticos ou de crescimento dos juros da Reserva Federal Americana, a Turquia poderia enfrentar grandes dificuldades (Kayaoğlu, 2015).

Uma situação de instabilidade política poderá significar grandes dificuldades a nível económico, entre as quais se inclui, mas não exclusivamente, o aumento da inflação e taxa de desemprego, abrandamento do crescimento e diminuição do investimento (Keskin et al., n.d., pp. 186-187).

De acordo com (“Turkey locks up dissidents,” 2016) o crescimento económico esperado para 2016 teve de ser reavaliado passando de 4,5% para 3,2%, para além de que o valor da lira se encontra em níveis tão baixos que só é rivalizado pelo registado há mais de 30 anos. Ao contrário da generalidade dos países da região, a economia turca assenta o seu crescimento no crédito e não no gás ou no crude.

Segundo o relatório *Doing Business* do Banco Mundial, para o ano de 2017, a Turquia é apresentada como um país relativamente difícil em termos de estabelecer negócio, sendo listado atrás de países como Mongólia, Israel ou Omã, problema que já (Acemoglu and Robinson, 2013a) apresenta.

Em termos europeus e relativamente aos créditos de Maastricht, um pré-requisito para a entrada da Turquia na União Europeia, define que o limite do *stock* de dívida pública não pode ultrapassar os 60% do PIB do país. No caso turco, para o ano de 2012, a sua dívida foi apresentada como 36,9% tornando-se elegível. Este valor destaca o empenho demonstrado pela Turquia no desempenho económico e disciplina fiscal (Karagöl, 2013, p. 121).

#### 4.2.2. Conflitos Políticos

Antes dos anos 50, com o partido CHP, registou-se uma aposta na modernização da economia ao mesmo tempo que se fortalecia a importância do Estado nos aspetos sociais e económicos. Porém a construção de instituições políticas e económicas inclusivas não foi uma prioridade. Durante este período as ligações ao partido revelaram-se extremamente vantajosas para obter proteção e subsídios (Acemoglu and Robinson, 2013a).

Como é típico numa situação de capitalismo de Estado, o controlo estatal tem na origem motivos ideológicos, mas também pelo interesse das elites associadas ao CHP de continuarem a controlar a economia e a sociedade turca (Acemoglu and Robinson, 2013a).

Quando em 1950 o DP ganhou as eleições, a Turquia entrou num novo período, marcado pelo início da ascensão política dos “Turcos Negros”, grupo de indivíduos que os “Turcos Brancos” consideram que possuem baixo nível de educação, classe baixa, até mesmo camponeses ou incapazes de se separarem da herança camponesa (Acemoglu and Robinson, 2013b). Durante este período registou-se também o afrouxamento do controlo do Estado e o crescimento do apoio aos empresários da Anatólia (Acemoglu and Robinson, 2013a).

Durante 10 anos, coincidindo com o início do governo do partido AKP, que ganhou as eleições de novembro de 2002 (ver tabela 2), a Turquia registou um desempenho económico que pode ser considerado extremamente positivo. Este resultado pode-se justificar, em parte, pelo clima de estabilidade existente. Porém no período 2007-2008 a atividade económica abrandou em consequência da incerteza política que caracterizava as eleições. Durante o governo do AKP apostou-se em reformas políticas, sociais, económicas (na qual se inclui o Plano de Médio Prazo), focando-se especialmente em combater a elevada inflação, um dos principais problemas económicos na Turquia, sem descurar as relações externas (Acemoglu and Robinson, 2013a; Karagöl, 2013, p. 115-116;118;120;126; Macovei, 2009, p. 21; Öztürk, 2011, p. 2;4).

	<b>2002 Elections</b>	<b>MP's 2002</b>	<b>2007 Elections</b>	<b>MP's 2007</b>
<b>AKP</b>	34.3	365	46,5	341
<b>CHP</b>	19.4	178	20,8	112
<b>DYP</b>	9.54	-	5,4	-
<b>MHP</b>	8.38	-	14,2	71
<b>GP</b>	7.25	-	3	-
<b>DEHAP</b>	6.22	-	-	-
<b>ANAP</b>	5.13	-	-	-
<b>Independents</b>	0,9	8	5,2	26
<b>Others</b>	8,88	-	4,7	-

Source: Adapted from Mehmet Turgut, **18 Nisan 1999 ve 3 Kasım 2002 Genel Seçimleri Değerlendirmesi**, Boğaziçi Yayınları, 2. basım, İstanbul 2003, s.174.

Tabela 2 - Resultado das eleições de 2002 e 2007 (Keskin et al., n.d., p. 197)

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

De forma a solucionar, ou pelo menos minimizar, as discrepâncias inter-regionais e assegurar uma distribuição mais justa dos rendimentos, foram adotados programas de desenvolvimento e um sistema de subsídios, a partir de 2002, pelo governo do AKP (Karagöl, 2013, p. 123).

Até 2012 o governo do AKP apostou numa política de credibilidade, transparência e previsibilidade relativamente aos orçamentos governamentais (Karagöl, 2013, p. 119).

O AKP continuou ainda o trabalho do DP, ainda que durante o período compreendido entre o DP e a chegada ao poder do AKP tenham havido outros partidos a colaborar, procurando a diminuição do controlo estatal em assuntos económicos e sociais. Porém muitas vezes acabava por não ter o resultado que se desejava, entre elas, a criação de novas elites (Acemoglu and Robinson, 2013a).

Tal como verificado durante o governo de outros partidos, durante o governo do AKP, o Estado continuava a desempenhar um forte papel nos negócios, tanto a nível da escolha do vencedor ou cancelamento do contrato, como a imposição de taxas em negócios com os quais as ligações são frágeis ou inexistentes. Para além de que o sistema judicial se revelava ineficiente e faccioso (Acemoglu and Robinson, 2013a).

De forma geral, o governo do AKP apostou em políticas ortodoxas. Apostou de forma convicta em áreas como a proteção das empresas turcas das consequências da recessão proveniente da crise, através da pressão junto do Banco Central Turco para reduzir a taxa de juros, juntamente com a aposta no aumento da procura interna (Acemoglu and Robinson, 2013a). Como resultado do empenho verificado na disciplina fiscal, o governo turco pode contar com um aumento da sua credibilidade e manutenção da estabilidade económica (Karagöl, 2013, p. 125).

Contudo em 2014 já se receava que o governo e a economia turca entrassem em risco de cair num monte tóxico de empréstimos prejudiciais. Juntamente com receios de favorecimento de amigos para além da imagem de que a administração económica não tem por base qualquer método ou instrumentos, devido à saída dos investidores e ao aumento da taxa de juros (Arango, 2014).

Com o avançar do governo de Erdoğan, para além do crescimento económico a insatisfação social também cresceu. Com o aumento dos protestos o governo viu uma oportunidade para uma abordagem mais brusca e agressiva através de um forte controlo policial. Resumidamente, a Turquia enfrenta dificuldades típicas dos países ocidentais, nomeadamente a instabilidade económica, ao mesmo tempo que sofre de instabilidade política, também enfrentada pelos países orientais (Arango, 2014; Cafariello, 2013; Chen et al., 2014, p. 29).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Entre as razões que poderão justificar o longo período de governo de Erdoğan encontram-se o seu carisma, mas especialmente a sua capacidade de apelar às comunidades religiosas, que anteriormente tinham sido oprimidas e que representam cerca de metade dos eleitorados. (Arango, 2014).

Quando começaram a surgir preocupações relativamente a possível corrupção, a ação governamental passou pela deposição de oficiais da polícia e dos impulsionadores do inquérito. Independentemente das dificuldades turcas, o governo turco, e o atual presidente Recep Erdoğan, foram considerados um exemplo de sucesso na ligação entre os valores democráticos, islâmicos juntamente com prosperidade económica, por altas figuras ocidentais como o presidente Obama dos Estados Unidos (Arango, 2014).

A maré começou a mudar para o governo de Erdoğan, fragilizando a imagem do presidente, durante o verão de 2013, período no qual a população se revoltou contra a construção de um centro comercial em cima de um parque de Istambul (Arango, 2014).

Considerando que as dificuldades económicas, o aumento da taxa de juros e a deterioração do clima político se acentuaram no período antecedente a importantes eleições, no verão de 2014, estes problemas poderiam ter significado a queda do governo do AKP e a perda do cargo de presidente por parte de Erdoğan (Arango, 2014).

Relativamente às relações externas, a Turquia procurou destacar-se no meio de uma região agitada, contudo este objetivo não foi alcançado devido à queda do governo da Irmandade Muçulmana no Egito, um dos principais parceiros do governo turco, para além da guerra civil Síria, na qual a Turquia apoiava os rebeldes (Arango, 2014). Apesar de tudo, principalmente a partir de 2010, os laços com os países do Médio Oriente e Norte de África, tornaram-se mais fortes, transformando-se na principal alternativa de trocas comerciais. Em parte deve-se à aposta da Turquia numa estratégia de *win-win*, permitindo o desenvolvimento de relações comerciais com estes países através de acordos de comércio livre e tratados de isenção de vistos. Estas medidas também foram aplicadas para o estreitamento de outras relações comerciais, nomeadamente com a Rússia, China, América Latina e Balcãs. Este realinhamento da política externa da Turquia levou a críticas por parte de comentadores pró-ocidente (Karagöl, 2013, pp. 124-125; Öztürk, 2011, p. 5).

No caso do FMI, organização com a qual a Turquia tem uma longa história, o Estado turco foi na verdade um caso de sucesso. Após ter recibo cerca de 50 biliões de dólares em financiamento, a Turquia conseguiu passar de devedor a financiador, a partir de 2013 (Karagöl, 2013, pp. 125-126).

Aliás, a razão que levou Erdoğan e o seu partido, AKP, a ganhar as eleições desde 2002 a 2014 e a manter-se no poder por tanto tempo, apesar das dificuldades burocráticas e

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

resistência militar, foi essencialmente o seu impacto positivo, na economia turca (Kayaoğlu, 2015; Öztürk, 2011, p. 2).

Contudo, o AKP não conseguiu obter a maioria absoluta nas eleições de 7 de junho de 2015, pelo que foi necessário antecipar eleições para novembro do mesmo ano. Numa tentativa de angariar votos, o presidente lançou ataques contra o Estado Islâmico e os militantes curdos, impedindo assim o primeiro-ministro Ahmet Davutoğlu de estabelecer alianças com qualquer outro partido (Kayaoğlu, 2015).

A instabilidade política na Turquia começou a acentuar-se devido à postura do presidente, que critica abertamente o Ocidente. Num processo de radicalização o governo passou a rejeitar quaisquer críticas ocidentais à sua política, perseguindo críticos e tomando medidas cada vez mais agressivas, indo ao ponto de classificar como traição os atos de contração. Segundo Erdoğan o motivo da instabilidade é na verdade o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (Lowen, 2016).

Apesar de todas as discrepâncias e divisões verificadas na Turquia durante a sua história, nos últimos tempos, e sob o governo do presidente Erdoğan as polarizações têm-se tornado mais violentas (“A novelist and a journalist come to terms with the new Turkey,” 2016, “Turkey locks up dissidents,” 2016).

Já em 2013 começaram a surgir protestos contra o governo do AKP, entre eles os protestos de Gezi Park que se repetiram por todo o país levando a uma tentativa de golpe de Estado em julho de 2016, em parte instigada pelos religiosos conservadores do país. Segundo Erdoğan por detrás do golpe encontra-se Fethullah Gülen, um clérigo radicado nos Estados Unidos da América, sendo este utilizado como motivo para uma forte repressão (“A novelist and a journalist come to terms with the new Turkey,” 2016).

Entre as consequências da repressão pós tentativa de golpe de estado encontra-se o despedimento de um jornalista por criticar o governo; o principal jornal, Gazeta, entrou num estado de apreensão sendo alvo de uma purga e corte da internet. Para além deste caso, são noticiadas purgas a partidos políticos sob acusações de terrorismo, igualmente milhares de universidades, pontos de venda e hospitais foram encerrados para além de 100 000 oficiais despedidos de instituições estatais juntamente com mais de 100 jornalistas presos (contando ainda com o facto que a maioria dos *media* já se encontravam controlados) excluindo as mais de 40 000 pessoas presas compostas por ativistas, escritores de esquerda, generais e burocratas gulenistas (“A novelist and a journalist come to terms with the new Turkey,” 2016, “Goodbye, ‘Republic,’” 2016, “Turkey locks up dissidents,” 2016).

No seguimento da revolta da população turca, Erdoğan promete entrar em confronto com o Partido dos Trabalhadores do Curdistão, no norte sírio numa tentativa de proteger os

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

esforços e ganhos do exército turco, para além de exigir maior esforço do Iraque no combate ao Estado Islâmico em Mosul (“Goodbye, ‘Republic,’” 2016).

A 31 de outubro de 2016, um diário secular emblemático turco, *Cumhuriyet*, “República”, foi alvo de uma purga, tendo sido presos vários funcionários, entre eles o diretor do diário. As acusações incluíam apoio ao movimento Gülen, facção islâmica suspeita de engendrar o golpe de julho, e Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), considerado pela Turquia e países ocidentais um grupo terrorista (“Goodbye, ‘Republic,’” 2016).

Nas vésperas da purga um decreto publicado suspendeu os privilégios entre advogado e cliente, em casos de terrorismo, na mesma data os académicos deixaram de ter impacto na escolha dos reitores das respetivas universidades, passando agora a ser decidido pelo presidente Erdoğan (“Goodbye, ‘Republic,’” 2016).

Com o objetivo de cimentar os seus poderes, num referendo em 2017 Erdoğan fez crescer o seu apoio a nacionalistas e islamitas de forma a criar uma aliança (“Goodbye, ‘Republic,’” 2016, “Turkey locks up dissidents,” 2016).

Considerando que a Turquia se encontra em estado de emergência, Erdoğan pode governar por decreto, transformando o Parlamento numa instituição praticamente inútil (“Goodbye, ‘Republic,’” 2016, “Turkey locks up dissidents,” 2016).

Desde julho de 2015 registou-se um aumento de preocupações de segurança, devido ao contágio da guerra civil síria, a ação do Estado Islâmico e um renascimento de uma guerra antiga com os grupos curdos, acentuada pela dificuldade de chegar a acordo com o PKK (Hacaoglu et al., 2016; Kayaoğlu, 2015; Lowen, 2016; Vyatkin, 2016).

A 5 de novembro de 2016, após a detenção de membros de partidos políticos, um carro armadilhado explodiu em frente a uma esquadra, o ataque foi reivindicado pelo PKK (“Turkey locks up dissidents,” 2016).

Quando o governo turco começou a receber críticas relativamente à sua atuação após a agitação de julho de 2016, o AKP respondeu defendendo que a tentativa de golpe de Estado poderia ter levado a uma guerra civil (“Turkey locks up dissidents,” 2016).

As relações com a Rússia viram-se fortemente afetadas após o abate por parte do exército turco, em 24 de novembro de 2015, de um avião militar russo enviado para combater o terrorismo na Síria, acusado de ter violado o espaço aéreo turco. Esta deterioração das relações fez com que o turismo turco sofresse as consequências com o governo russo a impor, em abril de 2016, restrições económicas à Turquia que incluem a proibição de venda de pacotes turísticos para a Turquia (Hacaoglu et al., 2016; Lowen, 2016; Vyatkin, 2016).

Segundo um relatório, devido à decisão do governo turco de recorrer ao dólar de forma a exaltar o papel do AKP no “milagre económico turco” a grave desvalorização da lira poderá significar o fim da presença da Turquia entre os G-20, as 20 principais economias mundiais (Kayaoğlu, 2015).

Entre os principais objetivos do governo de Erdoğan pretende-se que, à data do centenário da república turca, 2023, a Turquia se encontrasse entre as 10 maiores economias do mundo (Karagöl, 2013, p. 126), para além da transformação de Istambul num dos 10 principais centros financeiros à escala global (Karagöl, 2013, p. 127), contudo com o aumento da agitação social é possível que estes objetivos nunca sejam alcançados.

Um outro objetivo turco que pode estar em risco é a entrada na União Europeia, em parte devido aos planos para a reintrodução da pena de morte, independentemente de todas as reformas realizadas numa tentativa de se aproximar do alvo (“Goodbye, ‘Republic,’” 2016; Öztürk, 2011, p. 3; “Turkey locks up dissidents,” 2016).

#### 4.2.3. Social e o impacto no turismo

Independentemente da agitação e insatisfação social que permitiu uma resposta violenta por parte da polícia, como foi o caso dos protestos contra a construção de um centro comercial no parque Gezi de Istambul, o governo apostou numa expansão dos serviços sociais nomeadamente serviço de saúde e infraestruturas, quando se registou um crescimento do setor privado turco. Com este investimento do governo de Erdoğan os turcos experienciaram um sentimento de fortalecimento económico (“A novelist and a journalist come to terms with the new Turkey,” 2016; Arango, 2014).

Durante o governo do AKP foi desenvolvido um vasto sistema de apoio social apoiando-se para o seu funcionamento num conjunto de agências e instituições. Rendimentos adicionais foram disponibilizados, por parte do governo, através do Projeto de Mitigação do Risco Social (PMRS), para programas de apoio social direcionados a famílias de rendimento baixo, de forma a protegê-los dos efeitos nefastos das crises económicas. (Karagöl, 2013, p. 122).

O sistema de apoio social veio ainda suportar os custos médicos relativos a cidadãos de baixo rendimento disponibilizando ainda apoio monetário e em espécie a crianças, estudantes, idosos e pessoas com deficiências. De forma a identificar, de maneira independente, os merecedores dos apoios, foi aplicado, pelo governo um sistema de “pontuação” que considerava diversas variáveis, utilizando dados quantitativos, incluindo discrepâncias inter-regionais e categorias de apoio social, que seriam posteriormente confirmados presencialmente por assistentes sociais (Karagöl, 2013, pp. 122-123).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Através da implementação do novo sistema de apoio social, considerando que foi criada uma base de dados geral, a partilha de informação entre instituições foi facilitada de forma a assegurar o correto funcionamento e distribuição dos apoios (Karagöl, 2013, p. 122).

Os gastos com apoio social cresceram de 0,5% do PIB em 2002 para 1,42% em 2011. Já no ano de 2011 foi criado o Ministério das Políticas Familiares e Sociais que em 2013 obteve um orçamento superior que os outros Ministérios (Karagöl, 2013, pp. 122-123).

No início do século XXI, no período de forte crescimento económico turco, segundo Sinan Ulgen, presidente do Centro de Estudos de Política Económica e Externa, o rendimento *per capita* verificou um crescimento excepcional, mais do que quadruplicou passando de 2,500 dólares para 11,000 por ano (Arango, 2014; Karagöl, 2013, p. 117; Öztürk, 2011, p. 3).

Contudo apesar de todos os progressos a nível económico que se verificaram com o governo do AKP, e apesar dos progressos e esforços nesta área, o desemprego continuou a ser um problema crónico da sociedade turca, mantendo-se relativamente alto, a rondar os 9,3% em 2013 e 8,7% em 2014. Em parte, esta percentagem de desemprego deve-se aos desequilíbrios globais, rápida mudança setorial, aumento da produtividade e desaparecimento da agricultura tradicional (Arango, 2014; Karagöl, 2013, p. 122; Öztürk, 2011, pp. 4-5).

Ao longo da sua história, a sociedade turca, tem-se revelado fortemente dividida contudo, com o governo do AKP e do presidente Erdoğan estas fragmentações tornaram-se mais profundas e violentas. O fracionamento entre os conservadores religiosos revelou-se importante na tentativa de golpe de estado em julho de 2016 que levou ao fecho de milhares de universidades, postos de venda, em especial curdos, e hospitais; os *media* viram-se controlados, purgados e intimidados. Ocorreram cerca de 40 000 detenções, incluindo generais envolvidos no golpe, ativistas curdos, escritores de esquerda e mais de uma centena de jornalistas. O golpe provocou igualmente uma vaga de despedimentos de académicos e funcionários públicos, a eliminação dos privilégios entre advogado e cliente, em casos de terrorismo, os próprios reitores das universidades passaram a ser nomeados pelo presidente, que voltou a considerar a reinstalação da pena de morte (“A novelist and a journalist come to terms with the new Turkey,” 2016, “Goodbye, ‘Republic,’” 2016, “Turkey locks up dissidents,” 2016).

Ainda como consequência da tentativa de golpe de Estado, vários políticos foram presos sob acusações, vagas, de terrorismo, o que levou a um atentado, reivindicado pelo PKK, em frente à esquadra onde os políticos se encontravam detidos (“Turkey locks up dissidents,” 2016).

Apesar de a população ter oportunidade de dar o seu parecer nas mudanças constitucionais num referendo do início de 2017, considerando que a oposição se encontra sob

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

pressão, e em alguns casos encarcerada, e os *media* continuam controlados e intimidados, a votação tenderá a não ser livre e justa (“Turkey locks up dissidents,” 2016).

As massas religiosas, que anteriormente eram fortemente reprimidas sob o governo das fações seculares, apesar de representarem cerca de 50% do eleitorado, com o governo do AKP tornaram-se parte do apoio do presidente Erdoğan, fazendo parte de uma coligação entre nacionalistas e islâmicos. Este apoio, no entanto, tem vindo a reduzir, à medida que o governo introduz reformas. Segundo os dados de janeiro de 2014 a popularidade do presidente atingiu os níveis mais baixos de sempre, com uma popularidade de 40%, quando em 2011 alcançou 71% (Arango, 2014; “Turkey locks up dissidents,” 2016). É possível, que entre as causas da queda de popularidade do presidente se encontre o seu empenho em reformular os mitos na base da história do país (“A novelist and a journalist come to terms with the new Turkey,” 2016).

O setor turístico turco estava a atravessar um período extremamente positivo, com o número de visitantes a crescer 200% entre 2002 e 2014, segundo a ATAPI (Mullen, 2016) e era o sexto destino turístico mais popular (Lowen, 2016). Porém no início do ano de 2016 as reservas turísticas para a Turquia já registavam quedas de 40%, só entre janeiro e fevereiro de 2016. Segundo o ministério do turismo, o número de chegadas de turistas estrangeiros caiu em 8,5%, a maior queda, dentro de um ano, em uma década, e em abril a descida atingiu os 28% comparativamente ao ano anterior (segundo o ministério do turismo), levando à maior queda do turismo desde 1999 (ver gráfico 3). Entre as causas desta descida incluem o aumento das preocupações securitárias nomeadamente, mas não exclusivamente, os atentados executados pelo Estado Islâmico (como o de 10 de outubro de 2015) e ataques de militantes curdos; a vaga de migrantes vindos, em especial, da Síria; e a deterioração das relações com a Rússia que levou a uma proibição russa de venda de pacotes turísticos para a Turquia. Como consequência desta instabilidade, várias transportadoras aéreas suspenderam os voos de e para a Turquia, nomeadamente a Delta Airlines Inc., a Iberia espanhola e a SunExpress turca (Ashdown, 2016; Coldwell, 2016; Coşan, 2016; Davies, 2016; Gayle, 2016; Hacaoglu et al., 2016; Kozok et al., 2016).

Os turistas não foram os únicos a sofrer com a crescente insegurança, a população turca também tem sido afetada pelos atentados, como é o caso do atentado de 10 de outubro de 2015, reivindicado pelo Estado Islâmico; e o duplo atentado, nas proximidades do estádio do clube de futebol Besiktas, em Istambul a 10 de dezembro de 2016, que mataram 38 pessoas e feriu mais de 150 pessoas, que estão ligados ao PKK (Kozok et al., 2016; “Número de mortos sobe para 38 no atentado junto ao estádio do Besiktas,” 2016, “Turquia decreta um dia de luto nacional por duplo atentado em Istambul,” 2016).

Independentemente do levantamento das restrições de viagens da Rússia para a Turquia, a transformação da Turquia num país de passagem para quaisquer indivíduo que

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

queira integrar grupos terroristas, incluindo na Síria, juntamente com o ataque no terminal do aeroporto de Ataturk, o ponto de entrada da maioria dos visitantes, tem levantado mais preocupações relativamente à segurança do país. (Lidguard, 2016; Mullen, 2016).

A mudança do clima na Turquia levou a uma queda de turistas estrangeiros a rondar os 16,5%, comparativamente ao ano anterior, para 5,82 milhões, nos primeiros quatro meses do ano de 2016, segundo dados oficiais (Coşan, 2016). Os alemães, a principal nacionalidade de turistas na Turquia, juntamente com os russos, foram os turistas que mais se ressentiram das alterações sentidas na Turquia. Após a morte de vários turistas alemães num atentado em Istambul na Praça Sultanahmet, em janeiro de 2016 (na sequência do qual o Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão desaconselhou áreas turísticas e áreas populosas (Sezer, 2016)), os alemães cancelaram cerca de 40% das suas reservas, segundo a Associação de Hotéis da Turquia, quando em 2014 chegaram aos 5,2 milhões de turistas. Já os russos, a segunda nacionalidade mais importante no turismo turco, registaram uma queda de 52%, segundo o ministério do turismo, entre dezembro e fevereiro, após o abate do avião militar russo, pela Turquia, em novembro de 2015, sendo que algumas áreas chegavam a 96%. No caso de turistas do Reino Unido a queda chegou a 24% comparativamente ao ano anterior, deixando agora de estar entre os 10 principais destinos turísticos para os turistas do Reino Unido (Ashdown, 2016; Coldwell, 2016; Coşan, 2016; Gayle, 2016; Hacaoglu et al., 2016; Kömürçüler, 2016; Kozok et al., 2016; Lidguard, 2016; Vyatkin, 2016).

Destaca-se ainda que, curiosamente, as principais nacionalidades para o turismo turco, alemães, russos e Reino Unido, são igualmente as principais nacionalidades para o turismo egípcio.

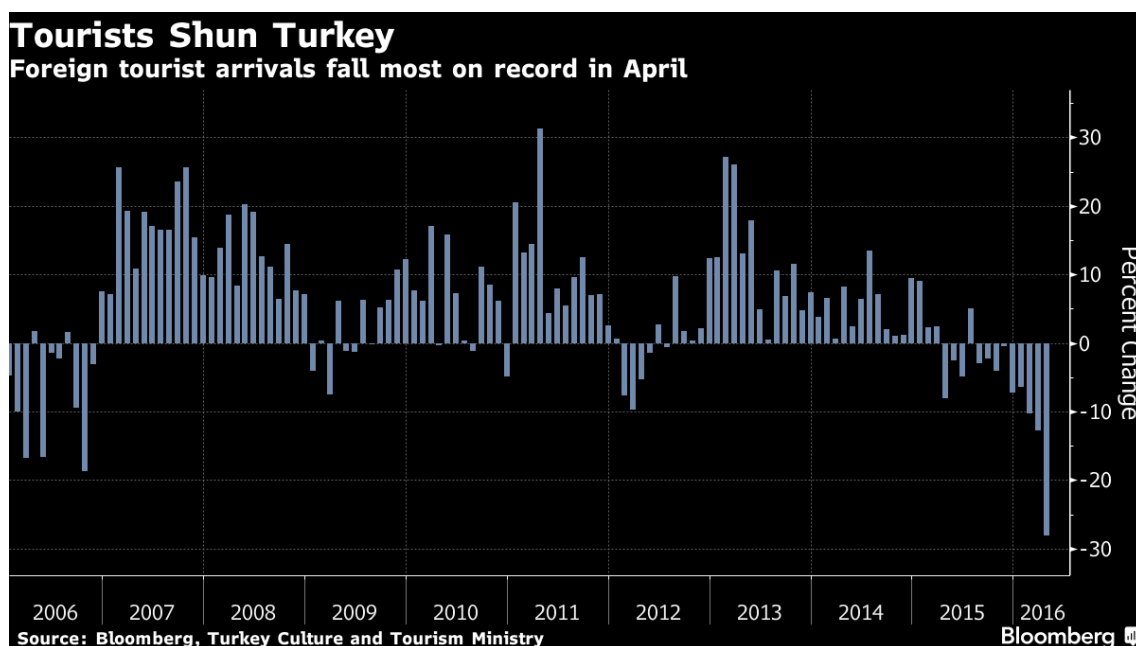


Gráfico 3 - Evolução da chegada de turistas à Turquia de 2006 a 2016 (Hacaoglu et al., 2016)

Com a quebra das reservas de turistas europeus, o mercado turco procura agora focar-se na atração de turistas de rendimento elevado, da América Latina e dos Estados Unidos, esperando ainda um aumento dos turistas iranianos após o levantamento das sanções contra o Irão. Contudo, em geral, a queda de turistas estrangeiros rondou apenas os 1,36%, pois registou-se um aumento de turistas dos países do golfo. Um mercado em expansão é o israelita, o número de turistas passou de 110 000 em 2010 para 225 000 em 2015. Uma possível justificação seria a melhoria das relações entre a Turquia e Israel (Kömürçüler, 2016, 2016).

Entre as áreas que mais beneficiaram com a quebra nas vendas de pacotes de viagem para a Turquia, e de um possível efeito de substituição, encontra-se o Mediterrâneo ocidental. Mas mais especificamente, entre os países favorecidos encontram-se Espanha e Portugal, com o aumento de turistas a rondar 1/3, segundo a ABTA, juntamente com as ilhas gregas, Itália, México e Barbados (Coldwell, 2016; Davies, 2016; Gayle, 2016; Petroff, 2016; Vyatkin, 2016).

Como seria de esperar, com a queda do número de visitantes, as receitas também diminuíram. Segundo os consultores de risco político do Grupo Eurasia, as receitas para o ano de 2016 não devem superar os 20 bilhões de dólares, quando entre 2000 e 2015 as receitas do turismo cresceram de 8 bilhões de dólares para 35 bilhões, passando a ser 12º maior receita de turismo do mundo. Este valor (20 bilhões de dólares), não se registava desde 2008, com as perdas a poderem chegar a 2% das receitas, para o ano de 2016, segundo o CMVT. Apenas com o “desaparecimento” dos turistas russos, contava-se com um prejuízo de cerca de 10 a 11 bilhões de dólares, no ano de 2015. É importante considerar que, segundo a Associação de Agências Turísticas Turcas, o turismo é a origem de 6,2% do PIB turco e de 8% do emprego nacional, considerando-se apenas o emprego direto, não se podendo esquecer o impacto do turismo noutros setores nomeadamente restauração, e com as dificuldades enfrentadas pelo setor, o desemprego começa a aumentar e os *resorts* a fechar (Coşan, 2016; Gayle, 2016; Hacaoglu et al., 2016; Kömürçüler, 2016; Kozok et al., 2016; Lowen, 2016; Vyatkin, 2016). Numa tentativa de apoiar o setor em crise, o governo prontificou-se para pagar os salários de 45 000 trabalhadores do setor, durante três meses (Kozok et al., 2016).

Em maio de 2016 foi lançado pelo governo, um Programa de Ação do Turismo 2016 que torna possível o atraso do pagamento da dívida do setor turístico, para além de fornecer uma bolsa de apoio no pacote de ação turística, permitindo ainda a obtenção de subsídios, por voo, para as agências de turismo (Ashdown, 2016).

Tendo em conta que o período compreendido entre julho e setembro corresponde a 40% das receitas do setor turístico, no ano de 2015 as reservas durante o período de verão caíram até 50% devido ao terrorismo. Um aumento da insegurança e ataques nesta altura

pode representar um forte abalo nos rendimentos do setor e no défice da conta corrente (Ashdown, 2016; Coldwell, 2016; Kozok et al., 2016).

A conjuntura económica e social na Turquia, mas particularmente no aspeto da radicalização do regime turco e da crescente insatisfação da população, conjuntamente com o aumento do terrorismo, está a criar as condições para que se evite a Turquia como destino turístico. Considerando que se tem registado um aumento de turistas nos países do Mediterrâneo ocidental, nomeadamente Portugal, é possível que o nosso país esteja a beneficiar das dificuldades turcas, através do efeito de substituição. Porém não é possível prever se o efeito de substituição se vai manter a longo prazo, ou se será apenas uma consequência de curto prazo.

### 4.3. Portugal

#### 4.3.1. Aspetos Económicos e Sociais

As dificuldades económicas portuguesas surgiram ainda antes da crise económica de 2008 iniciada pela falência da *Lehman Brothers*. A crise em Portugal teve por base:

- Uma perda gradual de competitividade;
- Corrupção e falta de transparência do governo;
- Aumento dos salários a um ritmo superior ao da produtividade;
- A crise de liquidez nos mercados financeiros teve um forte impacto nos bancos portugueses, devido às suas elevadas dívidas;
- A economia portuguesa apresentava-se fortemente dependente de financiamento externo através do sistema bancário, sendo incapaz de se financiar através de poupança interna;
- Dificuldade em obtenção de crédito e o aumento dos custos dos empréstimos levaram a políticas de crédito mais restritas por parte dos bancos portugueses (Amaral, 2009, p. 62; “Entenda melhor a crise econômica de Portugal,” 2011; Gandra, n.d., p. 16; Pedroso, 2014, p. 4;16).

As indústrias tradicionais, agrícola e pesqueira, continuam a ter relevo na economia portuguesa, apesar do seu pequeno relevo nas exportações. Relativamente a produtos agrícolas entre os principais produzidos inclui-se vinhos, azeite e fruta, nomeadamente laranjas algarvias, cerejas e peras (“Portugal - Economia,” n.d.).

Entre as principais indústrias portuguesas encontram-se a construção civil, refinarias de petróleo, produção de plásticos, siderurgia, calçado, têxtil, e artigos de couro. É ainda

importante destacar que Portugal produz cerca de metade da produção mundial de cortiça e a importância do setor turístico, que no terceiro trimestre de 2008 representava 25% do emprego (Pedroso, 2014, p. 7; “Portugal - Economia,” n.d.).

Os setores mais prejudicados pela CEM foram o setor financeiro, sendo que um dos principais bancos portugueses sentiu grandes dificuldades, juntamente com a construção civil (Evans-Pritchard, 2014; Pedroso, 2014, p. 7).

Com a queda do valor das ações do Banco Espírito Santo (BES), o Banco de Portugal suspendeu as negociações com o mesmo (Evans-Pritchard, 2014). A agência Moody’s acabou a rebaixar a posição do BES para Caa2 (Evans-Pritchard, 2014).

Quando Portugal entrou no Euro a dívida nacional encontrava-se sob o limite de 60% estabelecido, contudo em 2009 a dívida pública já tinha subido para 70% do PIB e não parava de crescer. Em 2008 o défice da conta corrente já era superior a 12% do PIB (Pedroso, 2014, p. 29; Pettinger, 2012). Independentemente do progresso registado a nível da economia portuguesa, a dívida pública continua em crescimento atingindo os 131% do PIB, e os bancos nacionais continuam frágeis. Em parte os elevados gastos governamentais devem-se a projetos em áreas como os transportes, numa tentativa de aumentar a competitividade. Numa tentativa de aliviar a situação económica foram realizados leilões de títulos de dívida (Amaral, 2009, p. 16; “Entenda melhor a crise económica de Portugal,” 2011, “Portugal está superando crise económica sem recorrer a fórmulas de austeridade, diz Economist,” 2017).

A dívida portuguesa, com um elevado impacto no PIB, é na sua maioria a estrangeiros, o que acaba a prejudicar ainda mais Portugal. O receio centra-se no facto de que a dívida portuguesa atingiu os níveis considerados insustentáveis, isto é, 130% do PIB, em que 70% é devida a estrangeiros (Amaral, 2009, p. 64; Evans-Pritchard, 2014; Lynn, 2015). Entre as dívidas a estrangeiros encontra-se a dependência portuguesa de fontes energéticas a rondar os 82,7% segundo (Amaral, 2009, p. 77).

Segundo (Amaral, 2009, p. 18) por detrás da dívida portuguesa encontram-se os programas públicos anticrise; o custo da tentativa de estabilização do sistema financeiro e a perda de receita devido à crise económica.

Segundo a perspetiva de (Amaral, 2009, p. 61) a crise económica em Portugal pode ser dividida em duas vertentes: estrutural, ligada a uma crise profunda de 10 anos; e a conjuntural, ligada à atual crise global, que só poderá ser resolvida quando a economia europeia e americana superarem a crise.

Na primeira tentativa de resolver os problemas fiscais, Portugal foi incapaz de atingir os objetivos. Como consequência, a pressão por parte dos mercados internacionais aumentou juntamente com os custos de refinar a dívida (Pedroso, 2014, p. 29).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Só no espaço de um ano a despesa pública cresceu quase 5%, atingindo os 49,7% em 2009. Independentemente da austeridade, só em 2012 é que foi possível reduzir para 47,5% (Pedroso, 2014, p. 30).

De forma a resolver as dificuldades da economia portuguesa, a União Europeia recomendou um plano dividido em três partes: área financeira, de março a dezembro de 2008; área económica, de dezembro de 2008 a fevereiro de 2010; e orçamental, a partir de 2010 (Pedroso, 2014, p. 2).

Durante o período focado na área financeira foi adotada uma iniciativa de reforço da estabilidade financeira. Esta iniciativa tinha como objetivo o impulsionamento da confiança no sistema financeiro doméstico juntamente com o cumprimento dos mecanismos europeus. Sob a orientação da União Europeia, o governo focou-se na prevenção do risco sistémico para o sistema financeiro, através de medidas como injeção de capital nestas instituições, garantias estatais para a obtenção de empréstimos dos bancos e nacionalização de dois bancos em dificuldades (BPN e BPP) (Pedroso, 2014, p. 2;4).

A partir do final de 2008/ início de 2009 o objetivo passou a ser o fim da crise económica através da iniciativa para o investimento e emprego. Assim o foco passou a centrar-se em aumentar o consumo e investimento público com o objetivo final de apoiar a procura doméstica e empresas na economia real, devido à queda da procura internacional e às dificuldades em obter crédito no sistema financeiro. Em 15 de março de 2010 foi aprovado o PEC1, Programa de Estabilidade e Crescimento, programa de ajustamento que foi desenvolvido considerando o mecanismo da União Europeia de vigilância mútua do orçamento. Contudo em maio de 2010 foi criado um segundo plano de austeridade, PEC2, em 2011 o PEC3, e em março de 2011 o PEC4 (que acabou rejeitado no parlamento) (Pedroso, 2014, p. 2-3;4).

Entre as medidas tomadas pelo governo no início de 2009 incluem-se:

- Construção - programa intensivo destinado à modernização de edifícios escolares;
- Eficiência energética - incentivos para as energias renováveis, para infraestruturas de transporte de energia e melhoria da eficiência de edifícios públicos;
- Tecnologias de informação - apoio à expansão da rede de fibra ótica;
- Programas especiais de financiamento para PMEs;
- Medidas reforçadas para impulsionar políticas ativas de bem-estar e emprego (Pedroso, 2014, p. 4).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

A partir de janeiro de 2010, devido aos receios de estabilidade das obrigações da zona euro, e a instabilidade política, os rendimentos das obrigações subiram para valores completamente insustentáveis. Por trás desse aumento dos rendimentos encontravam-se a dúvida quanto à liquidez da zona euro; receio relativo ao futuro crescimento económico; e receio das instituições bancárias de obterem dívida da zona euro. Neste período as agências de rating desvalorizaram a dívida soberana nacional. Só no período compreendido entre 2010 e 2011 a *Fitch* desvalorizou por quatro vezes a dívida soberana portuguesa, o que levou a uma escalada das taxas de títulos públicos a 10 anos (Lynn, 2015; Pedroso, 2014, p. 3;32; Pettinger, 2012).

Uma medida tomada pelo governo português para controlar as dificuldades internas passou pela privatização de importantes ativos estatais, nomeadamente a nível do setor energético, transportes e manufaturas (Pedroso, 2014, p. 33).

Durante os primeiros anos da crise, Portugal acabou por sofrer uma queda significativa no seu PIB, superior a 5% (ver anexos - gráfico 24) (ver gráfico 4 ). Devido à escassez de crédito e à dívida, Portugal acabou por pedir ajuda, através de um Memorando de Entendimento, em 17 de maio de 2011, à União Europeia, Banco Central Europeu e FMI recebendo 78 mil milhões de euros. Porém em 2014 o PIB português continuava a decrescer (Pedroso, 2014, p. 3; Pettinger, 2012; “Portugal está superando crise econômica sem recorrer a fórmulas de austeridade, diz Economist,” 2017). Como consequência do Memorando, o salário mínimo foi congelado, numa tentativa de impulsionar a competitividade e reduzir os custos salariais (Pedroso, 2014, p. 16).

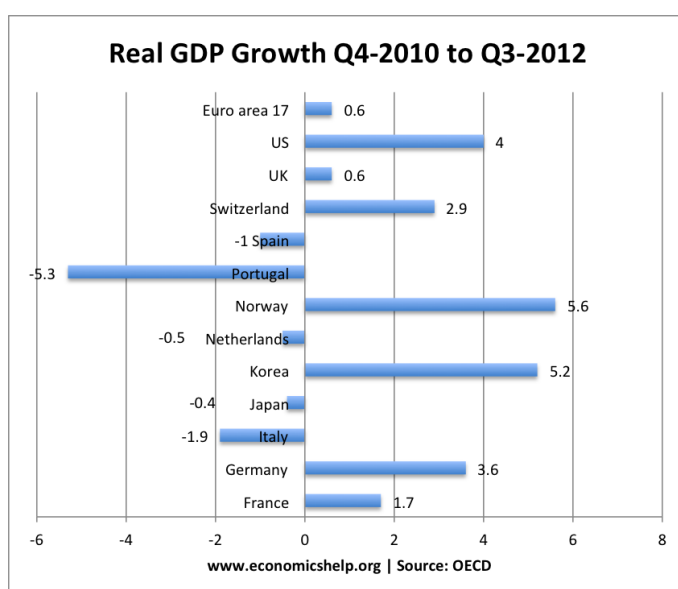


Gráfico 4 - Crescimento do PIB de Portugal de 2010 a 2012 (Pettinger, 2012)

Durante o período de 2011 a 2014, um forte pacote de austeridade foi desenvolvido, em parte como consequência do apoio recebido, que incluía a redução de salários e aumento

de impostos, que, contudo, levou a um aumento de protestos e crescimento do desemprego, que em 2012 rondava os 15,5% (ver gráfico 5) (ver anexos - gráfico 24). Segundo João de Sousa, da Assistência Médica Internacional, em (Faget, 2015) os valores de desempregados são maquilhados por cursos de formação e pessoas que desistiram. A austeridade levou a uma queda no nível de confiança das empresas e de consumidores e a um aumento do desemprego, que aumentou mais depressa do que o PIB descia; as receitas dos impostos, em certa medida, também desceram (“A crise financeira de Portugal,” 2013; Amaral, 2009, p. 7;63; “Entenda melhor a crise econômica de Portugal,” 2011; Gandra, n.d., p. 6;18; Pedroso, 2014, p. 3;4;9; Pettinger, 2012; “PORDATA - Taxa de desemprego: total e por sexo (%) - Portugal,” n.d., “Portugal - Crise em Portugal é anterior à crise geral,” 2012).

O grupo etário que mais sofreu com o aumento do desemprego foi o grupo dos jovens, que segundo (Pedroso, 2014, p. 11) sentiu uma escalada de 13,3% no segundo trimestre de 2008 para 34,3% para o mesmo período de 2013.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Portugal em (Gandra, n.d., pp. 6-7) em 2012 50% dos migrantes tinham idade compreendida entre 15 e 29 anos. Os jovens que migraram eram em grande parte qualificados com diploma universitário, que acabaram por sair devido ao desemprego e baixos salários (Faget, 2015).

Entre os protestos realizados durante o período de austeridade incluem-se as greves gerais de novembro de 2011, impulsionada pelos cortes salariais e nas pensões e aumento do horário de trabalho; e de março de 2012 (Faget, 2015; Pedroso, 2014, p. 17). Considerando que Portugal é um exemplo de país com elevada desigualdade de distribuição de rendimento, combinada com uma elevada vulnerabilidade à pobreza, e enfrentando dificuldades com a crise, e com as medidas tomadas, é de prever que as desigualdades se agravem e que os pobres fiquem mais pobres (Amaral, 2009, p. 67; Gandra, n.d., p. 18; Pedroso, 2014, pp. 19-20). Entre as pessoas mais pobres considera-se a população idosa, com mais de 75 anos, mas também as crianças e os jovens, em especial casais jovens com crianças e pais solteiros (Pedroso, 2014, pp. 21-22).

Apesar de no início da crise o foco do governo ter estado em apoiar os desempregados mais pobres, a situação mudou a partir do PEC1. As medidas e apoios (rendimento social de inserção- RSI; subsídio social de desemprego - SSD; entre eles) contra a pobreza sofreram alterações nas condições de elegibilidade, o que igualmente veio aumentar o fosso entre a população mais rica e mais pobre, aumentando ainda as dificuldades dos mais pobres, que deixam de ser considerados para estes apoios (Pedroso, 2014, pp. 22-23).

Segundo o Instituto Nacional de Estatística em (Faget, 2015) o índice de pessoas em risco de pobreza rondava os 19% com cerca de dois milhões de pessoas com um rendimento inferior a 60% do salário mínimo do país.

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Entre as medidas de austeridade encontrava-se também a contenção dos custos sociais através da redução dos custos com a saúde, educação e serviços gerais no PIB (Faget, 2015; Pedroso, 2014, p. 30).

Em 2013 a pensão média, que em 2008 rondava os 600 euros, já tinha perdido 4,95 do seu valor real (Pedroso, 2014, p. 25), o que se revela preocupante, considerando que a população mais velha se encontra vulnerável à pobreza.

Porém, segundo os dados registados, a economia portuguesa tem conseguido crescer ao longo dos últimos três anos (“Portugal está superando crise econômica sem recorrer a fórmulas de austeridade, diz Economist,” 2017).

Dificultando ainda mais a recuperação da economia portuguesa é a dependência de certos mercados, nomeadamente espanhol, e a dificuldade de se expandir para novos mercados (Pedroso, 2014, pp. 5-6).

Numa tentativa de aumentar o PIB e reduzir o desemprego, o governo lançou um Documento de Estratégia Fiscal para o período de 2014 a 2018. Contudo, a opinião pública não se mostrou muito confiante na capacidade de produzir resultados (Gandra, n.d., p. 7), com a população a acreditar que o foco do governo estava em apoiar as classes mais ricas (Gandra, n.d., p. 8).

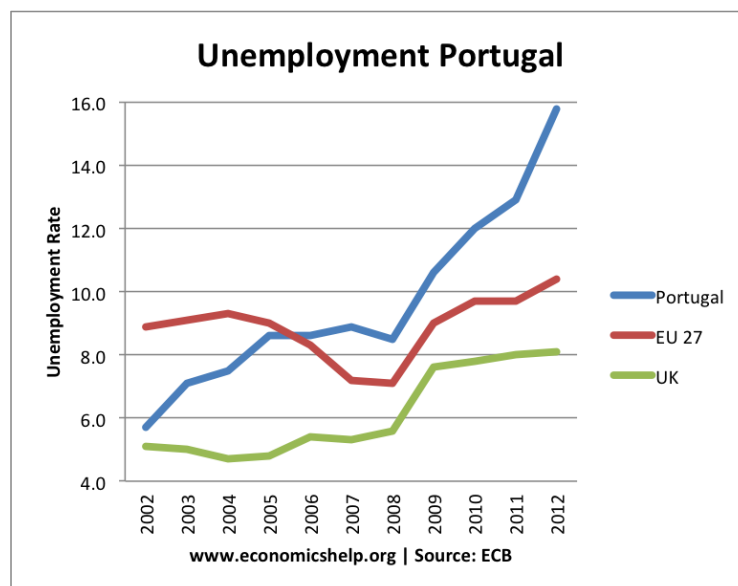


Gráfico 5 - Evolução do desemprego em Portugal de 2002 a 2012 (Pettinger, 2012)

A partir das eleições de novembro de 2015, que criaram as condições para um governo de entendimento à esquerda, liderado pelo Partido Socialista, registou-se uma redução do défice fiscal, ao mesmo tempo que um aumento nos salários e reformas para os valores de antes da crise. Segundo The Economist, durante o ano de 2016, Portugal conseguiu reduzir o défice orçamental para 2,1% do PIB, o valor mais baixo desde 1974. Foi durante este governo

que, pela primeira vez, atingiu os objetivos estabelecidos para os países da zona euro. Para o ano de 2014 o crescimento do PIB atingiu os 1,5%, terminando o plano de ajustamento económico, e para 2015 esperava-se 1,6% (Gandra, n.d., p. 7; Lynn, 2015; “Portugal está superando crise econômica sem recorrer a fórmulas de austeridade, diz Economist,” 2017).

Foi através das medidas de austeridade que Portugal conseguiu restaurar a confiança dos mercados internacionais no país, alcançando assim taxas de juros mais baixas do que as que estava a experienciar (Faget, 2015). No entanto, só quando reduziu o nível de austeridade é que a economia portuguesa começou a dar sinais de efetiva recuperação.

Segundo o Banco de Portugal, para 2019, prevê-se uma queda do desemprego para os 7% e um crescimento das exportações em 6% (“Portugal está superando crise econômica sem recorrer a fórmulas de austeridade, diz Economist,” 2017). Contudo o progresso verificado não vai durar já que as exportações continuam a cair, a dívida continua insustentável, o desemprego a crescer e continua a passar por desafios em termos sociais (Amaral, 2009, p. 11; Gandra, n.d., p. 8; Lynn, 2015).

Até 2026, segundo previsto, Portugal continuará sob a vigilância pós-programa, isto é, até quando 75% do valor da assistência tiver sido paga (Gandra, n.d., p. 8).

#### 4.3.2. Algarve

##### 4.3.2.1. O Turismo no Algarve

O turismo, como já foi discutido anteriormente, revela-se como um setor importante para a economia do país. O turismo é uma excelente forma de obter divisas e de equilibrar o défice da balança de pagamentos. No caso português, este setor representa cerca de 11% do PIB nacional (Fernandes, 2011).

Portugal sentiu, desde o início da CEM fortes dificuldades em obter crédito, pelo que o crescimento do número de turistas internacionais em 11,2%, em 2011, foi obviamente vantajoso, compensando de alguma forma aquele constrangimento. Em 2015 Portugal recebeu 10,18 milhões de turistas estrangeiros, um crescimento de 10%. E em 2016, no primeiro semestre, segundo o Conselho Nacional de Turismo, mais tarde confirmado pelo INE, o crescimento atingiu os dois dígitos, com tendência para continuar, ou crescer ainda durante o resto do ano, em especial em áreas populares como o Algarve (Bratley, 2016; De Beer, 2016; Fernandes, 2011; “Tourism activity is increasing,” 2017, “Turismo resiste à crise, mas é preciso melhorar a atratividade,” 2015). Segundo o INE as receitas de 2015 subiram para 2,5 biliões de euros, um aumento de 8,6% (De Beer, 2016).

Por trás do crescimento do turismo na Europa encontra-se o aumento de turistas alemães em 2011 e a crescente instabilidade, agitação e atentados em países árabes, como o Egito (Fernandes, 2011; Gayle, 2016). De acordo com a ABTA em (Gayle, 2016) Portugal foi o

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

país que mais beneficiou com a deterioração do clima político e social no Egito e na Turquia, entre outros países do norte de África. Já a ONS apresenta Portugal, Espanha, Barbados, Itália, México e Marrocos como os principais destinos turísticos para os cidadãos do Reino Unido, entre 2011 e 2015 (Gayle, 2016).

Segundo Viegas em (Bratley, 2016) o turismo algarvio cresceu como consequência da transferência de turistas frequentadores da bacia do Mediterrâneo e noroeste africano, juntamente com a epidemia do vírus Zika.

Segundo a OMT, apesar do número de turistas de países emergentes estarem em crescimento, 80% dos turistas na Europa são originários do próprio continente europeu (Fernandes, 2011).

De acordo com os dados disponíveis do Instituto Nacional de Estatística (INE), durante os 10 primeiros meses do ano de 2014, o Algarve registou um aumento de 11,2%, de turistas relativamente ao mesmo período do ano anterior. Durante o mesmo período as receitas atingiram os 665 milhões de euros, um aumento de 14,1%. Segundo Desidério Silva, da Região de Turismo do Algarve, 2014 acabou por revelar-se, no passado recente, como um dos melhores anos para o turismo algarvio, que se apresenta como a força motora do turismo nacional (“Algarve tourism enjoys best year in recent times,” 2014, “Turismo resiste à crise, mas é preciso melhorar a atratividade,” 2015).

Independentemente do papel de relevo do Algarve no setor turístico português, esta região continua a atrair investimentos na área turística. No ano de 2016 a ocupação de hotéis algarvios cresceu 5,3% em relação ao ano anterior, para 60,6%, com preços por quarto a crescer 11,7%. Este aumento de preços resultou num crescimento de receitas por quarto (RevPAR) de 17,5%. É ainda importante destacar que a maioria dos hotéis, 80%, obtiveram a classificação de 4 ou 5 estrelas (“Tourism activity is increasing,” 2017).

Segundo um comunicado da RTA o ano de 2016, de acordo com os dados disponíveis, seria o melhor ano de sempre para o turismo algarvio. Este comunicado apoia-se nos dados dos primeiros seis meses do ano que apontavam um aumento de dormidas de 13,35% relativamente ao mesmo período do ano anterior (Bratley, 2016).

A RTA afirma ainda que os cidadãos do Reino Unido continuam a ser o principal mercado de turistas no Algarve, com uma quota de 70%. A especial importância deste mercado levanta ainda preocupações relativamente à continuação da escolha do Algarve no pós Brexit (Bratley, 2016).

Segundo Desidério Silva, presidente da RTA, as reservas também têm registado um crescimento, comparativamente ao ano de 2015, mesmo nos meses tradicionalmente mais

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

baixos. Contudo Elidérico Viegas, chefe da associação hoteleira AHETA, afirma que o recente crescimento apenas vem compensar os anos mais fracos do passado (Bratley, 2016).

Por trás do crescimento do turismo algarvio, para além do aumento de turistas nacionais, encontra-se o aumento de 8,7% de turistas estrangeiros, em especial britânicos, alemães e espanhóis. Para além do esforço em atrair os cidadãos destas três nacionalidades, as mais frequentes entre os turistas em Portugal, procura-se ainda atrair franceses, americanos, escandinavos e holandeses (“Algarve tourism enjoys best year in recent times,” 2014; De Beer, 2016).

Aliás, o décimo relatório anual *Holiday Money* de 2016 apresenta o Algarve como o destino mais barato para os turistas do Reino Unido, pela primeira vez em 5 anos (De Beer, 2016).

Apesar do crescimento registado e das perspetivas animadoras para o Algarve em 2017 (Bratley, 2016; “Tourism activity is increasing,” 2017), já Jorge Costa do IPDT em (“Turismo resiste à crise, mas é preciso melhorar a atratividade,” 2015) destaca a necessidade de trabalhar na captação, melhoramento da experiência e atratividade de Portugal, que obviamente inclui o Algarve, como destino turístico. Esta ideia revela-se extremamente importante se analisada sob o conceito de efeito de substituição de destinos turísticos.

#### 4.3.2.2. O Penina Hotel & Golf Resort

Foi apresentado um questionário aleatório e anónimo a clientes do Penina Hotel & Golf Resort (ver anexo 1) entre o mês de janeiro e março de 2017. Obteve-se um total de 44 questionários respondidos, 32 foram por indivíduos do sexo masculino, 12 por indivíduos do sexo feminino. Dentro da população masculina conta-se com 15 com idade compreendida entre 51 e 65 anos e 17 com idade superior aos 66 anos.

No caso feminino, a amostra é constituída por 2 mulheres com idade compreendida entre 31 e 50 anos, 3 com idade entre 51 e 65 anos juntamente com 7 mulheres com idade superior a 66 anos.

De forma a apresentar os resultados de forma mais orgânica, a análise será apresentada por pergunta, começando pela amostra masculina, seguida pelos dados provenientes da população feminina, e no final apresentar-se-á um resumo do total dos questionários, numa perspetiva de possível efeito de substituição.

Em termos de nacionalidade de inquiridos, apesar de ter sido realizado aleatoriamente, uma grande percentagem de questionários foram realizados por cidadãos do Reino Unido.

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

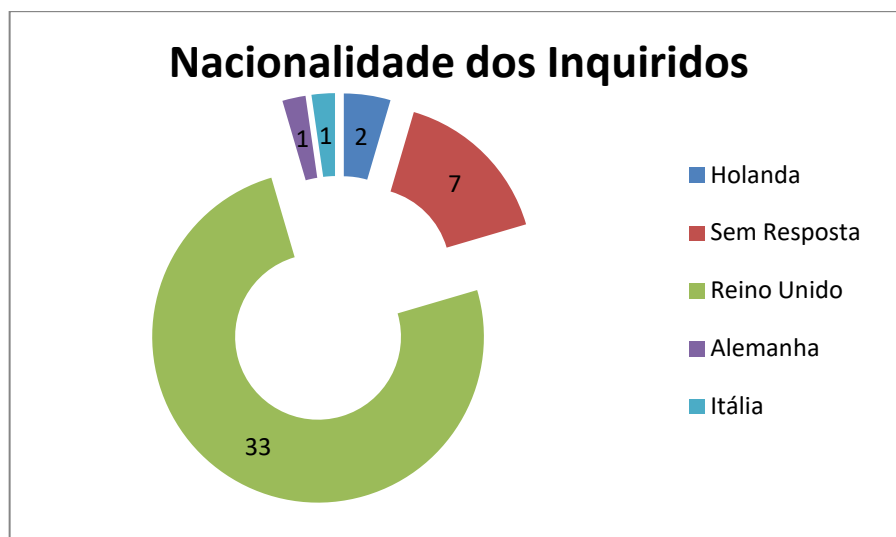


Gráfico 6 - Nacionalidade dos Inquiridos

Na primeira questão: “O que procura num destino de férias?”, no caso da população masculina, independentemente do grupo etário, a primeira escolha recai sobre a segunda opção (B) - Aspetos Geográficos. As restantes alternativas incluem: Aspetos Histórico-culturais (A); Estabilidade (C); e Aventura (D).

Contudo alguns inquiridos optaram por selecionar várias opções levando assim a um maior número de respostas de que questionários, os resultados para os inqueridos do sexo masculino são os seguintes:

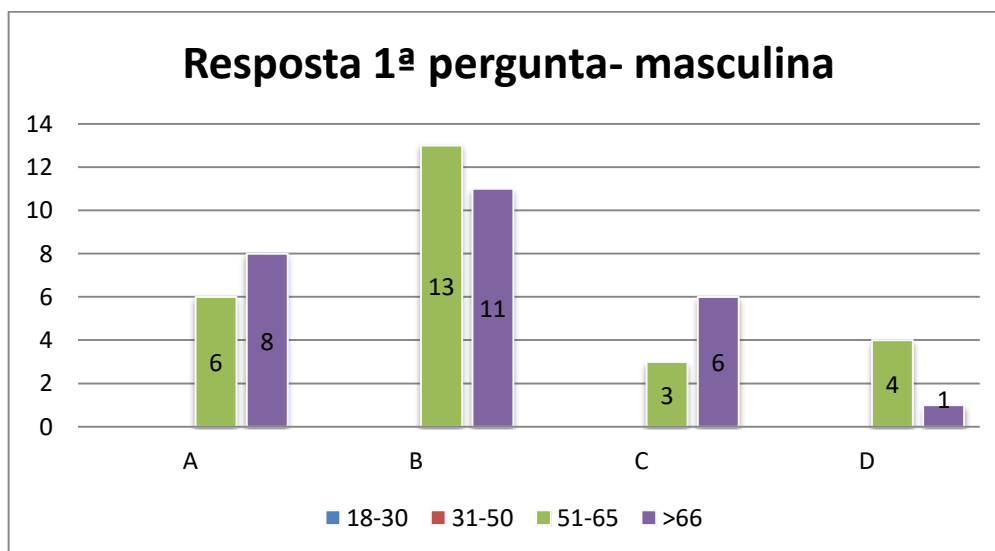


Gráfico 7 - Resposta à 1ª pergunta, população masculina

No caso aos inquiridos do sexo feminino, apesar de a resposta B (Aspetos Geográficos) continuar a ser mais representada, a resposta C (Estabilidade) também ganha destaque. Tal como o verificado na população masculina, registou-se respostas múltiplas que culminaram os seguintes resultados.

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

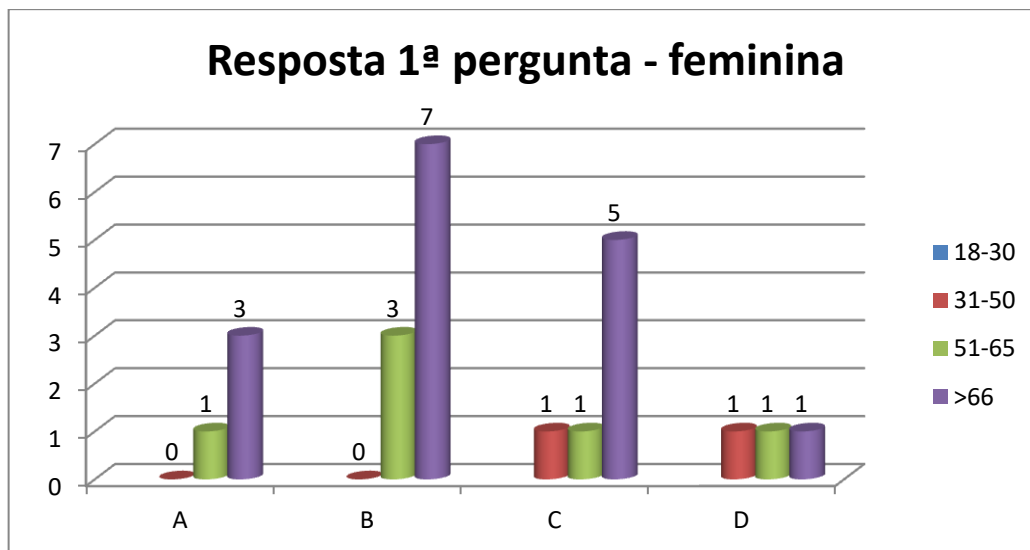


Gráfico 8 - Resposta à 1ª pergunta, população feminina

Considerando o objetivo do presente relatório, uma pergunta de extrema relevância seria a 2ª pergunta do questionário, “Se um país está a experienciar conflitos, mesmo que não seja no exato local onde se encontra, considera seguro?”. Para esta pergunta existem três possíveis respostas: Sim (A); Não (B); Talvez, mas continuaria a ser cauteloso (C).

No caso das respostas apresentadas pela população masculina, no global, a opção B foi a mais selecionada, no entanto na faixa etária dos 51 aos 65 anos, a maioria optou pela hipótese C.

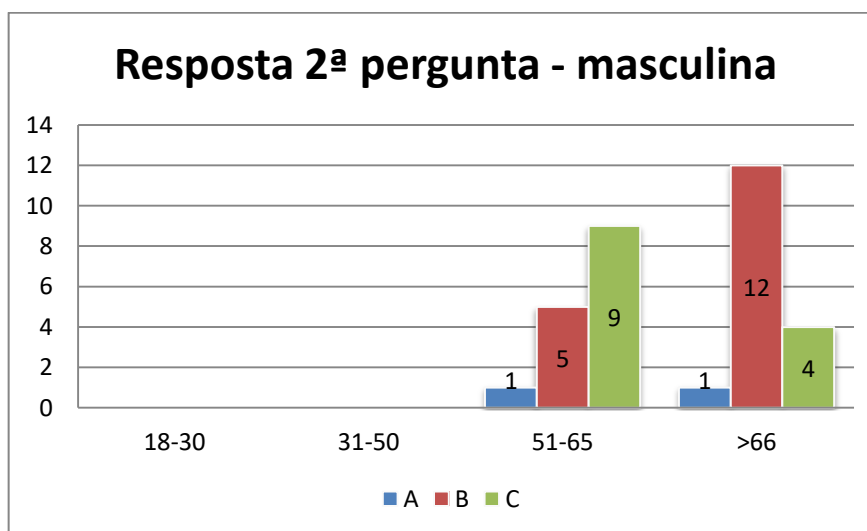


Gráfico 9 - Resposta à 2ª pergunta, população masculina

No caso das inquiridas do sexo feminino, tal como foi verificado com os homens, a opção B foi a mais popular. A única exceção registou-se no grupo etário dos 31 aos 50 anos, no qual apenas há dois indivíduos, logo foi um caso de 50-50.

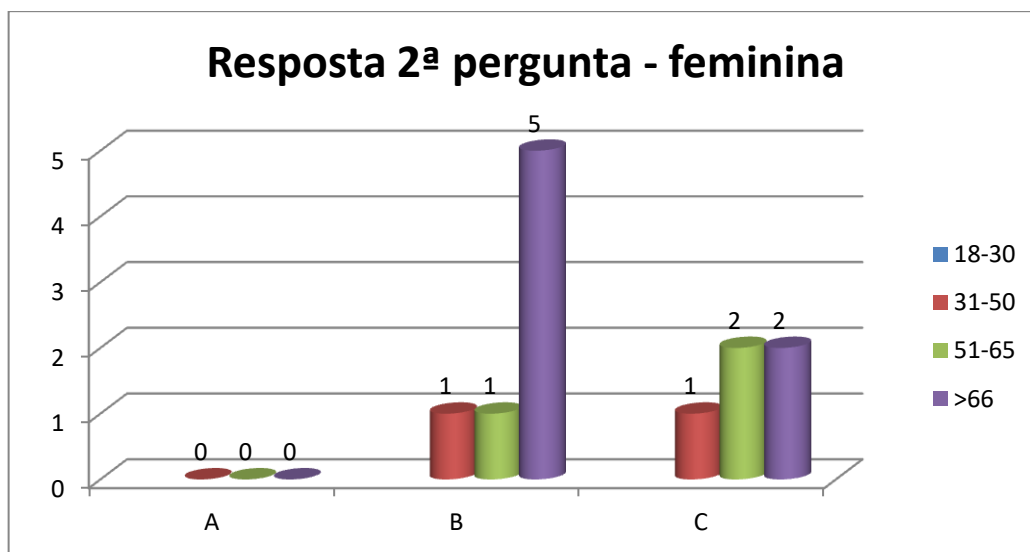


Gráfico 10 - Resposta à 2ª pergunta, população feminina

Avançando para a terceira pergunta, “Se os *media* do país dizem que é seguro para férias, iria? Independentemente de qualquer outra informação?”. Tal como na questão anterior, esta pergunta é muito importante para os casos analisados, já que estes esforçam-se para apresentar os seus países como seguros para turistas.

Para esta questão as respostas apresentadas eram: Sim (A); Não (B); e Talvez, mas continuaria a ser cauteloso (C).

Neste caso a maioria das respostas obtidas favoreciam a opção C, de certa forma contraditório, se se tiver em consideração os resultados provenientes da questão 2.

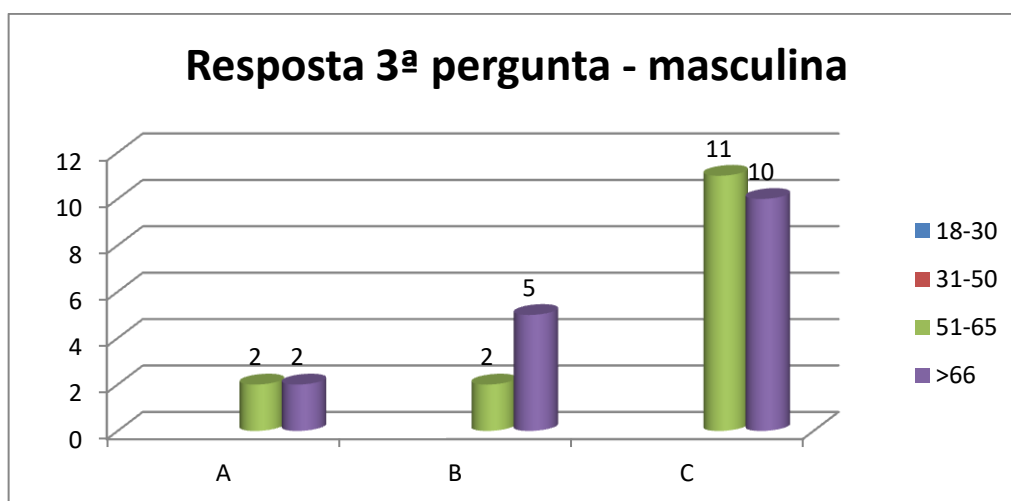


Gráfico 11 - Resposta à 3ª pergunta, população masculina

Já no caso da população feminina, relativamente à mesma pergunta, as respostas foram diferentes. Neste caso, tal como na questão anterior, a resposta B foi a favorita, alcançando mais de 66% dos votos.

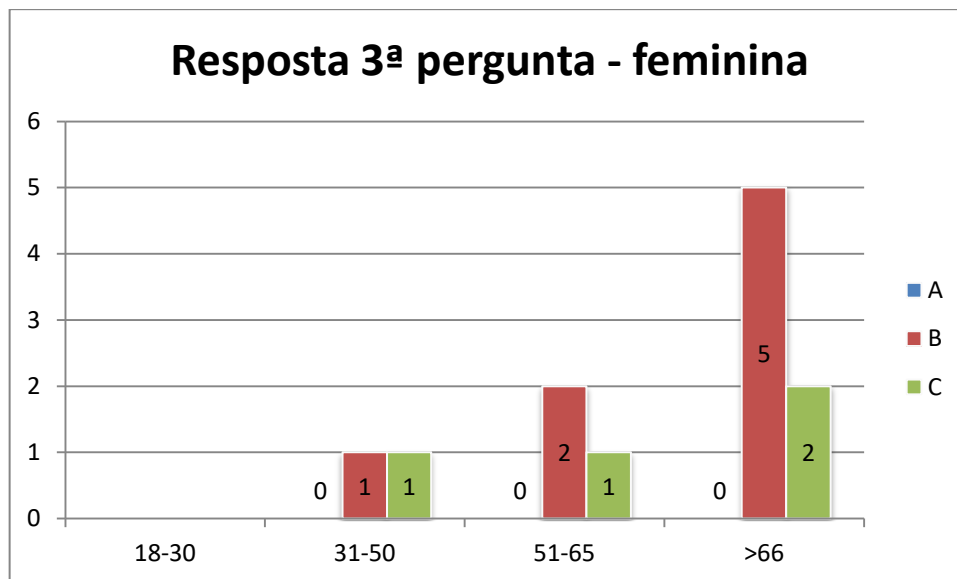


Gráfico 12 - Resposta à 3ª pergunta, população feminina

Na questão seguinte: “Dos países listados, qual é o seu favorito destino de férias?”, as respostas foram apresentadas através de uma enumeração de 1 a 3, sendo que 1 seria o preferido. Os países listados são os países analisados no presente relatório: Egito (A), Turquia (B) e Portugal (C).

No caso dos inquiridos do sexo masculino, apesar de se pedir uma enumeração de 1 a 3, a maioria enumerou apenas uma das hipóteses, 20 dos inquiridos. Porém um dos questionários foi anulado por a enumeração ter sido feita de forma inválida.

Para esta pergunta, de forma a tornar a compreensão mais fácil, a classe etária não foi considerada. Assim, no total, Portugal (Algarve) é considerado a primeira escolha, de entre os três apresentados, em termos de destino turístico. Relativamente à segunda escolha esta caiu sobre a Turquia, com o Egito, de entre os países apresentados, como a última escolha.

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

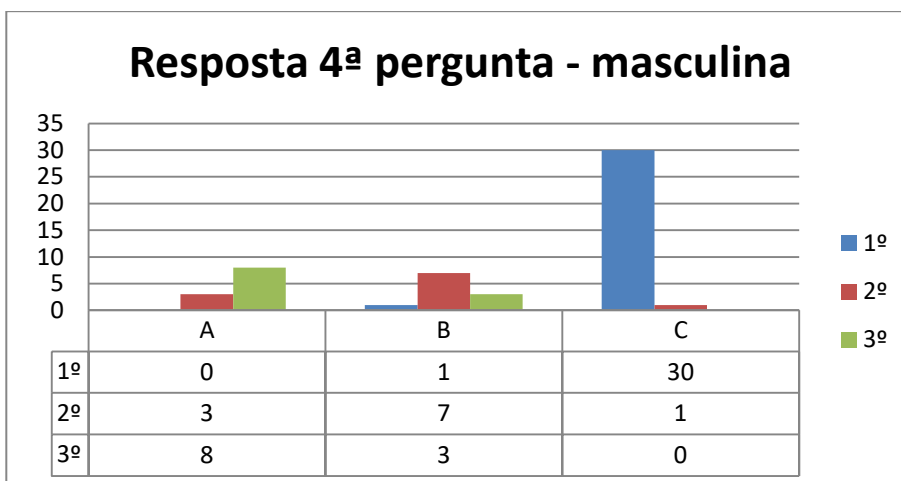


Gráfico 13 - Resposta à 4ª pergunta, população masculina

Tal como no caso da população masculina, vários dos inquiridos apenas indicaram a primeira opção (5), contudo neste caso não houve qualquer questionário anulado.

Igualmente como foi realizado no caso dos inquiridos respondidos pela população masculina, a faixa etária também foi desconsiderada, por não se revelar relevante e para facilitar a compreensão.

A opção C (Portugal), tal como no caso dos restantes questionários recebidos, revelou-se como a hipótese a favorita. Identicamente, a Turquia conquistou a segunda escolha, com o Egito em terceiro lugar, porém no caso feminino a decisão entre segundo e terceiro lugar ficou dividida por apenas um voto.

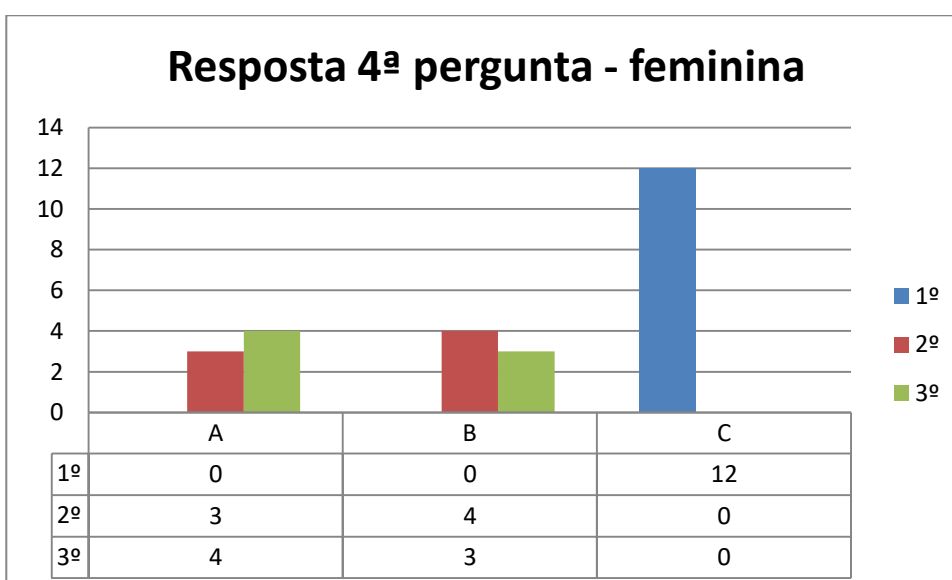


Gráfico 14 - Resposta à 4ª pergunta, população feminina

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Mais uma das questões extremamente importante para o trabalho desenvolvido neste relatório foi a quinta pergunta: “Considerando a presente situação na Turquia e Egito, ainda iria de férias para estes países?”.

Para esta pergunta, à semelhança de questões anteriores, as possíveis respostas são: Sim (A); Não (B); e Talvez, mas continuaria a ser cauteloso (C).

Nesta questão a resposta mais popular, com uma maioria absoluta (26 votos), foi a resposta B, Não. Demonstrando uma clara desconfiança na atual situação do Egito e Turquia.

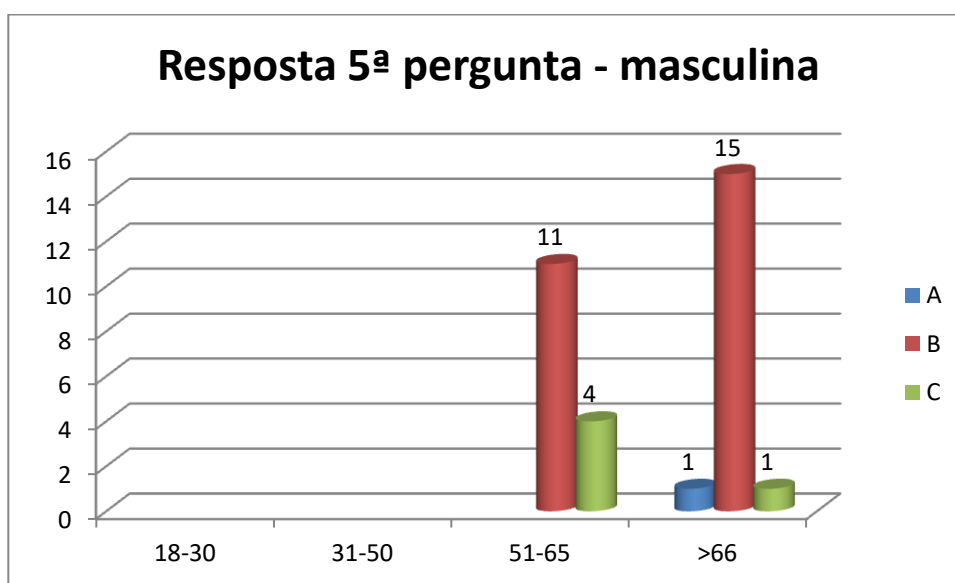


Gráfico 15- Resposta à 5ª pergunta, população masculina

Para a mesma pergunta a resposta da população feminina revelou-se muito semelhante, com todas as inquiridas da faixa etária, mais de 66 anos, a dizer que não iriam nem para Turquia nem para o Egito na presente situação. Porém nas restantes faixas etárias as respostas dividiram-se entre B e C.

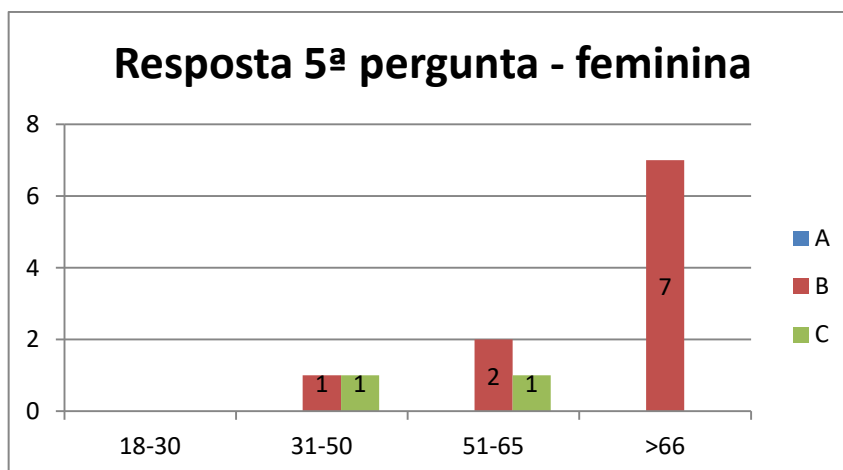


Gráfico 16 - Resposta à 5ª pergunta, população feminina

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Apesar de a questão, 5.1., ter sido desenvolvida para responder apenas por quem respondeu não na questão 5, o que se registou é que todos os inquiridos, independentemente do sexo e da resposta na pergunta anterior, responderam a esta questão.

Para a pergunta 5.1, Se não, para qual continente preferia ir? Liste de 1 a 6, sendo 1 o favorito, tal como foi registado na questão 4. houve casos de questionários com apenas uma resposta, e casos em que a numeração não foi concluída (não foi feita até 6). Uma outra dificuldade sentida foi que alguns dos questionários, em vez de serem numerados foram feitos através do recurso a “X”.

As respostas possíveis eram: Sul da Europa (A); Ásia (B); América (C); África (D); Não viajaria (E); e Outro (F).

Tanto na faixa etária dos 51 aos 65 como na faixa dos mais de 66 anos, a primeira escolha recai sobre o Sul da Europa (A), como segunda escolha, a resposta mais frequente foi América (C). A hipótese menos apreciada foi, por ambas as faixas etárias, foi a opção E.

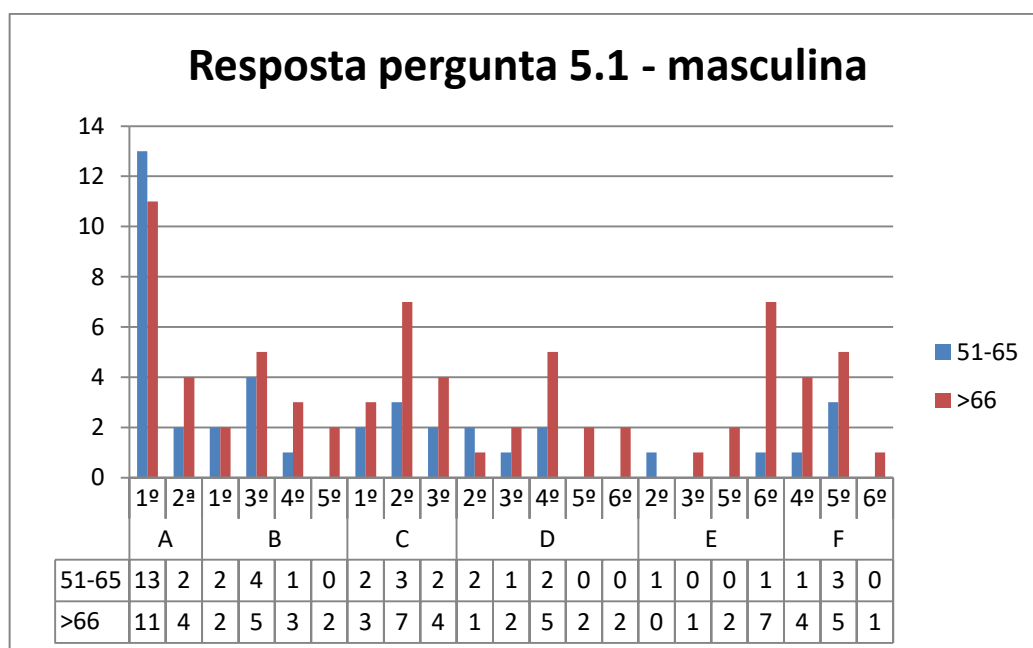


Gráfico 17 - Resposta à pergunta 5.1, população masculina

Para a população feminina das hipóteses apresentadas, a preferida foi, tal como no caso dos homens, a opção A, sendo que a segunda hipótese seria a opção C.

No caso das inquiridas também se registaram as mesmas dificuldades sentidas no caso da população masculina a nível da escolha de só uma das opções, da enumeração não ser concluída e também da seleção ser feita através de “X” e não de enumeração.

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

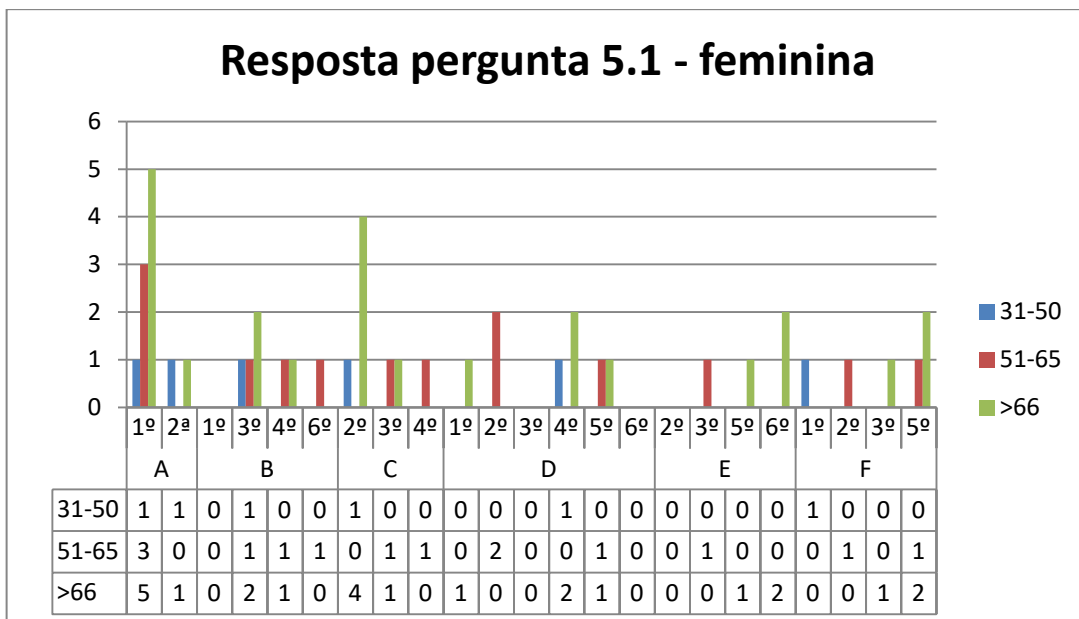


Gráfico 18 - Resposta à pergunta 5.1, população feminina

A última pergunta apresentada aos inquiridos recaía sobre a alteração do clima nos países em causa. A questão 6: “Se a situação se alterasse ainda escolheria Portugal?”, contou com três possíveis respostas, Sim (A), Não (B) e Não tenho a certeza (C).

No caso da população masculina a maioria, 22 dos inquiridos, diz que Sim (A), ainda continuaria a dar prioridade a Portugal em relação ao Egito e Turquia, mas 10 afirmam que não têm a certeza em relação a esta decisão (C).

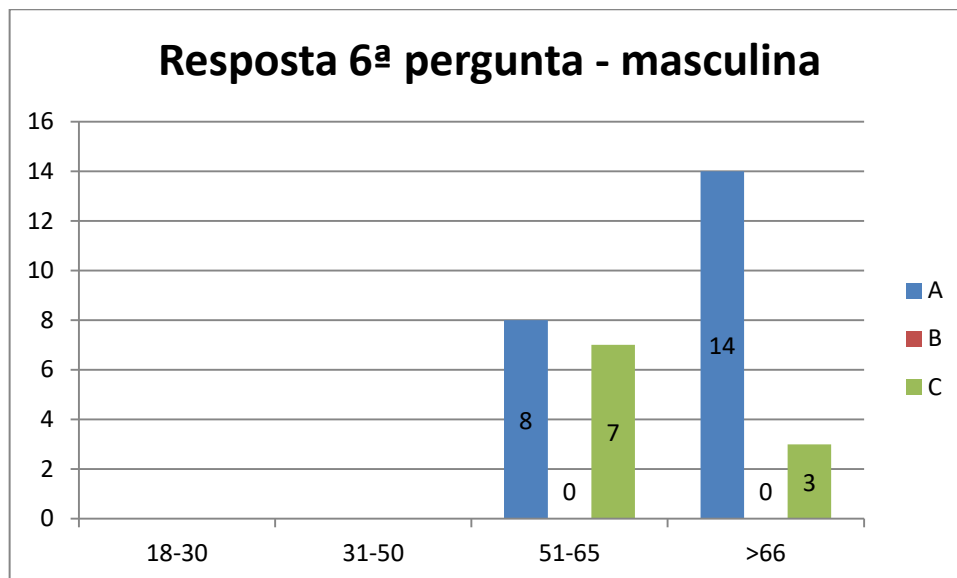


Gráfico 19 - Resposta à 6ª pergunta, população masculina

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

No caso das inquiridas apesar de se registar seis votos para a opção A (50% da população feminina) nota-se que este grupo se encontra praticamente dividido a meio com 5 mulheres a votarem em C, não tenho a certeza.

Os votos em C, tanto por parte da população masculina como pela população feminina, poderão ser o resultado de um efeito de substituição de curto prazo. Assim pode significar que o novo país não foi capaz de os captar de forma definitiva, e que quando os problemas do país de original acabarem tenderá a regressar.

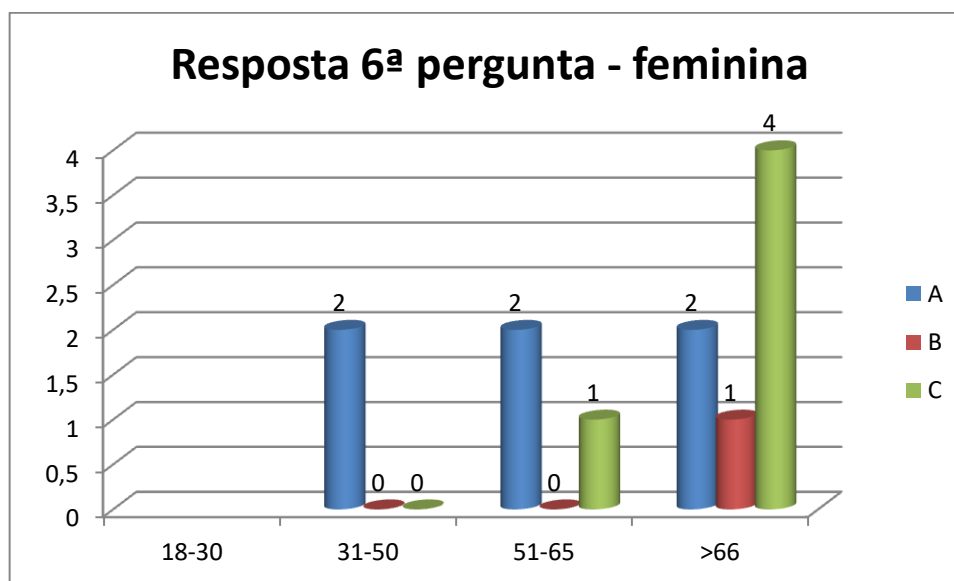


Gráfico 20 - Resposta à 6ª pergunta, população feminina

A segunda pergunta revelou-se extremamente importante para o trabalho em questão, já que este se foca no efeito de substituição. Tendo por base as respostas obtidas, pode-se depreender que, considerando que a maioria dos indivíduos que responderam aos questionários não consideraria um país a enfrentar conflitos como sendo seguro, então num caso de ter uma alternativa tenderiam a optar pela última. Assim, o crescimento do número de turistas em Portugal, como já foi discutido anteriormente, pode ter por base as crises sentidas no Norte de África e Médio Oriente.

Apesar de na pergunta 2 se ter feito uma pergunta semelhante, na 5ª questão as respostas foram algo diferentes. Independentemente de a resposta “mais popular” nas duas questões ser a mesma, B, no caso da quinta pergunta a quantidade de pessoas a considerar que iria ou não caiu a pique. Esta descida demonstra quanto as pessoas receiam as atuais situações no Egito e Turquia, logo os turistas que iriam para estes países “desapareceram”.

Com a sexta e última pergunta, apesar de a maioria dizer que ainda escolheria Portugal, 15 pessoas afirmam que com uma mudança das situações experienciadas nos países em questão considerariam alterar o seu destino turístico. Conjuntamente com os resultados retirados da 2ª e 5ª pergunta pode-se depreender que uma percentagem relativamente alta

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

de inquiridos que com a resolução das crises dos países poderão deixar de considerar Portugal como um dos seus destinos turísticos de eleição.

Assim, para Portugal poder continuar a beneficiar da desconfiança por parte dos turistas do norte da Europa no Egito e Turquia, é fundamental uma nova abordagem por parte do setor turístico português, por forma a desenvolver um caso de efeito de substituição de longo prazo. Para que este efeito se torne sustentável, tem que se cativar novos turistas, diminuindo o peso relativo daqueles que apenas aguardam a resolução dos problemas no Egito e Turquia para regressar.

## 5. Estágio

### 5.1. O Penina Hotel & Golf Resort

O estágio foi realizado no Penina Hotel & Golf Resort, localizado na EN125 - Penina em Portimão, pertencente ao grupo JW Hotels & Resorts.

O grupo JW Hotels & Resorts foi criado nos finais da década de 1980. Este grupo é caracterizado pelo seu vasto leque de hotéis, desde mais económicos aos de luxo, possuindo hotéis como *Grand Hotel Wien*, em Viena, *Hotel La Tremoille*, em Paris, *The Scotsman Hotel and Spa*, em Edimburgo. Já em Portugal conta com o campo de golfe de São Lourenço e Pinheiros Altos, Hotel Dona Filipa e Formosa Park Hotel Apartamento, todos localizados na região do Algarve.

Devido ao trabalho de desenvolvimento do resort, por Sir Henry Cotton, em 1966, Penina revelou-se um dos mais reputados e desejados campos de golfe da Europa, palco frequente do Open de Portugal e vencedor do prémio “Portugal Leading Golf Resort” pela “World Travel Awards”.

### 5.2. Atividades desenvolvidas

O estágio curricular decorreu de 02 de outubro de 2016 a 28 de fevereiro de 2017 sob um protocolo (ver anexo 2) estabelecido entre a Universidade da Beira Interior e o Penina Hotel & Golf Resort. A orientação do estágio recaiu sobre a diretora dos Recursos Humanos Dra. Antonina Oliveira, e em questões mais quotidianas e práticas, foi acompanhado pelo Dr. André Pescada, do Departamento de Recursos Humanos.

Durante o período de duração do estágio foi possível a integração nos diversos setores de atividade do Hotel, tendo sido desenvolvidas tarefas em quatro áreas específicas: Food & Beverage, Guest Relations, Reservas e Front-Office.



Ilustração 1 - Áreas em que decorreu o estágio

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

A área de Food & Beverage caracteriza-se pelo contato com os clientes, serviços de apoio de *catering* e preparação da sala para as refeições seguintes. É uma função importante, pois muitas vezes faz a diferença relativamente ao grau de satisfação do cliente por toda a unidade hoteleira.

Na seção de Guest Relations as atividades desempenhadas centravam-se no contato direto com o cliente, acolhimento e apoio geral. Utilizava-se a aplicação “Ópera”, como ferramenta de gestão, por forma a responder a comentários e reclamações deixadas por clientes nos *sites* de reservas.

Já nas reservas a atenção focava-se no processamento de reservas e pedidos de clientes, cancelamentos de reservas e alterações às mesmas, confirmações de reservas e dados, trabalho de arquivo e serviços de apoio administrativo. Também foram desenvolvidas competências mais avançadas no programa “Ópera”, as terminologias adotadas pela entidade, os pacotes e promoções disponibilizadas pela mesma (*loyal package*, golfe, refeições, antecedência - 60 e 120 dias) e preparação das cartas de confirmação de tee times (golfe).

A última área em que foram desempenhadas funções foi o Front-Office ou Recepção. Nesta última, as atividades desempenhadas forma variadas incluindo, mas não exclusivamente, atualização de perfis e de aniversários, criação de chaves de quartos, arquivo, routing entre quartos e agências de viagens e controlo de receitas do departamento de golfe.

Desenvolveram-se ainda atividades na área de realização de *check-in* e *check-out*, incluindo de grupos, marcação de restaurantes e táxis, respostas a perguntas e apoio a clientes, atendimento e transferência de chamadas telefónicas, registo de correio e gestão das reservas de restaurantes de 24, 25 e 31 de dezembro de 2016 e 1 de janeiro de 2017. Foram ainda desenvolvidas competências na introdução de consumos extra nas contas de clientes e criação de *Masters*, controlo da utilização e pagamento dos campos de ténis, pagamento de depósitos, preparação de *check-in* de grupos e serviços de apoio administrativo e de decoração da recepção.

## 6. Conclusão

O presente relatório teve como ponto de partida a busca de uma resposta efetiva para uma questão que, à escala internacional, deverá ser analisada: Até que ponto a instabilidade política, económica e social sentida no Médio Oriente, e em particular na Turquia e no Egito condicionam a escolha do destino turístico dos europeus, nomeadamente dos países do norte da Europa, e de que modo Portugal estará a beneficiar, ou poderá vir a beneficiar, desse condicionalismo.

O estágio, realizado numa importante unidade hoteleira localizada em Portimão, permitiu obter de forma direta respostas de turistas oriundos daquela região, dando preciosos indicadores sobre a forma como a escolha do destino de férias é feita, e qual a sustentabilidade dessas decisões em termos de futuro.

Percebeu-se, pela análise feita, que a crise económica mundial teve efeitos importantes, como não poderia deixar de ser, em todos os países estudados. Verificam-se contudo algumas diferenças:

- No caso do Egito, extremamente dependente da indústria turística, e com dificuldade na captação de fundos, a crise económica aliada à instabilidade política e social está a ter um efeito devastador sobre a capacidade económica do país, arrastando para o desemprego milhares de pessoas, e gerando, por consequência perversa, ainda maior instabilidade social e política. Esta conjugação de fatores leva ao surgimento de governos sucessivamente mais autoritários, numa ânsia de controlar a situação e de garantir alguma estabilidade.

- No caso da Turquia também se verifica este fenómeno, bem evidente nas últimas decisões tomadas pelo presidente Erdoğan. Contudo a crise turca tem contornos diferentes. Em comum, têm as pressões de grupos religiosos, embora estes estejam bastante mais controlados na Turquia que no Egito. A grande diferença entre os dois países estudados estará na pujança económica da Turquia que, não obstante as dificuldades sentidas, continua a ser a economia mais poderosa da região, com diversos setores de atividade a manterem níveis, apesar de tudo, bastante sólidos. O turismo é, à semelhança do Egito, um dos setores mais importantes da economia do país, mas neste caso não existe uma tão grande dependência desta atividade para a captação de recursos financeiros. Não significa isto que seja de desprezar a importância que o turismo tem na captação de divisas, sendo setor estratégico para o equilíbrio da balança de pagamentos, dada a grande dependência energética do país.

- Portugal, e em particular o Algarve, foi um dos grandes beneficiários do efeito de substituição sentido na atividade turística. Foi evidente no Penina Hotel & Golf Resort o peso do mercado do norte da Europa designadamente do Reino Unido, Holanda e Alemanha.

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Verifica-se que aquele efeito de substituição é uma realidade, sendo urgente a tomada de medidas para a sua consolidação, sob pena de se transformar em mera vitória efémera.

Foi analisado que, embora Portugal (e o Algarve) fossem uma primeira escolha para a generalidade dos inquiridos, havia uma forte probabilidade de a decisão se alterar se as condições em qualquer dos países analisados se alterasse também. Após um período de forte austeridade imposta a Portugal, o país tem vindo a conseguir algumas melhorias económicas, fruto de políticas mais sociais, mas ainda assim é de apontar o grande risco que existe derivado do peso da dívida externa.

Em termos turísticos à escala europeia, Portugal tem vindo a beneficiar do fenómeno do terrorismo noutros países europeus, já que o nosso país tem conseguido oferecer, para além do clima, da gastronomia e da cultura uma segurança e estabilidade política e social que se tem revelado como importante fator de atração.

O presente trabalho pode, naturalmente, ser acrescentado e atualizado por outros estudos subsequentes, que permitam perceber em toda a sua extensão o efeito de substituição provocado por fenómenos como o aumento de grupos terroristas e ataques destes, a Primavera Árabe, a captação ou não de outros mercados.

Por outro lado seria interessante analisar o crescimento do turismo noutras regiões de Portugal, por exemplo, Alentejo, norte, Lisboa e Porto.

Igualmente interessante seria estudar a tipologia do turismo em Portugal nos últimos anos, e perceber de que forma o turismo se está a adaptar à nova realidade (hotéis, campismo, cruzeiros, motivos culturais, geográficos).

## 7. Bibliografia

- A crise financeira de Portugal [WWW Document], 2013. . RFI. URL <http://pt.rfi.fr/geral/20120918-crise-financeira-portugal> (accessed 6.5.17).
- A novelist and a journalist come to terms with the new Turkey, 2016. . The Economist.
- Abdou, D.S., Zaazou, Z., 2013. THE EGYPTIAN REVOLUTION AND POST SOCIO-ECONOMIC IMPACT. *Top. Middle East. Afr. Econ.* 15.
- Acemoglu, D., Robinson, J., 2013a. The Political Economy of Turkey - Why Nations Fail [WWW Document]. URL <http://whynationsfail.com/blog/2013/2/27/the-political-economy-of-turkey.html> (accessed 11.12.16).
- Acemoglu, D., Robinson, J., 2013b. Black Turks, White Turks - Why Nations Fail - Why Nations Fail [WWW Document]. URL <http://whynationsfail.com/blog/2013/2/20/black-turks-white-turks.html> (accessed 5.5.17).
- Adly, A., 2015. Analysis: Egypt economy “entered a vicious circle” [WWW Document]. URL <http://www.aljazeera.com/news/2015/12/analysis-egypt-economy-entered-vicious-circle-151203112708562.html> (accessed 11.13.16).
- Al Jazeera, 2015. Egyptian forces kill 12 in tourist convoy [WWW Document]. URL <http://www.aljazeera.com/news/2015/09/tourists-killed-accidentally-egyptian-forces-mexican-western-desert-150914005726597.html> (accessed 12.27.16).
- Algarve tourism enjoys best year in recent times [WWW Document], 2014. URL <http://theportugalnews.com/news/algarve-tourism-enjoys-best-year-in-recent-times/33538> (accessed 12.27.16).
- Amaral, L.M., 2009. A CRISE FINANCEIRA E A ECONOMIA PORTUGUESA.
- Arango, T., 2014. A Leader Shows Vulnerability in Turkey’s Cash Crisis. *N. Y. Times*.
- Ashdown, N., 2016. Turkey’s Tourism Plummets amid Bombings and Crisis with Russia [WWW Document]. *Jerus. Post JPostcom*. URL <http://www.jpost.com/Middle-East/Turkeys-Tourism-Plummets-amid-Bombings-and-Crisis-with-Russia-456684> (accessed 11.13.16).
- Badr, A., Enas, Z., Saleh, M., 2009. Impact of Global Economic Crisis on Tourism Sector in Egypt: A System Dynamics Approach, in: *ResearchGate*. Presented at the 7th Latin American and 7th Colombian System Dynamics Conference. Santa Marta, Colombia.
- Badru, R., n.d. EGYPT FINANCIAL CRISIS [WWW Document]. URL [https://www.academia.edu/8027788/EGYPT\\_FINANCIAL\\_CRISIS](https://www.academia.edu/8027788/EGYPT_FINANCIAL_CRISIS) (accessed 11.13.16).
- Blomfield, A., Henderson, B., 2011. Egypt crisis: Egypt facing biggest tourism problem for a decade - *Telegraph* [WWW Document]. URL <http://www.telegraph.co.uk/travel/travelnews/8311983/Egypt-crisis-Egypt-facing-biggest-tourism-problem-for-a-decade.html> (accessed 11.14.16).
- Bratley, C.-M., 2016. Tourism soars [WWW Document]. URL <http://www.theportugalnews.com/news/tourism-soars/39216> (accessed 6.13.17).

- Bush, R., 2013. Turmoil in Egypt | The Political Studies Association (PSA) [WWW Document]. URL <https://www.psa.ac.uk/insight-plus/blog/turmoil-egypt> (accessed 11.14.16).
- Cafariello, J., 2013. Turkey Economic Crisis [WWW Document]. URL <http://www.wealthdaily.com/articles/turkey-economic-crisis/4565> (accessed 11.12.16).
- Cohen, B.J., 2008. International Political Economy: An Intellectual History [WWW Document]. Princet. Univ. Press. URL <http://press.princeton.edu/titles/8665.html> (accessed 6.5.17).
- Coldwell, W., 2016. Turkey's tourism industry counts cost of unrest as holiday bookings fall by 50%. The Guardian.
- Cook, S.A., 2014. Egypt's Solvency Crisis [WWW Document]. Counc. Foreign Relat. URL <http://www.cfr.org/egypt/egypts-solvency-crisis/p32729> (accessed 11.13.16).
- Coşan, B., 2016. Turkey's touristic resorts almost empty as crisis deepens in sector - TOURISM [WWW Document]. Hürriyet Daily News. URL <http://www.hurriyetdailynews.com/Default.aspx?pageID=238&nID=100780&NewsCatID=349> (accessed 11.12.16).
- Crisis in Egypt | International Travel News [WWW Document], 2013. URL <https://www.intltravelnews.com/2013/09/crisis-egypt> (accessed 11.14.16).
- crisis Meaning in the Cambridge English Dictionary [WWW Document], n.d. URL <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/crisis> (accessed 5.23.17).
- Davies, R., 2016. Turkey holiday bookings hit by migrant crisis, Tui says. The Guardian.
- De Beer, B., 2016. Portugal breaks foreign tourist record [WWW Document]. URL <http://www.theportugalnews.com/news/portugal-breaks-foreign-tourist-record/37461> (accessed 6.13.17).
- Definition of CRISIS [WWW Document], n.d. URL <https://www.merriam-webster.com/dictionary/crisis> (accessed 5.23.17).
- Drakos, K., Kutan, A.M., 2003. Regional Effects of Terrorism on Tourism in Three Mediterranean Countries. *J. Confl. Resolut.* 47, 621-641. doi:10.1177/0022002703258198
- Duell, M., 2015. The ghost town of Sharm El Sheikh [WWW Document]. Mail Online. URL <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3338674/How-bombings-political-turmoil-plane-crash-left-Egypt-s-tourism-industry-crisis-millions-stop-visiting-country-s-resorts.html> (accessed 11.14.16).
- Egypt Economy 2016, CIA World Factbook [WWW Document], 2017. URL [http://www.theodora.com/wfbcurrent/egypt/egypt\\_economy.html](http://www.theodora.com/wfbcurrent/egypt/egypt_economy.html) (accessed 3.12.17).
- Egypt profile - Timeline, 2017. . BBC News.
- Egypt Uprising of 2011 | Britannica.com [WWW Document], 2016. URL <https://www.britannica.com/event/Egypt-Uprising-of-2011> (accessed 11.14.16).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Egypt's Economic Crisis, 2012. . N. Y. Times.

Egypt's tourism industry hit by crisis - Al Jazeera English [WWW Document], 2013. URL <http://www.aljazeera.com/video/middleeast/2013/08/20138236265357775.html> (accessed 11.14.16).

Entenda melhor a crise econômica de Portugal [WWW Document], 2011. . Economia. URL <http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/04/entenda-melhor-a-crise-economica-de-portugal.html> (accessed 6.5.17).

Evans-Pritchard, A., 2014. Portugal banking crisis sends tremors through Europe.

Faget, J., 2015. Portugal dá sinais de melhora econômica, mas crise social prossegue [WWW Document]. DW.COM. URL <http://www.dw.com/pt-br/portugal-d%C3%A1-sinais-de-melhora-econ%C3%B4mica-mas-crise-social-prossegue/a-18276826> (accessed 6.5.17).

Fahim, K., 2014. Egyptian Tourism's Message to World: Come Anyway. N. Y. Times.

Falkner, R., 2011. International political economy.

Feridun, M., 2011. Impact of terrorism on tourism in Turkey: empirical evidence from Turkey. Appl. Econ. 3349-3354. doi:10.1080/00036841003636268

Fernandes, D., 2011. BBC Brasil - Notícias - Crescimento do turismo atenua crise na Europa [WWW Document]. URL [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/10/111025\\_turismo\\_df\\_is.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/10/111025_turismo_df_is.shtml) (accessed 6.14.17).

Feteha, A., 2016. Egypt's Tourism Collapse Stretches From the Pyramids to the Beach. Bloomberg.com.

Focus Economics, 2017. Egypt Economy - GDP, Inflation, CPI and Interest Rate [WWW Document]. Focus. Econ. Forecasts Worlds Lead. Econ. URL <http://www.focus-economics.com/countries/egypt> (accessed 3.12.17).

Gandra, H., n.d. Economic Crisis in Portugal: Euroscepticism. Econ. Crisis Port. Euroscepticism 21.

Gayle, D., 2016. Unrest slows UK travel to Egypt, Tunisia and Turkey. The Guardian.

Good one to know! [WWW Document], n.d. . BusinessDictionary.com. URL <http://www.businessdictionary.com/definition/tourism.html> (accessed 1.29.17).

Goodbye, "Republic," 2016. . The Economist.

Hacaoglu, S., Ant, O., Courcoulas, C., 2016. Foreign Tourists Stay Away From Turkey in Record Numbers. Bloomberg.com.

Henderson, B., 2013. Egypt timeline: from revolution to the current crisis [WWW Document]. URL <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/egypt/10156802/Egypt-timeline-from-revolution-to-the-current-crisis.html> (accessed 11.14.16).

Hilmi, N., Safa, A., Reynaud, S., 2012. Coral Reefs and Tourism in Egypt's Red Sea. Top. Middle East. Afr. Econ.

Ibrahim, M.K., 2011. The effect of the economic crisis on Egypt's economy.

- Karagöl, E.T., 2013. The Turkish Economy During the Justice and Development Party Decade. *Insight Turk*. Vol. 15, 115-129.
- Kayaoğlu, B., 2015. What's the greatest risk to Turkey's economy? [WWW Document]. *Al-Monit*. URL <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/08/turkey-economy-political-uncertainties-greatest-risk.html> (accessed 11.12.16).
- Keskin, H., Kiriş, H.M., Şentürk, C., Demirel, O., n.d. ECONOMIC AND POLITICAL INTERACTION OF 2001 CRISIS: IMPLICATIONS FOR 2008 RECESSION? *ResearchGate*.
- Kingsley, P., 2014a. Tourist desert - Egypt desperate to woo back visitors after years of unrest. *The Guardian*.
- Kingsley, P., 2014b. Egypt's tourism revenues fall after political upheavals. *The Guardian*.
- Kingsley, P., 2013. Egypt "suffering worst economic crisis since 1930s." *The Guardian*.
- Korotayev, A., Zinkina, J.V., 2011. Egyptian revolution: a demographic structural analysis. *Entelequia Rev. Interdiscip.* 139-169.
- Kortam, H., Masriya, A., 2015. Egypt's Tourism in Crisis: Number of Tourists to Drop by 13 Percent. *Egypt. Str.*
- Kozok, F., Hacaoglu, S., Ant, O., 2016. Beaches and Bars Lose Allure in Turkey as Bombings Fray Nerves. *Bloomberg.com*.
- Lowen, M., 2016. Turkey tourism: an industry in crisis [WWW Document]. *BBC News*. URL <http://www.bbc.com/news/world-europe-36549880> (accessed 11.13.16).
- Lowrey, A., 2011. Protesting on an Empty Stomach. *Slate*.
- Lynch, S., 2013. Egypt's tourism still in decline after uprising [WWW Document]. *USA TODAY*. URL <http://www.usatoday.com/story/news/world/2013/04/03/egypt-tourism-declines/2051249/> (accessed 12.27.16).
- Lynn, M., 2015. Forget Greece, Portugal is the eurozone's next crisis [WWW Document]. *MarketWatch*. URL <http://www.marketwatch.com/story/forget-greece-portugal-is-the-eurozones-next-crisis-2015-06-24> (accessed 6.5.17).
- Macovei, M., 2009. Growth and economic crises in Turkey: leaving behind a turbulent past. *Econ. Pap.* 386. doi:10.2765/2888
- Manfreda, P., 2014. Current Situation in Egypt: What's Currently Happening in Egypt? [WWW Document]. *Aboutcom News Issues*. URL <http://middleeast.about.com/od/egypt/tp/Current-Situation-In-Egypt.htm> (accessed 11.14.16).
- Marcus, J., 2013. Egypt's political unrest causes regional concern. *BBC News*.
- Martin, J., 2013. Egypt's Economic Challenges [WWW Document]. *Middle East Inst.* URL <http://www.mei.edu/content/egypt%E2%80%99s-economic-challenges> (accessed 11.13.16).
- Mayerowitz, S., 2011. Unrest hits Egypt during high tourist season [WWW Document]. *msnbc.com*. URL <http://www.nbcnews.com/id/41351339/ns/travel-news/t/unrest-hits-egypt-during-high-tourist-season/> (accessed 11.14.16).

- Middleton, V., 2015. Tourism Definitions [WWW Document]. URL <http://www.tourismsociety.org/page/88/tourism-definitions.htm> (accessed 1.29.17).
- Mullen, J., 2016. Istanbul airport attack: A fresh blow to tourism in Turkey [WWW Document]. CNNMoney. URL <http://money.cnn.com/2016/06/29/news/economy/istanbul-airport-attack-turkey-tourism-crisis/index.html> (accessed 11.12.16).
- Nagarajan, K.V., 2013. Egypt's Political Economy and the Downfall of the Mubarak Regime. *International J. Humanit. Soc. Sci.* 3.
- Neumayer, E., Plümper, T., 2016. Spatial spill-overs from terrorism on tourism: Western victims in Islamic destination countries. *Public Choice* 195-206. doi:10.1007/s11127-016-0359-y
- Nicholson, J., 2013. How Not To Handle A Tourism Crisis: Lessons From Egypt. *Huffington Post*.
- Öztürk, İ., 2011. Political economy of Erdogans success story in Turkey.
- Pedroso, P., 2014. Portugal and the Global Crisis.
- Pelo menos 22 mortos numa explosão em catedral copta no Cairo [WWW Document], 2016. . DN. URL <http://www.dn.pt/mundo/interior/pelo-menos-22-mortos-em-explosao-numa-catedral-copta-no-cairo-5545935.html>
- Petroff, A., 2016. Millions of tourists too scared to visit these countries [WWW Document]. CNNMoney. URL <http://money.cnn.com/2016/06/02/news/travel-flight-holiday-egypt-turkey/index.html> (accessed 11.14.16).
- Pettinger, T., 2012. Portugal Economic Crisis | Economics Help [WWW Document]. URL <http://www.economicshelp.org/blog/6423/economics/portugal-economic-crisis/> (accessed 6.5.17).
- Pollard, R., 2012. Political crisis pains Egyptian tourism [WWW Document]. *Syd. Morning Her.* URL <http://www.smh.com.au/world/political-crisis-pains-egyptian-tourism-20121221-2brhn.html> (accessed 11.14.16).
- Pombo, C., 2016. Pelo menos 25 mortos em ataque a catedral copta no Cairo [WWW Document]. *Expresso*. URL <http://expresso.sapo.pt/internacional/2016-12-11-Pelo-menos-25-mortos-em-ataque-a-catedral-copta-no-Cairo>
- Popova, N., 2011. The Crisis in Egypt: Effects on the Travel and Tourism Industry. *Euromonitor Int. Blog*.
- PORDATA - Taxa de desemprego: total e por sexo (%) - Portugal [WWW Document], n.d. URL <http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+%28percentagem%29-550> (accessed 6.8.17).
- Portugal - Crise em Portugal é anterior à crise geral [WWW Document], 2012. . DN. URL <http://www.dn.pt/economia/dinheiro-vivo/interior/crise-em-portugal-e-anterior-a-crise-geral-2223625.html> (accessed 6.5.17).
- Portugal - Economia [WWW Document], n.d. URL <http://www.portugal-live.net/p/essencial/economy.html> (accessed 6.5.17).

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Portugal está superando crise econômica sem recorrer a fórmulas de austeridade, diz Economist, 2017. . BBC Bras.

Rodrigues, P.G., 2011. O que é o PMI?

Russell, A., 2011. The Arab Spring| Extra-National Information Flows, Social Media and the 2011 Egyptian Uprising. Int. J. Commun. 5, 10.

Saleh, H., 2009. Tourism in Egypt suffers crisis.

Sears, N., 2016. Egypt tourism in meltdown as British airlines refuse to fly to Sharm [WWW Document]. Mail Online. URL <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3381626/Egypt-tourism-meltdown-British-airlines-refuse-fly-Sharm-plane-bomb.html> (accessed 11.14.16).

Sillars, J., 2013. Egypt: Tourism Hit Amid Economic Crisis [WWW Document]. Sky News. URL <http://news.sky.com/story/egypt-tourism-hit-amid-economic-crisis-10441198> (accessed 11.14.16).

Singh, M., 2013. Egypt's Economic Crisis: How to Help Cairo Help Itself [WWW Document]. URL <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/egypts-economic-crisis-how-to-help-cairo-help-itself> (accessed 11.13.16).

Tadros, S., 2014. Egypt's Crisis Leaves Tourism Industry Struggling [WWW Document]. Sky News. URL <http://news.sky.com/story/egypts-crisis-leaves-tourism-industry-struggling-10382385> (accessed 11.14.16).

Temiz, D., Gokmen, A., 2009. THE 2000-2001 FINANCIAL CRISIS IN TURKEY AND THE GLOBAL ECONOMIC CRISIS OF 2008-2009: REASONS AND COMPARISONS. Int. J. Soc. Sci. HUMANITY Stud. 1.

The Substitution Effect in Macroeconomics: Definition & Example - Video & Lesson Transcript, n.d.

The World Bank, n.d. International tourism, number of arrivals | Data [WWW Document]. URL <http://data.worldbank.org/indicator/ST.INT.ARVL?end=2014&locations=TR&start=1995&view=chart> (accessed 12.26.16a).

The World Bank, n.d. International tourism, number of arrivals | Data [WWW Document]. URL <http://data.worldbank.org/indicator/ST.INT.ARVL?locations=PT> (accessed 12.26.16b).

The World Bank, n.d. International tourism, number of arrivals | Data [WWW Document]. URL <http://data.worldbank.org/indicator/ST.INT.ARVL?locations=EG> (accessed 12.26.16c).

Timeline: Egypt's revolution - Al Jazeera English [WWW Document], 2011. URL <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112515334871490.html> (accessed 11.13.16).

Tourism activity is increasing [WWW Document], 2017. URL <http://m.algarve24.pt/en/news/tourism-activity-increasing/2017-05-11> (accessed 6.13.17).

tourist, n.d. . Free Dict.

tourist Meaning in the Cambridge English Dictionary [WWW Document], n.d. URL

<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/tourist> (accessed 5.23.17).

Turismo resiste à crise, mas é preciso melhorar a atratividade [WWW Document], 2015. .

Notícias Ao Minuto. URL

[https://www.noticiasao minuto.com/n/343255/?utm\\_medium=social&utm\\_source=facebook.com&utm\\_campaign=buffer&utm\\_content=geral](https://www.noticiasao minuto.com/n/343255/?utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer&utm_content=geral) (accessed 6.14.17).

Turkey locks up dissidents, 2016. . The Economist.

Ugurlu, T., 2010. Definintion of Tourism (UNWTO Definition of Tourism) / What Is Tourism ? -

Tugberk Ugurlu's Blog [WWW Document]. URL

<http://www.tugberkugurlu.com/archive/definintion-of-tourism-unwto-definition-of-tourism-what-is-tourism> (accessed 1.29.17).

Veseth, M., n.d. What is International Political Economy?

Veseth, M.A., Balaam, D.N., n.d. political economy [WWW Document]. Encycl. Br. URL

<https://www.britannica.com/topic/political-economy> (accessed 6.3.17).

Vyatkin, V., 2016. Turkey's Tourist Industry Collapses as 1,300 Hotels Go on Sale [WWW

Document]. URL <https://sputniknews.com/business/201602011034052900-turkey-tourist-industry/> (accessed 11.13.16).

Walsh, D., 2016. Where's My Mercedes? Egypt's Financial Crisis Hits the Rich. N. Y. Times.

Weheba, D., 2013. The Effects of Egyptian Tourism Crisis on the Hospitality Industry [WWW Document]. URL

[https://www.academia.edu/6410666/The\\_Effects\\_of\\_Egyptian\\_Tourism\\_Crisis\\_on\\_the\\_Hospitality\\_Industry](https://www.academia.edu/6410666/The_Effects_of_Egyptian_Tourism_Crisis_on_the_Hospitality_Industry) (accessed 11.14.16).

What is crisis? definition and meaning [WWW Document], n.d. . BusinessDictionary.com. URL

<http://www.businessdictionary.com/definition/crisis.html> (accessed 5.23.17).

What is substitution effect? definition and meaning [WWW Document], n.d. .

BusinessDictionary.com. URL

<http://www.businessdictionary.com/definition/substitution-effect.html> (accessed 5.23.17).

What is Substitution Effect? definition and meaning [WWW Document], n.d. .

InvestorWords.com. URL

[http://www.investorwords.com/16793/substitution\\_effect.html](http://www.investorwords.com/16793/substitution_effect.html) (accessed 5.23.17).

## 8. Anexos

	2011	2012	2013	2014	2015
Population (million)	80.4	82.4	84.7	86.7	88.4
GDP per capita (USD)	2,935	3,354	3,376	3,478	3,74
GDP (USD bn)	236	276	286	302	331
Economic Growth (GDP, annual variation in %)	1.8	2.2	2.0	2.2	4.2
Consumption (annual variation in %)	5.5	6.5	2.8	4.1	2.8
Investment (annual variation in %)	-	-	-	-	-
Industrial Production (annual variation in %)	-0.2	2.9	0.7	-8.5	9.3
Unemployment Rate	12.0	12.7	13.3	13.2	12.8
Fiscal Balance (% of GDP)	-9.8	-10.8	-13.7	-12.1	-11.5
Public Debt (% of GDP)	82.1	79.0	89.0	90.6	88.0
Money (annual variation in %)	6.7	12.4	18.9	15.8	18.6
Inflation Rate (CPI, annual variation in %, eop)	9.5	4.7	11.7	10.1	11.1
Inflation Rate (CPI, annual variation in %)	10.1	7.1	9.5	10.1	10.4
Policy Interest Rate (%)	9.25	9.25	8.25	9.25	9.25
Exchange Rate (vs USD)	6.03	6.36	6.95	7.15	7.83
Exchange Rate (vs USD, aop)	5.95	6.07	6.87	7.08	7.71
Current Account (% of GDP)	-2.6	-3.7	-2.2	-0.9	-3.7
Current Account Balance (USD bn)	-6.1	-10.1	-6.4	-2.7	-12.2
Trade Balance (USD billion)	-27.1	-34.1	-30.7	-34.1	-39.0
Exports (USD billion)	27.0	25.1	27.0	26.1	22.2
Imports (USD billion)	54.1	59.2	57.7	60.2	61.2
Exports (annual variation in %)	13.1	-7.1	7.6	-3.2	-15.1
Imports (annual variation in %)	10.4	9.5	-2.6	4.3	1.6
International Reserves (USD)	26.6	15.6	15.0	16.7	20.1
External Debt (% of GDP)	14.8	12.4	15.1	15.3	14.

Tabela 3 - Informação económica do Egito de 2011 a 2015 (Focus Economics, 2017)

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

**TABLE 4.1.1: SUMMARY OF FISCAL STIMULUS PACKAGE**

	2002	2003	2006	2007	2008	2009	2010	2011(e)	2012(p)	2013(p)
<b>Total revenue and grants</b>	<b>20.5</b>	<b>21.4</b>	<b>24.5</b>	<b>24.2</b>	<b>24.7</b>	<b>27.1</b>	<b>22.2</b>	<b>21.8</b>	<b>21.8</b>	<b>20.6</b>
<b>Tax revenue</b>	12.8	12.7	15.2	14.8	14.8	15.3	13.9	13.6	12.8	12.1
<b>Oil revenue</b>	0.5	7.3	8.3	0.6	9.2	10.7	7.7	7.7	7.7	7.7
<b>Total expenditure and net lending (a)</b>	<b>30.3</b>	<b>30.5</b>	<b>33.6</b>	<b>29.8</b>	<b>31.5</b>	<b>33.7</b>	<b>30.3</b>	<b>31.2</b>	<b>30.3</b>	<b>29.1</b>
<b>Current expenditure</b>	25.1	25.6	30.2	26.4	27.7	29.6	26.3	27.8	27	25.9
<b>Excluding interest</b>	19.4	19.5	24.2	20	22.1	24.5	20.3	20.9	20.3	19.7
<b>Wages and salaries</b>	8	8.1	7.6	7	7	7.3	7.1	7.3	6.8	6.5
<b>Interest</b>	5.7	6.2	6.0	6.4	5.6	5.1	6	6.9	6.7	6.2
<b>Primary balance</b>	<b>-4</b>	<b>-2.9</b>	<b>-3.2</b>	<b>0.8</b>	<b>-1.2</b>	<b>-1.6</b>	<b>-2.1</b>	<b>-2.5</b>	<b>-1.8</b>	<b>-2.3</b>
<b>Overall balance</b>	<b>-9.7</b>	<b>-9.1</b>	<b>-9.2</b>	<b>-5.6</b>	<b>-6.8</b>	<b>-6.6</b>	<b>-8.1</b>	<b>-9.4</b>	<b>-8.5</b>	<b>-8.5</b>

Tabela 4- estímulos fiscais no Egito de 2002 a 2013 (Badru, n.d., p. 15)

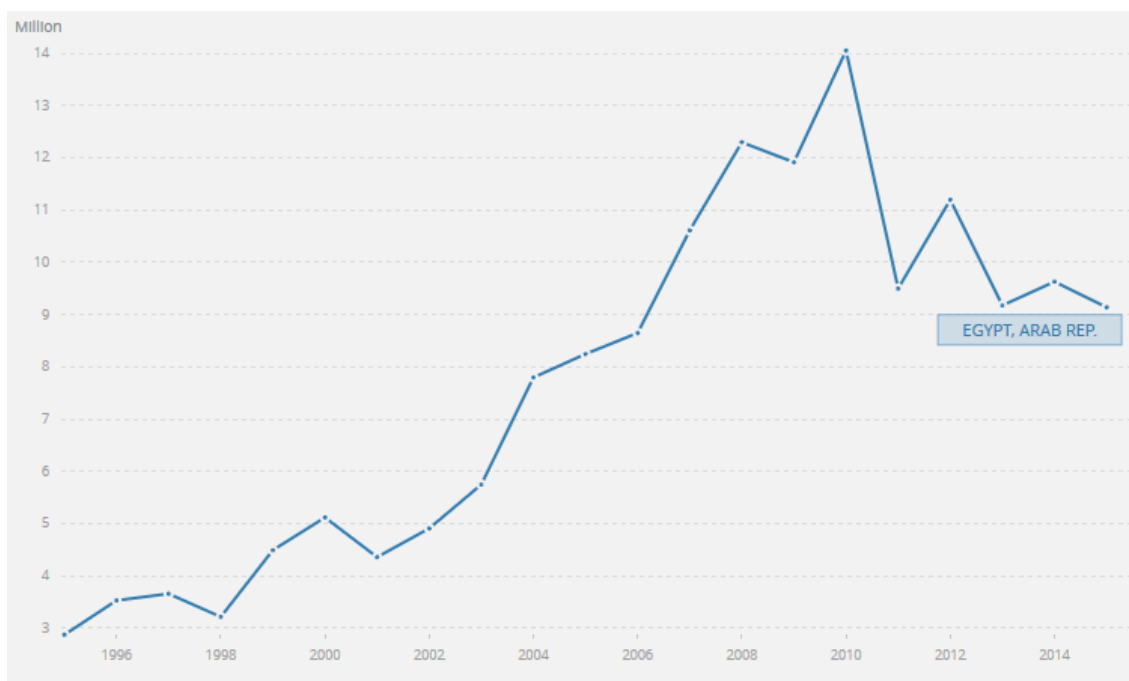


Gráfico 21 - Evolução do número de turistas no Egito (The World Bank, n.d.)

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

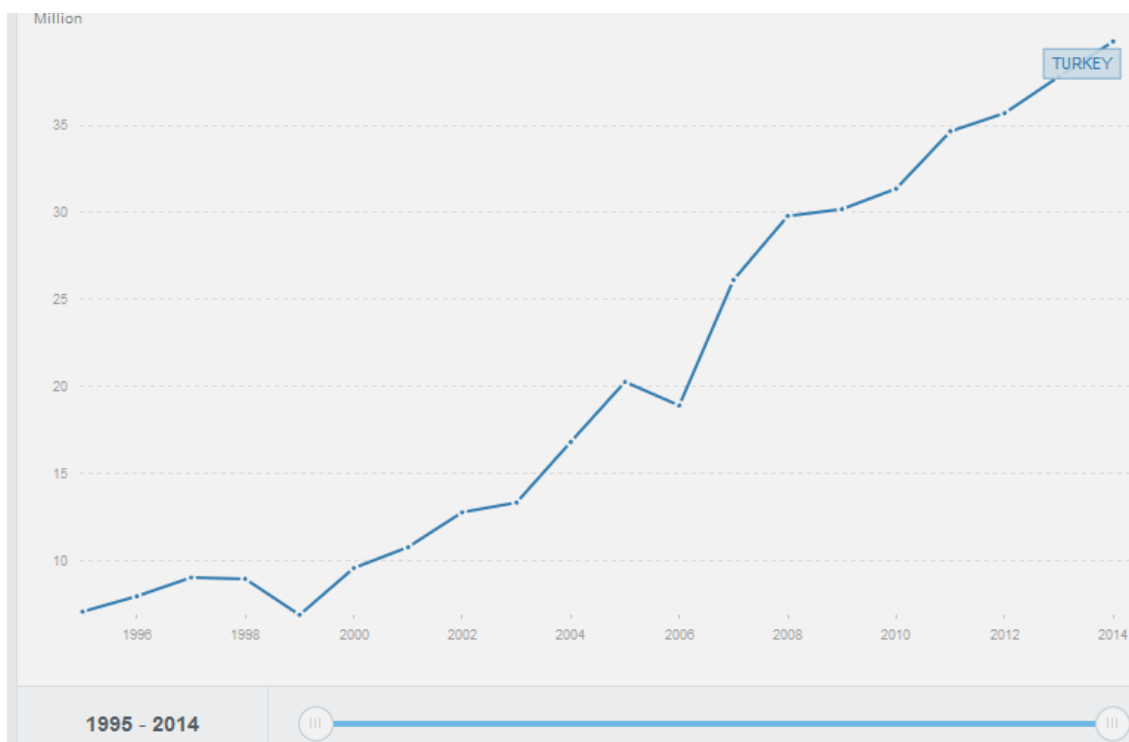


Gráfico 22 - Evolução do número de turistas na Turquia (The World Bank, n.d.)

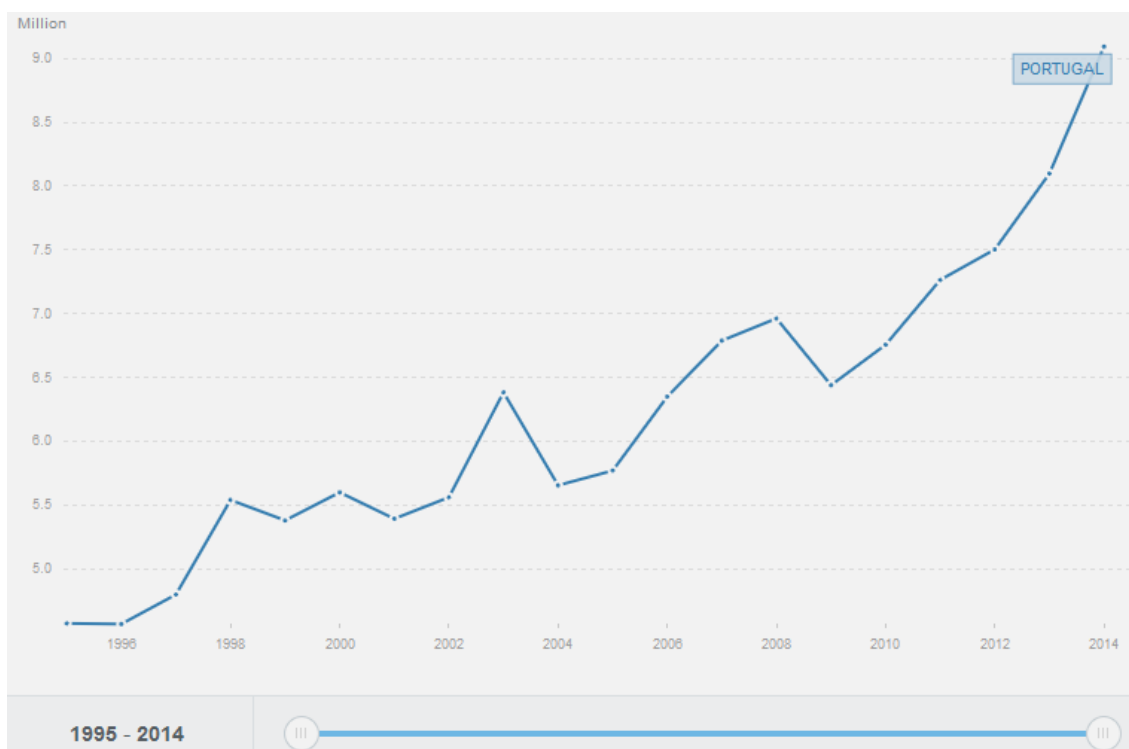
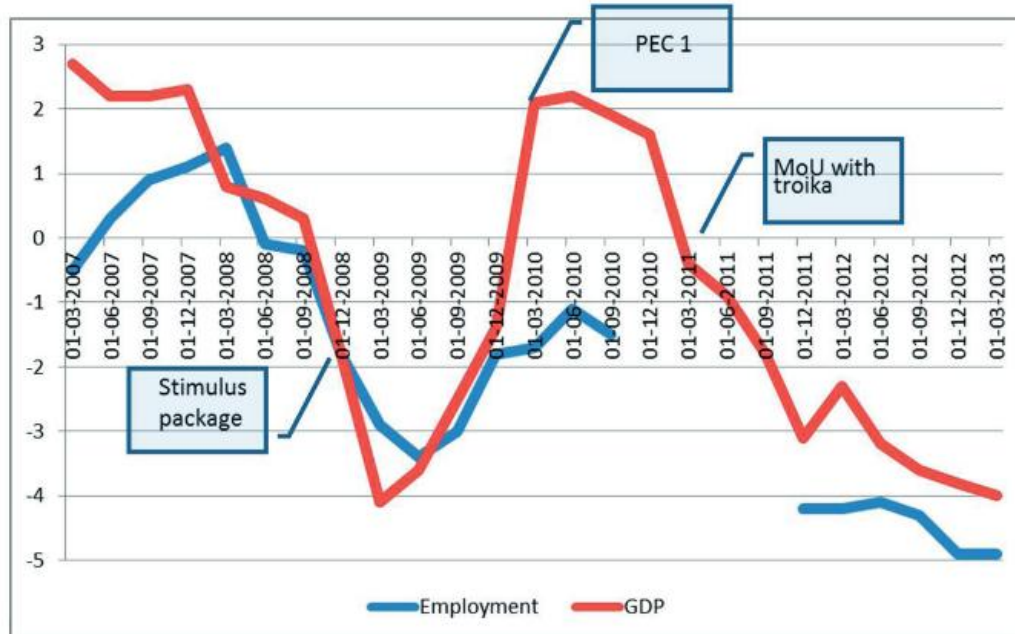


Gráfico 23 - Evolução do número de turistas em Portugal (The World Bank, n.d.)

O impacto das crises político-económicas pós-2008 no Egito e na Turquia, na escolha do Algarve como destino turístico

Chart 4: Rates of change in GDP and employment (Q1/2007 – Q1/2013)



Source: Eurostat.

Gráfico 24- Taxa de crescimento do PIB e emprego português de 2007 a 2013 (Pedroso, 2014, p. 10)



## Questionnaire/Survey

I'm a masters student in International Relations from the Universidade da Beira Interior (UBI) also working as a trainee in Hotel Penina & Golf Resort. The purpose of this questionnaire/survey is to understand the impact of crisis (political, economic and social), with emphasis on Turkey and Egypt, when it comes the time of choosing a vacation destination.

This questionnaire/survey is anonymous and will only be used in statistics for my master's final report.

In advance, I would like to thank you for your time and help. When you have concluded your questionnaire/survey, please drop it of in the Front-Office.

*Mariana Castanho*

**Please select only one option per question (except if indicated)**

**Age:**

- 18 to 30 years     31 to 50 years     51 to 65 years     >66 years

**Gender:**

- Male     Female

**Nationality:** \_\_\_\_\_

**1- What do you look for in a vacation destination?**

- Historical/Cultural (monuments, galleries, gastronomy, wines,...) (A)  
 Geographical (weather, beach, mountains,...) (B)  
 Stability (social, political, ...) (C)  
 Adventure (D)

**2- If a country is experiencing conflicts, even if not in the exact place in which you are, do you considerate it safe?**

- Yes (A)  
 No (B)  
 Maybe, but I would still be cautious (C)

Implemented by: Mariana Castanho  
Approved by: Hotel Management

**3- If the media from the country say is safe to go on vacations, would you go? Regardless any other information?**

- Yes (A)
- No (B)
- Maybe, but I would still be cautious (C)

**4- From the countries listed, which is your favourite tourism destination? Please list from 1 to 3, being 1 the favourite.**

- Egypt (A)
- Turkey (B)
- Portugal (Algarve) (C)

**5- Considering the present situation in Turkey and Egypt, would you still go on vacations to these countries?**

- Yes (A)
- No (B)
- Maybe, but I would still be cautious (C)

**5.1- If no, which continent would you rather go to? Please list from 1 to 6, being 1 the favourite.**

- South of Europe (A)
- Asia (B)
- America (C)
- Africa (D)
- I wouldn't travel (E)
- Other : \_\_\_\_\_ (F)

**6- If the situation changed would you still choose Portugal?**

- Yes (A)
- No (B)
- Not sure (C)

**If you would like to add anything else please use the lines below:**

---

---

---

7 OUT. 2016  
10071



Anexo 2 - Protocolo

## PROTOCOLO DE ESTÁGIO

Entre:

A **Universidade da Beira Interior**, com sede em Convento de Santo António, 6201-001 Covilhã, pessoa coletiva n.º 502 083 514, representada neste ato pelo Professor Doutor João Canavilhas na qualidade de Vice-Reitor da Universidade da Beira Interior, como primeiro outorgante, adiante designada por UBI, **Universidade da Beira Interior**;

O **Sociedade Turística da Penina SA**, com sede social na Penina Hotel & Resort P. Box 146, 8501-952 Portimão, pessoa coletiva n.º 500269270 representada neste ato pela Dr.ª Antonina Oliveira na qualidade de Diretora de Recursos Humanos, como segundo outorgante, adiante designado por **Entidade de Acolhimento**;

E **Mariana Tavares Valério Castanho**, estudante de Mestrado em Relações Internacionais da Universidade da Beira Interior, com o cartão de cidadão n.º **14546025**, residente em Rua Padre António Infante, N.º 1, 7300-400 Ribeira de Nisa, como terceiro outorgante, adiante designado por **Estagiário**;

Considerando que:

- a) Esta formação deverá contribuir para o desenvolvimento das organizações e da sociedade em geral;
- b) O intercâmbio entre as Universidades e as organizações é um instrumento fundamental para promover um melhor ajustamento entre a oferta e procura de emprego;
- c) A vivência organizacional tem um carácter formativo, o qual é fundamental para o desenvolvimento e consolidação das competências técnicas e sociais dos diplomados;
- d) O acolhimento de jovens portadores de novas ideias e conhecimentos na área das Ciências do Desporto pode contribuir para o desenvolvimento competitivo das organizações ligadas ao Desporto;
- e) As entidades empregadoras podem beneficiar de uma mais fácil integração de novos quadros quando optam pela contratação dos seus Estagiários.

é celebrado o presente protocolo de colaboração nos termos das cláusulas seguintes:

### Cláusula Primeira Objetivo

1. O Segundo Outorgante proporcionará um Estágio Curricular nas suas instalações ao terceiro outorgante designado por Estagiário;

2. O Segundo Outorgante facultará ao Estagiário os conhecimentos técnicos e administrativos, a assistência e aconselhamento indispensáveis à consecução da formação a ministrar, sendo objetivo do presente Estágio proporcionar ao Estagiário um contacto com o mundo do trabalho, facilitando a sua integração no mesmo através da sua participação nas diversas atividades desenvolvidas pela organização.

### **Cláusula Segunda**

#### **Local, Horário e Período de Estágio**

O Estágio decorrerá nas instalações do Segundo Outorgante em Penina Hotel & Resort, com início em 03 de outubro de 2016 e termo em 28 de fevereiro de 2017 e horário definido pelo Segundo Outorgante com o acordo do Estagiário.

### **Cláusula Terceira**

#### **Obrigações do Estagiário**

1. São obrigações do Estagiário realizar as suas tarefas com zelo e diligência e designadamente:

- a) Realizar o Estágio com empenhamento, interesse, assiduidade e pontualidade;
- b) Elaborar relatórios intercalares das atividades desenvolvidas sempre que solicitados pelos respetivos tutor e coordenador;
- c) Zelar pela boa conservação dos equipamentos e demais bens que lhe sejam disponibilizados pela Entidade de Acolhimento;
- d) Tratar com urbanidade, respeitar e fazer-se respeitar por todos os colaboradores da Entidade de Acolhimento, bem como os que com esta se relacionem;
- e) Guardar sigilo de informações e conhecimentos relacionados com a atividade da Entidade de Acolhimento que esta entenda como confidencial;
- f) Justificar e, se possível, avisar antecipadamente a Entidade de Acolhimento de todas as ausências na atividade do Estágio;
- g) Contribuir com todo o seu conhecimento para o bom desempenho da Entidade de Acolhimento.

2. Em caso de incumprimento ou de comportamento inadequado, a Entidade de Acolhimento pode, em qualquer altura, dar o Estágio por terminado, comunicando esse facto ao Departamento de Ciências do Desporto da Universidade da Beira Interior, suspendendo de imediato o Estágio.

### **Cláusula Quarta**

#### **Coordenação e Acompanhamento do Estágio**

1. O Estagiário, no desempenho da sua atividade de estágio, será coordenado e acompanhado por um Quadro da Organização de Acolhimento, a designar por esta e pelo Gabinete de Internacionalização e Saídas Profissionais.

2. O Estagiário será acompanhado por um orientador, selecionado dentro dos docentes do departamento onde é oriundo, tendo que no final do estágio apresentar relatório do mesmo.

3. As atividades a desenvolver pelo Estagiário constarão de um plano de estágio a elaborar pelo Estagiário sujeito ao acordo do coordenador e do tutor do Estágio.

### **Cláusula Quinta** **Disposições Finais**

1. O presente protocolo não é renovável e caducará automaticamente sem necessidade de qualquer comunicação, no termo do prazo fixado na cláusula segunda.
2. O presente protocolo está de acordo com o estipulado no n.º 1 do Decreto-Lei n.º 66/2011, de 1 de junho, e com o Despacho 60/R/2011 — Regulamento de Estágios Curriculares.
3. Qualquer das partes poderá denunciar imediatamente o presente protocolo, caso a outra não cumpra qualquer uma das suas disposições através de notificação feita à contraparte, por modo adequado.
4. A celebração deste protocolo não gera qualquer vínculo laboral entre o Estagiário e a Entidade de Acolhimento.
5. O Estagiário, enquanto estudante, está protegido pelo Seguro de Acidentes Pessoais Escolar, apólice n.º 96.00054038 da Açoreana Seguros e manterá o estatuto que tenha enquanto estudante. Este seguro protege o Estagiário contra riscos de eventualidades, que possam ocorrer durante e por causa das atividades correspondentes ao Estágio Curricular, bem como nas deslocações entre a residência e o local de Estágio.
6. A alteração, supressão ou aditamento de qualquer cláusula, apenas são validas se reduzidas a documento escrito assinado pelos Outorgantes.

Este protocolo de estágio é feito em triplicado sendo um exemplar entregue a cada um dos Outorgantes.

UBI e Covilhã, 26 de setembro de 2016


**O PRIMEIRO OUTORGANTE**

  
\_\_\_\_\_  
Professor Doutor João Manuel Messias Canavilhas  
Vice-Reitor da Universidade da Beira Interior

**O SEGUNDO OUTORGANTE**

  
\_\_\_\_\_  
Dr.ª Antonina Oliveira  
Diretora de Recursos Humanos

**O TERCEIRO OUTORGANTE**

  
\_\_\_\_\_  
Mariana Tavares Valério Castanho  
Estagiário